

Pierre Hourcade e a descoberta de Fernando Pessoa: novas cartas e outros escritos

Fernando Carmino Marques*

Keywords

Pierre Hourcade, Fernando Pessoa, French-speaking countries, João Gaspar Simões, critical analysis.

Abstract

This article intends to focus on and highlight the historical contribution of Pierre Hourcade to the knowledge and dissemination of the poetic work of Fernando Pessoa abroad, particularly in French-speaking countries. Hourcade, who had the privilege to share life experiences in Lisbon with the Portuguese poet, to whom he became a friend, between 1930 and 1935, was not only his first translator but also a pioneer by stating, in several articles published since 1930, that Pessoa was the most important of the Portuguese poets and one of the most outstanding in world poetry. Because of his relationship with Fernando Pessoa, Pierre Hourcade's view of him as a man and as an artist is of high relevance as a reference in Pessoa's poetic universe.

Palavras-chave

Pierre Hourcade, Fernando Pessoa, Países de língua francesa, João Gaspar Simões, análise literária.

Resumo

Este artigo tem por finalidade assinalar o contributo histórico de Pierre Hourcade para o conhecimento e a divulgação da obra poética de Fernando Pessoa no estrangeiro, nomeadamente nos países de língua francesa. Hourcade, que teve o privilégio de conviver em Lisboa com o poeta, de quem era amigo, entre 1930 e 1935, foi não somente o seu primeiro tradutor mas também um pioneiro ao afirmar, em vários artigos, publicados desde 1930, que Pessoa era o mais importante dos poetas portugueses e um dos maiores nomes da poesia mundial. Pelo seu relacionamento com Fernando Pessoa, a visão de Pierre Hourcade sobre o homem e a obra constitui uma referência imprescindível no universo pessoano.

* UDI – Instituto Politécnico da Guarda.

Sou facil de definir.

*Vi como um damnado.*¹

O primeiro encontro de que há notícia entre Fernando Pessoa e Pierre Hourcade data de fevereiro de 1930², ou seja pouco tempo depois de Hourcade ter conhecido em Coimbra os membros da revista *Presença*³. No mês seguinte, Pessoa oferece-lhe um exemplar de *Antinous*, por ele editado em 1918, referindo na dedicatória que o valor do folheto é puramente, “et encore”, bibliográfico.

Se estes são os primeiros encontros de que há notícia, não é de todo improvável que outros se tenham realizado, pois as expressões utilizadas pelo poeta na dedicatória, frases como “Mon cher Pierre Hourcade” e “Salut Atlantique” confirmam esta impressão.⁴

Seja como for, marcado por um desses encontros, Hourcade publica em junho desse mesmo ano, na revista mensal parisiense *Contacts*, um artigo de três páginas que constitui a primeira referência conhecida à obra de Fernando Pessoa em França (*Contacts*, n.º 3, juin de 1930: 42-44). O artigo só lhe terá chegado às mãos a Pessoa cerca de um ano depois, conforme se pode ler em carta a Gaspar Simões de 4 de abril de 1931, em que aquele diz que gostaria de conhecer esse texto (PESSOA, 1998: 153). Nessa carta, Pessoa mostra-se surpreendido ao ler na *Presença* a tradução de um artigo que Hourcade tinha publicado nos *Cahiers du Sud*, “Défense et illustration de la poésie portugaise”, e pede então expressamente a Gaspar Simões que lhe escreva a Hourcade para que este não o julgue ingrato:

Peço-lhe, em todo o caso, o favor de escrever logo que possa ao Hourcade, dizendo-lhe [que] nunca me mostraram [...] traduções algumas de poemas meus. [...] O que eu não quero é que o Hourcade julgue que tomei conhecimento das traduções e não lhe disse nada, nem directa nem indirectamente [...] Peço-lhe, pois, instantemente que, logo que possa, transmita ao Hourcade a noticia da minha ignorancia das traduções, enviando-lhe, ao mesmo tempo, os meus agradecimentos e as minhas lembranças affectuosas.

(PESSOA, 1998: 153-154)

¹ Versos do poema inconjuncto que começa “Se, depois de eu morrer, quizerem escrever a minha biographia”, de Alberto Caeiro; ver PESSOA (2016, 92).

² Num artigo publicado na revista *Artes y Letras* da Universidade de Nuevo Leon, no México, onde se encontrava desde 1962, exercendo as funções de diretor do Institut Français d’Amérique Latine, HOURCADE (1963) situa em fevereiro o primeiro encontro que teve com Pessoa.

³ Hourcade preparava então nessa cidade, numa perspetiva comparatista, a sua tese de “fin d’études”, um estudo sobre as influências francesas na obra do poeta Guerra Junqueiro, estudo publicado em Paris, em 1932, nas edições Les Belles Lettres.

⁴ A dedicatória é a seguinte: “Cette édition, mon cher Pierre Hourcade, n’a qu’un intérêt bibliographique, et encore... Le poème est remplacé par le même poème, devenu différent dans ‘English Poems, I’. Salut Atlantique!”. Cito a tradução que figura em HOURCADE (2016: 423): “Esta edição, meu caro Pierre Hourcade, só tem interesse bibliográfico, e nem isso... O poema está substituído pelo mesmo poema entretanto diferente em ‘English Poems I’. Salvé Atlântico!”

Depois de uma introdução em que descreve o quadro e o ambiente onde esses encontros se realizavam, Hourcade, no artigo publicado em *Contacts*, sublinha o carácter quase mágico que esses momentos tinham para ele: “Accoudé à la trop haute table de marbre, où fume l’éternel café portugais, je m’exerce à oublier le décor et je n’ai des yeux que pour l’entrée du magicien” (HOURCADE, 1930: 42) [Apoiado numa mesa alta, de mármore, onde fumega o eterno café português, tento esquecer o cenário e concentro-me para a chegada do mágico]⁵. Nesse texto, salienta como Pessoa lhe parecia diferente dos seus contemporâneos portugueses:

Je le craignais petit, mélancolique et noiraud, rivé au nocif enchantement de la “saudade” dont s’intoxique le meilleur de sa race, et je butai tout-à-coup contre le regard le plus vif, un sourire ferme et moqueur, un visage débordant d’une vie secrète.

(HOURCADE, 1930: 42)

[Suspeitava-o baixo, melancólico e moreno, submetido ao nefasto encanto da saudade que intoxica os melhores da sua raça, e dei subitamente com um olhar vivo, um sorriso franco e malicioso, um rosto a transbordar de vida secreta.]

Depois da apresentação do homem seguem-se as primeiras referências à sua obra que Hourcade lembra estar inédita ou dispersa em efémeras revistas: “Fernando Pessoa [...] a dispersé dans d’éphémères revues ou gardé jalousement dans son portefeuille l’œuvre de quatre grands poètes” (HOURCADE, 1930: 42.) [Fernando Pessoa (...) dispersou em efémeras revistas ou guarda ciosamente na sua pasta a obra de quatro grandes poetas].

Hourcade, informado talvez pelo próprio poeta, descreve então as características dos três principais heterónimos⁶ (termo que nunca emprega no artigo em questão) e apresenta sucintamente a poesia de Fernando Pessoa, sempre estabelecendo comparações com autores franceses que lhe eram contemporâneos, para assim evidenciar a originalidade do poeta português que é visto como alguém que realiza o que Gide estabelecera como doutrina. Para Hourcade, Pessoa isola-se da vida, recusa a glória, para não se mutilar a ele próprio: “il s’est isolé de la vie, il s’est refusé la gloire pour ne pas se mutiler” (HOURCADE, 1930: 43) [isolou-se da vida, recusou a fama, para não se mutilar]. Um Pessoa na aparência indiferente ao que dele pensam, bastando-se a si próprio, nada preocupado em iniciar os outros nas “merveilleuses fantaisies de son théâtre secret” (HOURCADE, 1930: 43) [maravilhosas fantasias do seu teatro secreto]. Mas nada impedia Pessoa de falar

⁵ Tradução de Fernando Carmino Marques, tal como as restantes, salvo indicação contrária.

⁶ Tema afluído por Fernando Pessoa na sua “Tábua Bibliográfica” (*Presença*, n.º 17, dezembro de 1928, p. 10) e mais tarde, com mais pormenores, na famosa carta de 13 de janeiro de 1935, a Adolfo Casais Monteiro (*Presença*, n.º 49, Junho de 1937, pp. 1-4).

abertamente sobre os heterónimos a um jovem de 22 anos como era então Hourcade: “[...] et cependant qu’il m’introduit dans les coulisses et consent à me décrire le costume et les mœurs des acteurs [...] je vois son œil briller d’une intense ironie” (HOURCADE, 1930: 43) [(...) e enquanto me descreve os bastidores e consente em definir o traje e os costumes dos atores (...) vejo no seu olhar um intenso brilho de ironia].

Contrariamente aos primeiros críticos portugueses que se obstinavam em querer interpretar a obra a partir do conhecimento psicológico do “caso” Pessoa, Hourcade descreve – seguindo involuntariamente o conselho do próprio poeta para quem a função do crítico consiste em “estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo do homem que o que seja rigorosamente preciso para explicar o artista” (PESSOA, 1998: 153) – as particularidades dos heterónimos que para o crítico são:

Quatre noms, quatre œuvres, dans lesquelles le même homme se perd successivement et tour à tour ressuscite au souffle du moment, quatre incarnations dont chacune vit son existence complète parallèle aux autres, surgit, lutte, triomphe et quelquefois meurt en laissant une œuvre posthume.

(HOURCADE, 1930: 42)

[Quatro nomes, quatro obras em que o mesmo homem sucessivamente se perde e ressuscita conforme a inspiração do momento, quatro encarnações que, ao mesmo tempo que as outras, vivem uma existência completa, surgem, lutam, e algumas morrem deixando uma obra póstuma].

Esta constatação permite-lhe sublinhar a originalidade da poesia de Fernando Pessoa quando afirma, por exemplo, que as fantasias criativas de Pessoa: “laissent bien loin en arrière nos pâles et secs théoriciens d’avant-garde” (HOURCADE, 1930: 44) [deixam muito para trás os nossos pálidos e secos teóricos da vanguarda].

Para além das observações lúcidas de Hourcade sobre a poesia de Pessoa, na altura pouco conhecida (Alberto Caeiro é visto por exemplo como alguém que encarna a consciência aniquiladora de ilusões, ao lirismo desesperadamente forte que arranca o homem do romantismo da natureza humanizada), o que igualmente surpreende, nas três páginas que constituem o artigo, são as informações que Hourcade vai dando sobre a formação dos heterónimos: “Or donc Álvaro de Campos s’égareait encore dans les tâtonnements d’un symbolisme mal dégagé lorsqu’un matin de mars 1914 surgit dans un éclair Alberto Caeiro (HOURCADE, 1930: 43) [Ainda Álvaro de Campos se debatia contra um simbolismo persistente, quando, numa manhã de março 1914, num clarão, surgiu Alberto Caeiro]. Também surpreendem alguns dados sobre a vida do poeta, nomeadamente os seus sucessos escolares em África do Sul. Hourcade parece não apenas ter tido a arte de obter do discreto Fernando Pessoa informações e confidências que o poeta reservava para

os mais íntimos, como revela já um sólido conhecimento da poesia pessoana. O desaparecimento de Alberto Caeiro é visto como: “Une glaciale tempête de lucidité valéryenne soufflant em insistentes rafales à la Péguy, emporta Caeiro comme il était venu” (HOURCADE, 1930: 43) [Uma tempestade glacial de lucidez à maneira de Valéry soprando em insistentes rajadas à maneira de Péguy, levou Caeiro como o tinha trazido]; Álvaro de Campos é visto como um autor que atira a literatura para o lixo; e Ricardo Reis, como uma figura que em elipses lacônicas e inversões que se encadeiam umas nas outras, associa à sensualidade lusitana o frio brilho do metal “mallerméen”. Fernando Pessoa, ele-mesmo, é visto como aquele que baralha as regras do jogo e sem máscara exprime “la plus troublante et la plus libre sincérité” (HOURCADE, 1930: 44) [a mais perturbante e livre sinceridade], opinião que durante muito tempo Hourcade considerou como fundamental para a compreensão do percurso poético pessoano.

Em *Contacts*, Hourcade também sublinha o talento incomparável de Pessoa como tradutor de Shakespeare e Edgar Allan Poe; essas traduções, segundo o então leitor de francês na Universidade de Coimbra, “dépassent de loin toutes les tentatives du même ordre qu’il m’a été donné de connaître jusqu’ici” (HOURCADE, 1930: 44) [ultrapassam de longe todas as tentativas do mesmo género que até agora conheci].

Nos artigos que sucedem ao “Rencontre avec Fernando Pessoa” (1930), o crítico francês insiste na importância da grande maioria dos poemas então inéditos, quase sempre breves, que considera como uma espécie de diário íntimo do poeta. Depois do “Rencontre...”, segue-se uma “Brève introduction à Fernando Pessoa”, que Hourcade publica na revista *Cahiers du Sud*, em janeiro de 1933, muito embora o artigo tivesse sido escrito quase um ano antes, em Coimbra. Se para o artigo publicado em *Contacts* não há conhecimento, até à data, de qualquer reação escrita por parte do poeta português, o mesmo não acontece para “Brève Introduction...”, na medida em que numa carta a Gaspar Simões, um mês depois da sua publicação, Pessoa se mostra agradado e reconhecido pelo artigo que Hourcade sobre ele escrevera: “Muito obrigado pelo empréstimo do exemplar dos *Cahiers du Sud*. Devolver-lh’o-ei na segunda-feira. Não estou, é claro, tão livre de vaidade que não ficasse muito contente com o artigo do Hourcade” (PESSOA, 1998: 210).

Mais extenso que o artigo precedente, “Brève Introduction...” apresenta em seis páginas o ponto de vista de Pierre Hourcade sobre Fernando Pessoa e a interpretação que da sua obra faz.⁷ Logo de início, em três breves linhas, duas afirmações ao mesmo tempo lúcidas e contundentes. Para Hourcade a biografia não ajuda a compreender a obra pessoana: “Fernando Pessoa est de ceux que la

⁷ O artigo inclui a tradução de três poemas de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro (o XIII, o XLIII, o XLIX); as duas últimas estrofes de “O último sortilégio”, de Fernando Pessoa, que a revista francesa atribuiu a Caeiro; e “Apontamento”, de Álvaro de Campos.

biographie ne saurait aider à comprendre ou à interpréter; et d'ailleurs, en ce qui le concerne, elle est ignorée. Le plus digne d'universalité des poètes portugais de ce temps" (HOURCADE 1933: 66) [Fernando Pessoa é daqueles cuja biografia pouco contribui para a sua compreensão ou interpretação, e além disso, no seu caso, dela pouco se sabe. É o mais digno de universalidade dos poetas portugueses].

Com base no conhecimento e no contacto direto que tem com Pessoa, Hourcade avisa os leitores mais apressados, desejosos de confidências, que o poeta pode surpreender, mesmo que nunca pretenda seduzir (cf. "Jamais il ne cherche à séduire, 1933: 67). Além disso, para Hourcade, os poemas que Pessoa assina com o seu próprio nome são tão pessoais como os que escreve recorrendo aos heterónimos: "Parmi les nombreuses œuvres 'hétéronymes', dont il a dissimulé la communauté d'origine derrière quatre ou cinq noms distincts, celles qu'il a signées de son nom véritable, ne sont des révélations ni plus ni moins directes que les autres" (HOURCADE, 1933: 67) [Entre as inúmeras obras "heterónimas" cuja comunidade original ele dividiu entre quatro ou cinco diferentes nomes as que ele assina do seu próprio nome não são nem mais nem menos diretamente reveladoras que as outras]. O que faz que a poesia pessoana nunca seja artificial nem inteiramente sentida é a sua natureza complexa e paradoxal, mas esta característica não impede Hourcade de reconhecer em certos poemas de Pessoa a confissão de uma emoção verdadeira, a expressão poética de um momento de consciência mais agudo da sua situação de homem.

A este propósito, um dos textos mais citados por Hourcade para ilustrar a sua opinião é um poema de Fernando Pessoa, "Sol nulo dos dias vãos", publicado em 1922, mas escrito o dia 15 de Janeiro de 1920, poema em que, segundo Hourcade, todos os portugueses se reveem e sobre o qual confessa ter durante algum tempo refletido para saber se esta era mais uma fingida confidência, afim a de "Ó sino da minha aldeia". Mas em "À descoberta de Fernando Pessoa", palestra proferida em 30 de novembro de 1959, no Teatro da Trindade em Lisboa⁸, conclui, reafirmando a sua primeira impressão, que "Sol nulo..." é uma "poésie d'abandon, mais où la maîtrise de soi garde ses droits" (HOURCADE, 1933: 70) [poesia de abandono, mas na qual o domínio de si prevalece].

Para Hourcade, se à sensibilidade da poesia do "Cancioneiro" de Pessoa ortónimo se junta a angústia de Álvaro de Campos e as confidências de Bernardo Soares, a expressão encontra em Ricardo Reis a sua direta e firme elasticidade, "sans bavardages ni complaisances" (1933: 70) [sem palavreado nem complacência]. As metamorfoses não são mais que a demonstração de uma unidade que se afirma sem contradições em Fernando Pessoa porque: "il y a une unité de Fernando Pessoa qui ne fait que se développer sans se contredire à travers

⁸ Palestra depois publicada em *Temas de Literatura Portuguesa* (HOURCADE, 1978: 155-169).

tant de métamorphoses” (1933: 70) [há uma unidade em Fernando Pessoa que se desenvolve sem se contradizer através de tanta metamorfose].

Poeta da extrema lucidez, Pessoa tem como fatalidade, segundo Hourcade, o facto de não poder fechar os olhos, nem cessar de compreender, e apesar dos seus esforços para a si mesmo, por vezes, se iludir, para fingir que finge (“feindre une feinte”, 1933: 70), todas as mistificações e todos os paradoxos da sua obra não escondem a profundidade humana da sua inspiração, porque Pessoa é essencial e incuravelmente poeta. Uma consciência poética, única, dramática, sem precedentes na poesia nacional mas cuja tonalidade que a revela é especificamente lusitana: “Ce drame de la conscience poétique est sans précédent dans toute la poésie du Portugal, mais l’accent que le révèle est bien celui d’un seul pays” (1933: 70-71) [Este drama da consciência poética não tem precedentes na poesia portuguesa, mas a tonalidade que o revela é característico de um só país]

Como todos os portugueses, Pessoa submete a sua sensibilidade à saudade, essa obsessiva fatalidade que o leva, através de existências imaginárias e simultâneas, a ter consciência das que irreparavelmente perdeu e daquelas que sabe não poder conquistar: poemas como “Aniversário”, “Apontamento”, de Álvaro de Campos, “O Último Sortilégio”, de Pessoa ortonimo, e toda a obra de Alberto Caeiro, são, para Hourcade, exemplos que confirmam essa opinião. Mais do que o “caso” Pessoa, é o “drama em gente” que Hourcade prefere salientar. Se muitos exegetas pensam haver um enigma-Pessoa a desvendar, procurando na sua obra uma explicação para a sua vida, e na sua vida uma explicação para a obra, para Hourcade trata-se apenas do “mistério da poesia”, pois que a vida interior de Fernando Pessoa só pode ser pressentida através da confiança indireta que a obra escrita nos transmite sobre ela. A vida de Pessoa, cito “ne nous regarde pas” (HOURCADE, 1978: 143) [não nos diz respeito nem nos vê], no duplo sentido da expressão em francês. E isto porque: “quando Pessoa parece abandonar-se às reminiscências particulares é para melhor nos induzir em erro” (1978: 140).

É a leitura destas confianças dispersas em alguns poemas que levará Hourcade a aprofundar o conhecimento da obra pessoana e a ver em muitas das poesias inéditas, que sucessivamente iam sendo reveladas, a confiança de um poeta profundamente infeliz, isto é infeliz em absoluto, não por ter vivido só e ignorado, ou por qualquer outra razão material, afetiva, ou de saúde, mas por ser incapaz de felicidade, da própria ideia de felicidade: “aunque la vida lo hubiese colmado de todos sus dones, no habría podido jamás rescatarlo de esa primera maldición con la que lo gravó: no ser engañado por nada, no tener por donde coger nada y llevar sin embargo en si la vocación da la poesia”(HOURCADE, 1963: 54)⁹

⁹ Não foi possível localizar entre os manuscritos de Pierre Hourcade, a provável versão original em francês do artigo aqui citado. Relembro, como assinalei no início deste artigo, que na altura da publicação deste artigo, 1963, Hourcade vivia no México. É de referir ainda que o artigo publicado

[mesmo que a vida o tivesse contemplado com todos os dons, jamais o poderia salvar dessa maldição inicial com a qual o marcou: não se deixar iludir por nada, não ter nada a que se prender e ter no entanto nascido com a vocação poética].

Pessoa, aparente “juguete de fuerzas que lo sobrepasan, de una comedia misteriosa de personajes múltiples” (1963: 48) [brinquedo de forças que o ultrapassam, de uma misteriosa comédia de personagens múltiplos], acaba por estender uma cilada ao destino, roubando-lhe as armas: “Que outro recurso hay para un espíritu orgulloso y lúcido, que aceptar [...] “hacer el juego”, o mejor, ponerse él mismo en escena?” (1963: 48-49) [Que outro recurso dispõe um espírito orgulhoso e lúcido senão aceitar (...) entrar no jogo, melhor ainda, encenar-se?]

Constata-se assim que os primeiros artigos de Pierre Hourcade sobre a obra de Fernando Pessoa são não somente pioneiros mas constituem hoje ainda uma pertinente interpretação da obra pessoana, pertinência que o próprio poeta reconheceu na carta que enviou ao requerer o lugar de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em setembro de 1932. Nessa carta, Pessoa remete o júri para o que sobre a sua obra escreveram João Gaspar Simões e Pierre Hourcade, chamando a atenção do júri para o artigo, “Panorama du Modernisme en Portugal” (1931), que Hourcade tinha publicado no *Bulletin des études portugaises*. Nesse artigo, Hourcade escreve: “parmi les écrivains de la première génération moderniste la première place en revient [...] à Fernando Pessoa (HOURCADE, 1931: 9) [entre os escritores da primeira geração modernista é Pessoa que ocupa o primeiro plano].

Vinte anos depois, em 1951, sentindo ainda a necessidade imperiosa de reafirmar o seu ponto de vista e refutar alguns aspetos das interpretações da obra de Fernando Pessoa que então se publicavam, Hourcade escreve um artigo, “À propos de Fernando Pessoa”, que foi depois traduzido por Álvaro Salema e incluído em *Temas de Literatura Portuguesa*, com o título “Ainda a propósito de Fernando Pessoa” (que aqui citamos), o primeiro tradutor de Fernando Pessoa exprime, de forma bem clara, o que para ele constitui a chave para uma interpretação da obra pessoana. Ao comentar longa e atentamente duas das principais obras de exegese sobre o poeta, *Vida e Obra de Fernando Pessoa* (1950), de João Gaspar Simões e *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949), de Jacinto do Prado Coelho, Hourcade contesta, sem as desvalorizar, as teses psicologistas de um e outro e defende que de forma alguma se pode ver em Pessoa (como Gaspar Simões afirma) um inadaptado social em confronto com o meio que o rodeava: “de modo algum se pode encarar Fernando Pessoa como um inadaptado – e se a sociedade em que vivia é culpada por não ter reconhecido nele a sua grandeza, não se pode atribuir-lhe a menor responsabilidade pela sua vida infeliz” (Hourcade,

em *Armas y Letras*, aqui citado, segue de perto, embora com alterações, o texto “À propos de Fernando Pessoa” (1951), publicado no *Bulletin des études portugaises*, vol. XVI, pp. 151-181.

1978: 143). Para Hourcade, Pessoa em qualquer época e em qualquer meio social teria erguido uma barreira estanque “entre a parte de si mesmo que concedia aos outros e o seu eu essencial” (1978: 143). Razão por que a “história da sua vida pública só apresenta importância muito acessória, visto que se desenrolou num plano que não era o da sua vida interior, a única que realmente conta para o conhecimento da sua obra” (1978: 143). Mais adiante, reagindo às palavras de Gaspar Simões, que se interroga sobre a sinceridade em Pessoa e para quem “os heterónimos [...] são uma mistificação”, Hourcade pergunta ao autor da *Vida e Obra* quem mistifica quem: “onde está a mistificação e quem é mistificado, se o mistificador nos preveniu previamente? E que sinceridade é essa e quem nos autoriza a julgá-la?” (1978: 144-145). Para ele, o que importa é o prazer que temos ao ler essa poesia e para apreciarmos de maneira justa a poesia de Pessoa devemos previamente renunciar “à preocupação do problema psicológico, que me parece insolúvel por falta de dados seguros, e sobretudo, alheio ao problema poético propriamente dito” (1978: 145). É sobre a obra, ou o conjunto de obras a considerar em si mesmas e por si mesmas, que nos devemos atardar e não sobre o caso Pessoa. E embora lhe pareça lícito, a quem o quiser fazer, “tentar reconstruir a personagem viva e real a quem essa obra foi inspirada” (1978: 145) fica desde logo avisado que por essa via só se poderá chegar a uma aproximação mais ou menos engenhosa, mais ou menos verosímil, “quase tão autêntica como o são os heterónimos” (1978:145).

Se a interpretação proposta por Gaspar Simões suscita muitas dúvidas a Hourcade o mesmo acontece com a tese defendida por Prado Coelho que pretende a todo o custo encontrar nos temas e na forma um denominador comum, ou conforme Hourcade sintetiza: “o domínio que uma vontade imperiosa continua a exercer, até sobre as formas à primeira vista mais aberrantes que escolhe e adota para se exprimir” (1978: 150). Para Prado Coelho, no fundo todas as máscaras a que Pessoa atribui um nome deixam antever uma só e única fisionomia. Afirmção que leva o crítico francês a considerar que uma tal demonstração não apenas lhe parece a mais fácil, “visto que a conclusão estava antecipadamente assegurada” (1978: 151), mas também a menos comprovativa, “porque só aflora o problema essencial pela sua projeção mais exterior” (1978: 153) . Mas este não é o único ponto de desacordo entre os dois comentadores da obra pessoana. Ao reagir à interpretação de Prado Coelho, que afirma que Pessoa se pretendia esconder “inventando indivíduos independentes dele” (1978: 152), Hourcade, além de constatar que a afirmação lhe parece inexacta, relembra que já anteriormente havia assinalado a que ponto a ficção se lhe afigura transparente e que no fundo nada escondia, visto que Pessoa “se empenhou em explicar em que consiste a ficção” (1978: 152). Outro aspeto que suscita discórdia é a recusa de Prado Coelho em acreditar que certas séries de poemas tenham nascido de uma “iluminação” e que cada poema de Pessoa e seus heterónimos é o resultado de um acto de consciência estritamente

controlado, “uma máquina montada com um mecanismo bem regulado para fins mais precisos”, opinião que Hourcade considera “ter em muito pouca conta, na verdade, tudo o que há de fortuito, imprevisível e indeterminado na criação poética”(1978: 153). Aliás, a importância da indeterminação na criação poética é um dos aspetos sobre os quais Hourcade mais insiste nas suas páginas sobre Fernando Pessoa. Para ele parece-lhe inverosímil que, como Prado Coelho sugere, “o primeiro impulso de criação da *Ode Marítima* se tenha manifestado num clima tão artificial”(1978: 153). E para apoiar a sua tese sobre a não artificialidade da criação heterónima, Hourcade, lembrando uma carta de Pessoa, escreve: “Enquanto Pessoa só procurou pregar uma partida a Sá Carneiro inventando “um poeta bucólico do género complicado” nada fez que valha” (1978: 153).

Se para o autor de *Diversidade e Unidade* a história dos heterónimos não seria mais que um “romance inventado para despistar a crítica” e “talvez para compor uma atitude intencional para posteridade”, para Hourcade, desde o início, desde os poemas ingleses, Pessoa surge-nos ferido “pelo mais incurável pessimismo” (1978: 151) e, ao mesmo tempo, dividido entre as mais diversas solicitações, ou, segundo as palavras que o próprio poeta escrevera a Côrtes-Rodrigues, a 2 de setembro de 1914, em “estado anárquico, e anárquico pelo próprio excesso de ‘forças vivas’ em acção” (PESSOA, 1945: 23-24). Refutando pois na íntegra, ou quase, a tese de Prado Coelho, Hourcade considera que Pessoa sentiu a necessidade imperiosa de se irradiar em tendências muito divergentes: “e a sua lucidez reside na maneira como soube adaptar a sua virtuosidade natural às exigências contraditórias duma inspiração de que tentou em vão alcançar o doloroso segredo” (1978: 154). Um esforço vão para o poeta e para quem o tentar desvendar, porque o poema é, segundo Mallarmé, um “calme bloc ici-bas chu d’un désastre obscur” (vide “Le Tombeau d’Edgar Poe”).

É com esta confissão, ao longo do tempo várias e sucessivas vezes repetida, a consciência da dificuldade que tem em apreender o poeta, o segredo da sua inspiração, que, pouco antes de sair de Portugal, num dos seus mais belos textos sobre Pessoa, Hourcade reconhece, trinta anos depois do seu primeiro contacto com aquele que considera como “o espírito mais inapreensível, mais impenetrável, e talvez o mais complexo e obscuro que jamais existiu” (1978: 155), que apesar de uma leitura assídua do poeta, do convívio pessoal e de amizade que os uniu durante algum tempo, a sua perplexidade perante uma obra que a cada leitura, a cada inédito que vai sendo revelado, o desconcerta e ao mesmo tempo confirma em largos traços as suas impressões iniciais. Para Hourcade saber ler Pessoa é estar preparado para “uma ambiguidade capaz de desencorajar todas as interpretações” (1978: 155), porque, apesar de possuir também um coração, que só abria “aos seres capazes de adivinhar as coisas que no ser dele eram as reais” (1978: 159), para o poeta a existência era apenas pura ilusão e a poesia a expressão dessa desesperada consciência. E parece ter sido esta lúcida aceitação do inexplicável na criação

poética que se revela nos textos de Hourcade, uma aceitação fruto de um sólido e aprofundado conhecimento sobre tudo quanto a Fernando Pessoa diz respeito, que faz com que a leitura dos seus comentários, análises, dúvidas e interrogações seja ainda hoje, quase um século depois dos primeiros escritos uma fonte de inegável prazer e de enriquecimento pela clareza do propósito e a amplitude da visão. O verso de Alberto Caeiro que colocamos em epígrafe, que o próprio Hourcade cita desde 1931, em “*Splendeur et Misère de Lisbonne*”, parece aplicar-se na perfeição à visão que do poeta e da sua obra o primeiro tradutor e intérprete estrangeiro de Pessoa nos oferece.

Anexos

Os artigos que seguidamente se apresentam foram escritos e publicados em circunstâncias diversas e num período de tempo que decorre entre 1931 e 1963. O primeiro, “*Splendeur et misère de Lisbonne*”, revela-nos um Hourcade em fase de adaptação à realidade portuguesa de então, nomeadamente a Lisboa, cidade que descreve num registo realista, o de um observador sensibilizado pelo quotidiano da sociedade lisboeta nas suas desigualdades sociais. O segundo, “*Descubrimiento de Fernando Pessoa*”, publicado, no México, tem por fim apresentar em termos gerais a obra poética de Pessoa e seus heterónimos, através da descrição da relação de amizade que teve com o poeta, e da apresentação das principais ideias em que fundamenta a sua opinião sobre a poesia pessoana. Aliás, estes são temas que desenvolve no estudo – recentemente editado e traduzido – *A Mais Incerta das Certezas: itinerário poético de Fernando Pessoa* (2016).

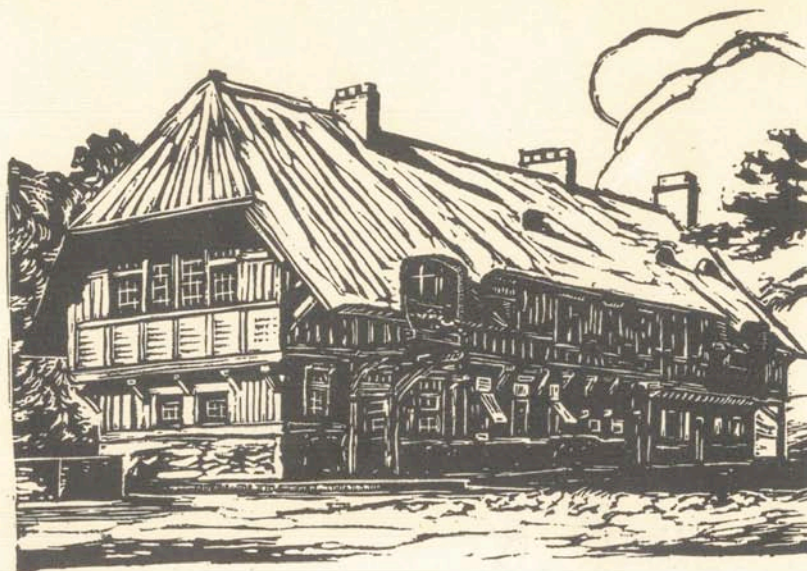
A segunda parte destes anexos, é constituída por seis cartas de Pierre Hourcade que representam bem três fases distintas da vida daquele que foi o primeiro autor de língua francesa a reconhecer, traduzir, divulgar e proclamar além-fronteiras a originalidade da poesia de Fernando Pessoa.¹⁰ A primeira das cartas que aqui se apresentam corresponde à primeira fase e surge pouco tempo depois de Hourcade ter sido informado, por Carlos Queiroz, seu íntimo amigo, da morte de Fernando Pessoa. As duas seguintes pertencem à segunda fase, já vinte anos mais tarde. Nelas, Pierre Hourcade, então diretor do Instituto Francês em Portugal, escreve a João Gaspar Simões e mostra-se atento e empenhado na edição parisiense de um livro que pela primeira vez reunisse a poesia de Pessoa e seus heterónimos. A mais importante das causas defendida por Hourcade, era o reconhecimento internacional da obra pessoana, que começava, enfim, a

¹⁰ Cinco das cartas de Pierre Hourcade aqui referidas estão à guarda na Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 16, 1606-1610, a sexta foi publicada por Carlos Queiroz na *Presença*, nº 48, julho de 1936, p.12. Em *A Mais Incerta das Certezas*, encontram-se igualmente, transcritas e traduzidas, três cartas de Pessoa para Hourcade (2016: 425-430) e dois postais e uma carta deste para o poeta (2016: 419-421 e 431-432).

concretizar-se através da inclusão de Pessoa na prestigiada coleção “Poètes d’Aujourd’hui”, das edições Seghers. Essa coleção reunia grandes nomes da poesia mundial: Garcia Lorca, Walt Whitman, Rainer Maria Rilke, Pablo Neruda, entre outros. As três últimas cartas correspondem à terceira fase, de novo vinte anos mais tarde. Nelas, Pierre Hourcade revela a intenção de ver enfim concluído o grande projeto da sua vida: um estudo sobre o itinerário poético de Fernando Pessoa. Estas três cartas finais, escritas em português, datadas de março de 1978 e janeiro do ano seguinte, e também remetidas a João Gaspar Simões, revelam-nos um Hourcade desejoso de rever Simões, o seu “velho amigo” e companheiro dos tempos da *Presença* (revista em que colaborou nos números 27 e 30), e um Hourcade grato pela crítica de Gaspar Simões ao livro, *Temas de Literatura Portuguesa* (1978).¹¹

As transcrições foram revistas por Jerónimo Pizarro, Anibal Frias e Diana Acosta; os erros que ainda subsistirem são da minha responsabilidade.

¹¹ Segundo uma nota manuscrita do poeta e ensaísta João Camilo dos Santos (documento cedido por Isabelle Hourcade), datada de 17 de março de 1983, cerca de um mês depois da morte de Pierre Hourcade, terá sido sobretudo por iniciativa do historiador João Medina, apoiado por Luís Amaro e Jacinto do Prado Coelho, que o projeto de edição do livro se concretizou.



3: Lieve

Petite suite romaine -	D. Gallois
Des vers de	J. Paoli
Splendeur et misère de Lisbonne	P. Hourcade
Scènes de la Médée de Sénèque traduites par	C. Lagache
Suite tunisienne	R. Delbiansse
Reflexions sur la valeur morale de la colonisation	J. Orana
Stottings from Gire	P. Bury.
Noms - adresses - Nouvelles	

Fig. 1. Índice da La "Boîte aux Lettres,, du Vieux Pressoir.

1. Splendeur et misère de Lisbonne¹²

À Lisbonne la misère est une tradition. Les pauvres de la rue n'y ont point de ces maladresses viriles par où se trahissent les récentes infortunes, de ces éclairs d'une fierté passée auxquels on reconnaît les nouveaux pauvres- ce sont de très anciens pauvres, des pauvres héréditaires. Ils ont fini par composer avec leur détresse, je veux dire, par s'y tailler des professions et par y varier à l'infini les apparences de la mendicité. La vente des billets de la loterie nationale clamés des heures entières à travers la cohue; la manie ibérique des souliers miroirs, propice à l'industrie des cireurs de bottes ambulants; la vente des journaux, des lacets, de tout, de rien, de soi-même parfois: autant d'artifices qui les rattachent fragilement à la vie. L'un présente ses enfants, l'autre, ses plaies, certains un suppliant sourire et la plupart un tragique silence déserté de tout sentiment derrière une main tendue. Et cependant vous entendrez dire qu'il y a bien pire ailleurs, que cela n'est rien – on fait mieux dans les campagnes. Ce n'est là qu'une faible esquisse de la misère visible. Mais quelle autre accumulation de détresses derrière tant de façades! Que d'employés dérisoirement payés et surchargés d'enfants dans cette ville prolifique! De quoi peuvent bien se nourrir tant d'ouvriers au teint gris et las? L'argent est rare va-t-on répétant, le pays pauvre – mais alors, pourquoi cette horde en livrée flamboyante qui pullule dans les cinémas et les cafés? Pourquoi au bord des trottoirs ces théories de Marmon, d'Hispano ou d'Isotta-Fraschini?¹³ Parfois de pauvres êtres épuisés tombent foudroyés dans la rue – les journaux ont un euphémisme étonnant pour désigner ce genre d'accident “maladie subite” – sur quoi on vous répond : il y a eu 125.000 suicides en Allemagne l'an dernier. Tout est donc pour le mieux dans la plus florissante ville du monde. La plupart de ces corps sous alimentés sont d'ailleurs minés par les pires toxines. J'ai connu le petit électricien aux yeux trop brillants qui vient poser des lampes entre deux crachements de sang, et se couche le soir même pour ne plus se relever. La tuberculose infecte les taudis et les rues, toujours latente et propagée plus vite par cette manie d'expectorer partout et sans arrêt, aberration quasi universelle des gens d'outre-Pyrénées - La tuberculose et bien pis encore. Lisbonne ne connaît pas certaine hypocrisie sociale ou si l'on veut, certaine pudeur qui est la règle parmi nous. De médecin à médecin, de pharmacie à pharmacie, on se renvoie le redoutable mot au-dessus de la voie publique- on met comme une obstination, comme un accent de défi à se raconter ses misères intimes. Ici, semble-t-il, certaine

¹² Este artigo foi publicado na revista dos estudantes da École Normale Supérieure de Paris, *La Boîte aux Lettres*, du *Vieux Pressoir*, n.º 3 (3^{ème} levée), 1932. Sem data, local de edição, ou numeração de página, a revista, impressa, reproduzia em fac-simile o manuscrito dos autores. É mais uma demonstração do interesse de Pierre Hourcade em tornar conhecida a poesia de Fernando Pessoa em França.

¹³ Marcas de automóvel então em vigor.

retenue verbale est impossible en face d'une hantise sexuelle qui peut atteindre jusqu'à la frénésie. J'aurais eu honte de ne pas dire ces choses, et j'aurais honte de ne parler que d'elles seules. Lisbonne se prête si bien à la jouissance égoïste du passant avide de regarder! Que de touristes esthètes ont glissé à la surface de ce grouillement si riche d'imprévu et si intense de pittoresque sans soupçonner de quel prix humain était payé leur plaisir! Ce ciel trompe et sa lumière aveugle. Dès que l'on tourne le dos à la ville pour ne plus recevoir que la caresse du large remontant l'énorme estuaire dans un grand miroitement d'eau dorée sillonnée de voiles, tout est oublié, et les yeux comblés font taire les souvenirs-. Comme je comprends maintenant ces vers presque violents du grand poète lisboète Fernando Pessoa: "J'ai vu comme un damné [...] Je n'ai jamais eu un désir que je n'aie pu réaliser, parce que ne suis jamais devenu aveugle".¹⁴

Regarder est ici une absorbante occupation. Il faut une vocation, toutefois et presque un art. Certains n'aiment guère cette ville en partie lessivée d'histoire par le désastre de 1755. Ses façades bariolées ou émaillées sont neuves, même lorsqu'elles ont près de deux siècles et le rayonnant éclat du jour ne parvient pas à leur imposer la vêtue fauve des Castilles. Lisbonne a toujours l'air d'être née de la veille sauf peut-être dans certains recoins de pouillerie. Dans la ruée ascendante de sa ville haute, dans l'élargissement presque dilaté de ses innombrables paysages orientés vers l'océan, elle affirme une sorte d'impatience d'être stable, une grande faim de ciel et d'espace. Elle évoque les plus hardies prises de vue du cinéma contemporain, renversant les perspectives et faisant basculer des pans entiers de collines surchargées de maisons jusqu'à plonger au-dessous du Tage. Elle se casse en failles abruptes et d'un coup de reins se redresse dans une grande envolée de soleil. Elle se ramasse en une densité à peine entrecoupée de ruelles et brusquement s'étale en profusions d'espaces vides et rayonnants. On dirait qu'elle se déplace et que chaque pas qu'on fait à sa découverte la métamorphose. Tantôt elle grouille d'une vie futile et tourbillonnante. Des taxis se ruent à la poursuite d'on ne sait quoi, des tramways piquent une tête du haut des roides avenues autour de trop d'oisifs plantés au sol, soutenant de leurs dos les façades, tournoient des remous de passants et des cafés toujours bondés s'échappe une rumeur confuse de ruche qu'on excite. Cent mètres plus loin règne un grand silence limpide où se prélassent des théories de maisons ocre, lie-de-vin ou bleu de lessive que le soleil semble passer en revue. Elles ont un charme unique ces vastes montées dont le sommet soutient un ciel velouté et riche de substance, un ciel prodigue et qui se gaspille à tous les coins de rue. Lisbonne gorgée d'azur. Ville des paradoxes, des contradictions, d'illogisme physique et social le plus ingénu.

¹⁴ Ver o poema que começa: "Se, depois de eu morrer, quizerem escrever a minha biographia", em PESSOA (2016, 92): "Sou facil de definir. | Vi como um danado. | Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma. Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei".

Ville qui a tous les attraits d'un spectacle et toute la rude vérité d'une expérience humaine. Ville qui vous saute aux yeux pour mieux vous masquer trop de dessous. Ville qui réjouit le touriste et que le touriste ne connaît pas. Mendiante déguisée en princesse par la complicité de la lumière et des eaux. Capitale radieuse et mélancolique d'un des plus beaux et des plus malheureux pays au monde. Elle ne supporte point la fadeur des admirations béates ni l'ironie facile du curieux pressé. Elle n'est pas faite pour les hommes de lettres : elle requiert la sincérité et un certain oubli de soi-même. Bien que pullulante de vanités avortées et d'intérêts mesquins, elle désapprend d'un certain égoïsme dont à l'ordinaire on se fait trop bon gré. Dans sa misère et sa splendeur elle est inoubliable.

Lisbonne, décembre, 1931.

[Tradução: Esplendor e miséria de Lisboa]¹⁵

Em Lisboa a miséria é uma tradição. Na rua, os pobres não têm aquelas atitudes bruscas e desajeitadas próprias de quem revela o seu recente infortúnio, esses restos de orgulho perdido pelos quais se reconhecem os novos pobres. Há muito que são pobres, são pobres hereditários. Conformam-se com o seu infortúnio, isto é, exercem profissões que mais não são que formas variadas de mendigar. Os cauteleiros apregoam horas inteiras no meio da barafunda; a mania ibérica dos sapatos brilhantes, como um espelho, é propícia aos negócios dos engraxadores; os ardinhas, os vendedores de atacadores, de tudo e mais alguma coisa e por vezes até deles próprios: uma serie de artifícios que os prende por um fio à vida. Um apresenta os seus filhos, outro as suas feridas, alguns ainda um suplicante sorriso e a maioria, por detrás de uma mão estendida, um silêncio trágico desprovido de qualquer sentimento. E no entanto há quem diga que há pior, que aquilo não é nada, no campo é pior, muito pior. Eis aqui um mero esboço da miséria que salta à vista. Por detrás de tanta fachada o sofrimento acumulado é enorme! Os trabalhadores insignificamente pagos e sobrecarregados de filhos abundam nesta cidade prolífica! Como conseguem sobreviver esses trabalhadores de cor pálida e ar cansado? Não há dinheiro, ouve-se dizer! O país é pobre. Mas como se explica então esta horda engalanada que fervilha nos cinemas e cafés? Que teoriza nos passeios sobre Marmon, D'Hispano ou d'Isotta-Fraschini? De vez em quando, se um infeliz cai estatelado no chão - os jornais recorrem a um surpreendente eufemismo para descrever este tipo de acidente: "doença súbita" - ouve-se então que no ano passado, na Alemanha, suicidaram-se 125 mil. Não há pois problema algum na mais florescente cidade do mundo. Malnutrida, a maioria destes corpos carrega consigo as piores toxinas. Há o eletricista de olhos brilhantes que, entre dois vômitos de sangue, muda as lâmpadas e à noite se deita para não mais se levantar. A tuberculose infecta casebres e ruas, sempre latente propaga-se rapidamente devido à mania de expetorar constantemente e em qualquer lugar, aberração quase geral entre a população além-Pirenéus. A tuberculose é pior ainda. Lisboa desconhece uma certa hipocrisia social, ou se quisermos, um certo pudor que é regra noutros países. De médico a médico, de farmácia a farmácia a terrível palavra circula livremente - há como uma obstinação, um desafio, uma satisfação em contar as misérias pessoais. Aqui, dir-se-ia que um certo pudor verbal é impossível perante uma obsessão sexual que pode chegar ao delírio. Teria tido vergonha se não falasse destas coisas e mais vergonha teria ainda se só delas falasse. Lisboa presta-se sobremaneira ao prazer egoísta do passante desejoso de ver! Quanto turista esteta terá passado pela superfície deste bulício imprevisível e tão intensamente pitoresco sem sequer imaginar o preço humano a pagar para o

¹⁵ As traduções dos anexos também são de Fernando Carmino Marques.

seu prazer. Quando se viram as costas à cidade e se recebe, o olhar embevecido, a carícia marítima vinda do enorme estuário, espelho de águas douradas sulcado pelas velas, tudo se esquece. Como compreendo agora esses versos quase violentos do grande poeta lisbonense Fernando Pessoa: “Vi como um danado. [...] Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei”.

Aqui, ver é uma ocupação cativante. Uma vocação e uma arte. Há quem não aprecie esta cidade refeita de algumas páginas da sua história pelo desastre de 1755. As fachadas de cores vivas, dispare, ou enfeitadas, parecem novas, apesar de terem quase duzentos anos, e nem a intensa claridade do dia lhe impõe o tom ocre de Castela. Salvo, talvez, em alguns recantos mais sujos, Lisboa parece recém-nascida. Quer nas ruas que sobem para a parte mais alta, quer nas largas, inúmeras, vertentes viradas para o oceano, a cidade parece sôfrega de estabilidade, ansiosa por céu e espaço. Ao inclinar fachadas inteiras de colinas sobre o Tejo faz lembrar as mais ousadas perspectivas do cinema contemporâneo. Abruptamente entrecortada ergue-se num golpe de rins num abrir de asas em direção ao sol. Enfeixada aqui, apenas por vielas separada, ei-la que logo se estende profusamente em amplos e luminosos espaços. Dir-se-ia que a cada passo que se dá para a descobrir ela se desloca e se transforma. Aqui e ali vibra de vida fútil e movimentada. Num rodopio constante de gente, os táxis procuram não se sabe o quê, os elétricos descem a pique das avenidas em redor de uma grande quantidade dos ociosos que parece querer segurar as paredes com as costas. Dos cafés, sempre cheios, vem um rumor confuso de enxame excitado. Cem metros mais adiante, nas casas pintadas de ocre, violeta ou azul desbotado que o sol parece inspecionar, revêem-se teorias, num silêncio quase completo. São radiantes essas calçadas cujo topo sustenta um céu aveludado e luminoso, um céu pródigo que se espalha por todas as ruas. Lisboa gorjeia-se de azul. Cidade de paradoxos, de contradições, do mais ingénuo ilogismo físico e social. Cidade que tem todo o encanto de um espetáculo e toda a brutal verdade da experiência humana. Cidade que se oferece para melhor se esconder. Cidade que satisfaz o turista mas que este desconhece. Mendiga disfarçada de princesa graças à cumplicidade da luz e das águas. Capital radiante e melancólica de um dos mais bonitos e mais infelizes países do mundo. Lisboa não suporta a banalidade das admirações devotas nem a ironia fácil do curioso apressado. Não foi feita para escritores: exige sinceridade e abnegação. Apesar de repleta de vaidades frustradas e mesquinhos interesses parece ter esquecido um certo egoísmo tão comum noutros lugares. Na miséria e no esplendor, Lisboa é inesquecível.

Lisboa, dezembro de 1931.

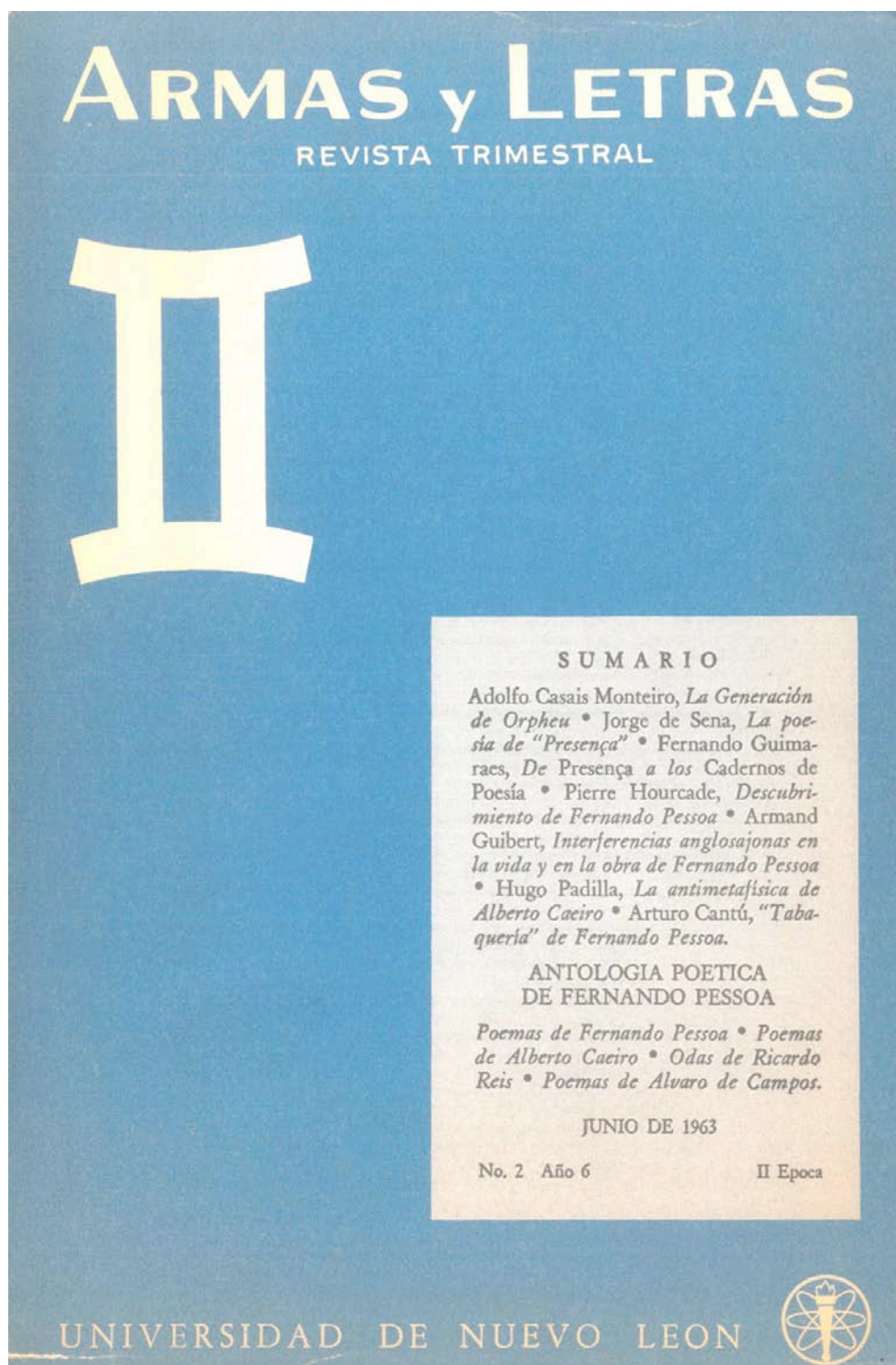


Fig. 2. Capa de Armas y Letras.

DESCUBRIMIENTO DE FERNANDO PESSOA

PIERRE HOURCADE

¿Desde qué ángulo se intentaría abordar a un hombre —y por añadidura poeta— cuya naturaleza, así como su voluntad era substraerse a toda clase de captura? Desconocido, después ignorado y después, a título póstumo, demasiado conocido —entiendo por esto, demasiado abundantemente glosado, a veces hasta el abuso—. Fernando Pessoa permanece desde muchos puntos de vista como un enigma, y el análisis de su obra no puede menos que, para el lector poco avisado, venir a aumentar la obscuridad de lo poco que se conoce de su existencia vivida. El paso más ingenuo, en forma de evocación de una experiencia personal, la historia de un descubrimiento progresivo, con sus revelaciones pero también con sus incertidumbres, ¿no sería la forma menos mala de ayudar a descubrirlo a aquellos que no lo conocen todavía o solamente lo conocen de nombre? ¿No sería asimismo el homenaje más justo, en su buena fe desprovista de pretensiones, que se pueda rendir a este genio secreto?

Se me perdonará en estas condiciones, que me ponga como tercero entre el lector y el poeta, para contar esta gran aventura de mi vida que es el encuentro con Fernando Pessoa, primeramente tal como yo lo conocí y después y sobre todo, “tel qu'en lui même enfin l'éter nité, le change” que le restituye a su verdadera personalidad. Pero ¿cuál?

La persona del testigo no importa casi; solamente cuenta que tenga algún título para testimoniar, para jalonar un primer itinerario de acceso para penetrar en un mundo singularmente cerrado, en el corazón del cual le espera una de las más altas revelaciones poéticas de nuestro tiempo.

La historia comienza para mí un día de Febrero de 1930, bajo las arcadas de ese Terreiro do Paço, en Lisboa a orillas del Tajo, que Valéry-Larbaud ha celebrado como “un espace solaire... la plus belle place d’Europe”. En un pequeño café secular, hundido bajo la bóveda de uno de los edificios ministeriales que encuadran esta plaza, tengo una cita con un poeta de quien la “élite” de la joven generación portuguesa murmura el nombre con un fervor entusiasta, aunque lo esencial de su obra sea inaccesible o todavía inédito. ¿Qué es lo que vale a un joven estudiante extranjero, apenas iniciado en los rudimentos de la cultura portuguesa la suerte inesperada de ser admitido al encuentro de un hombre tanto más difícilmente accesible que ni siquiera trata de ocultarse, que se borra deliberadamente, salvo para alguno de sus escasos íntimos, en un incoloro anonimato? La confianza, la camaradería de algunos jóvenes poetas y críticos, alentadores a doscientos kilómetros de distancia, en la vieja ciudad universitaria de Coimbra, de la revista “Presença”, fermento de renovación en un medio bastante átono. Fernando Pessoa es uno de los mayores contra el que reclaman con mayor insistencia, y del cual denuncian como un escándalo, la obscuridad en la que permanece sumergido. João Gaspar Simoes me recomendó al poeta Carlos Queiroz, primo de Pessoa, quien como él vivía en Lisboa, sosteniendo con él bastante frecuentes relaciones. Así la amistad hizo la cadena que me acercó poco a poco hasta esta misteriosa presencia.

¿Qué sabía de él antes de conocerlo? Que la literatura oficial lo ignoraba o fingía tratarlo como a un extravante sin consecuencias. Que después de algunos episodios resonantes, en los que ha desafiado el conformismo burgués de la opinión y del gusto, no retiene la atención más que de algunos escasos iniciados. Que malvive un poco con trabajos de librería y, sobre todo, con el ejercicio del modesto oficio de traductor-corresponsal para firmas comerciales. Que no ha publicado todavía ningún libro, sino solamente poemas aislados en revistas efímeras o extintas. Que firma sus poemas con cuatro nombres: el que el estado civil le reconocía y otros tres, Alvaro de Campos, Alberto Caeiro y Ricardo Reis, con los cuales dis-

fraza seres ficticios que él llama sus “heterónimos”. Que ha dotado a cada uno de ellos de una biografía y de una personalidad precisas, estableciendo entre los miembros de esta familia inventada, relaciones de dependencia o de oposición tan sutiles como rigurosas, sin disimular jamás que se trata de figuras imaginarias, que es él mismo el que está caracterizado. Esto es lo que llama él “drama em gente”. Pero en fin, y hay que decirlo enseguida, la muy pequeña parte de esta obra que yo pude conocer, hizo nacer en mí un apetito devorador de descubrir más y de enlazar entre ellos aquellos fragmentos dispersos, según la expresión de Valéry “d’on ne sait quel grand jeu”.

El hombre era tal como debía esperarse: es decir que ningún transeúnte que lo cruzara en la calle, pensaría volverse a mirarlo dos veces. La impersonalidad de su físico y de su continente, constituía el disfraz más seguro, si no fuese por la vibración —retenida sin embargo— de la voz, o el brillo febril de su mirada —sin embargo disimulada tras triviales anteojos. Siendo en primer lugar cortés y afable, con un punto de malicia benévola, dejaba traslucir un yo no se qué de aristocrático bajo el hábito del empleado de oficina.

La conversación que se entabla no aporta —y esto es una regla en casi todas nuestras pláticas— ninguna revelación; se desarrolla a cerca de nuestros amigos comunes, de los que me pide noticias, sea acerca de los bosquejos de traducciones que yo le presento y cuyas equivocaciones y contrasentidos se toma el trabajo de corregir con una paciencia y escrúpulo atentos, muy lejos de todo aire de superioridad condescendiente.

Pero al mismo tiempo que se intercambian conceptos desprovistos de misterio, he aquí que, poco a poco, la atmósfera, sutilmente, cambia alrededor de nosotros, como si se cargara de electricidad o se enriqueciera con un suplemento de oxígeno. Todo se hacía a la vez más tenso y excitante. Entonces es cuando comprendí la trémenda carga de energía que esa envoltura trivial y ese comportamiento anodino, contienen a duras penas, lo aislan del mundo exterior, sin lograr del todo impedirle difundirse de manera contagiosa. Me ha sido dado fre-

cuentar algunos auténticos poetas de este tiempo, un Super-vielle, un Vagaretti, un Ribeiro Couto: nada —salvo quizá Henri Michaux— irradiaba un alma tan sutil, tan curiosamente hechizante! No fue una vana curiosidad de diletante lo que lo atrajo tan fuertemente hacia las ciencias ocultas y el ocultismo de los rosacruces: él tenía en sí mismo, cuidadosamente enmascarado, algo de medium, de mago, casi iba a decir de brujo.

Esta es una primera imagen del hombre; los encuentros posteriores, escalonados a lo largo de cinco años, con grandes intervalos de separación, no añadieron ningún rasgo importante.

Llegué a hacer entre él y sus amigos de Coimbra el oficio de mensajero —digamos de agente de enlace—. Le enseñé otras traducciones y me arriesgué a hacerle algunas preguntas sobre la revolución poética a la que él había dado impulso y que, abortada en apariencia, se abría paso lentamente, por vías subterráneas. Siempre lo encontraba igualmente acogedor, pero también igualmente evasivo en cuanto se trataba de otra cosa que el pretexto muy preciso de nuestra cita: servicial pero inalcanzable.

A veces, a la salida del mismo café donde invariablemente nos encontrábamos, me sucedió acompañarlo algunos pasos; pero tan pronto como se había despedido y doblado la esquina de cierta calle, desaparecía sin dejar rastro: se hubiera dicho que no había encarnado más que para esa ocasión. Ha sido preciso la publicación de los poemas inéditos para que se tenga una idea de a qué soledad desesperada a qué inimaginable aridez regresaba. Pero de que él no se complazca, masoquistamente, en este abandono, que aspiraba con una ternura no empleada en el alivio de las más sencillas relaciones humanas, no quiero más pruebas que la correspondencia con João Gaspar Simoes, publicada después de su muerte, y en la que tuve la sorpresa de descubrir el alto valor que atribuía a nuestras cortas y banales entrevistas, que no le aportaban más que la ilusión precaria de una amistad, de una posibilidad de comunicación con otro ser por medio de la poesía.

Sin embargo, mi iniciación en la obra de Fernando Pessoa continuaba a medida que descubrimientos casuales y algunas nuevas publicaciones —siempre fragmentarias— me revelaban otros aspectos de él. A los breves poemas líricos aparecidos en “Atena” y “Presença” y que firmaba con su nombre; a las densas composiciones horacianas que atribuía a Ricardo Reis, yo había podido añadir pronto lo esencial del “Guardador de Rebanhos”, de su “maestro” Alberto Caeiro, la célebre “Oda Marítima” en la que truena toda la vehemencia histérica de Alvaro de Campos, y algunos textos de forma muy libre, que atribuía también a este último. Esta exploración desordenada hacía crecer en mí a la vez mi entusiasmo y mi perplejidad.

¿Qué relación había entre la virulencia, a veces frenética, a veces desencantada, de Alvaro de Campos; los “pastiches” de lírica griega y latina que revestía de una apariencia arcaizante; la inspiración compleja, casi “mallarmeana”, de las odas de Ricardo Reis; el antiintelectualismo, muy sistemáticamente razonado, que se escapa a la sequedad por la limpidez cursiva de la expresión y la fantasía a veces escandalosa de hallazgos que hacen el encanto ambiguo del “Guardador de Rebanhos”? Eso sin hablar de los curiosos poemas eróticos ingleses.

Y de lo poco que se conocía entonces de “Fernando Pessoa” ¿qué común denominador discernir entre una mayoría de poemas tan musicalmente perfectos de forma como fácilmente inteligibles, y las profesiones de fé esotéricas del “Ultimo sortilegio” o de la “Tumba de Rosencranz”? He protestado a menudo contra la excesiva importancia que se le dá al problema de los “heterónimos” en los comentarios de ciertos exégetas, quienes parecen olvidar que se trata de un misterio de poesía y no de un acertijo que hay que descifrar. Hay, a pesar de todo, que reconocer que su misma existencia, y la importancia que Pessoa pretende atribuirles, tenían que desconcertar a un lector de los 30, acostumbrado a Valéry, Supervielle, a las exploraciones surrealistas del inconsciente. ¿Se trataba de un artificio sin otra consecuencia que repartir entre rúbricas diferentes los aspectos contradictorios de un virtuosismo fecundo, es decir una comodidad puramente literaria? ¿Teníamos que

habérmola con un humorista seco que se burlaba de nuestra credulidad y jugaba con su propia creación, por pura diversión, o para atraer sobre él la atención con una dosis de originalidad?

Esta segunda hipótesis no dejaba de escandalizarme, pero ¿cómo descartarla del todo cuando se esclarecía —si así podemos decir— a la luz de tales manifiestos, de tales ensayos en prosa, en los que las posiciones estéticas y políticas más increíbles eran deducidas imperturbablemente de razonamientos en cuyo rigor aparente respiraba la mixtificación? ¿Cómo conciliar estas acrobacias demasiado conscientes y demasiado concertadas, con la idea que —con la intransigencia de la juventud— me había formado de lo que “debía ser” un auténtico gran poeta de nuestro tiempo? Mi admiración tomaba a veces, a mis ojos, forma de apuesta sobre la validez de una obra ambigua, explorada en las tinieblas, a tientas.

Ciertamente no era la aparición en 1934 de “Mensagem”, la primera selección impresa de Pessoa, lo que podía contribuir a aclarar la situación. La belleza de los poemas y su resonancia, muy pessoana, no estaba a discusión, sino más bien que, cuando textos de capital importancia, permanecían inencontrables, porque jamás eran reeditados, ¿qué se nos ofrecía? Una serie de evocaciones simbólicas de los grandes momentos y de los grandes infortunios de la Historia portuguesa, orientados por una visión mesiánica digna de los iluminados del siglo XVII —un Pache Vieira, por ejemplo— hacia las perspectivas místicas y apocalípticas de un “Quinto Imperio” espiritual. El todo, propuesto a la apreciación de un jurado oficial para un premio literario, con un éxito, por otra parte muy relativo. ¿Era un nuevo golpe del “genio maligno” de este Proteo de las metamorfosis sabiamente maquinadas? ¿O la expresión sincera de una convicción más ingenua aún que esotérica? ¿En qué podrían tales vaticinios servir a su causa fuera del medio, muy limitado, de su país de origen? Y sobre todo, el rumor que se había elevado alrededor de la publicación de “Mensagem”. ¿Acaso no lo sacaría de su obscuridad sino para hacer de él la víctima de un malentendido irreparable?

Mientras leía y traducía, presa de estas incertidumbres, me

enteré bruscamente en Brasil, de la muerte prematura del poeta, a los 47 años, el 30 de noviembre de 1935. Raros eran los escritores brasileños, aún los mejor informados, que siquiera hubiesen oído pronunciar el nombre de Fernando Pessoa. Aunque la ignorancia fuera disculpable si esa era la situación en el país “hermano”. ¿Qué probabilidad quedaba de hacer reconocer y consagrar en otras partes la significación universal de su legado? Nosotros, sus escasos fieles portugueses y extranjeros, nos convertíamos en los depositarios de un gran destino, y la responsabilidad que de esta suerte nos había tocado, sobrepasaba con mucho nuestros medios para afrontarla. ¿Íbamos, con tristeza y remordimientos, a ver sumirse en la indiferencia —o a lo mejor confinarse en una notoriedad local y discutida— una obra de la que, en aquella época, nosotros mismos no podíamos mas que presentir su extensión e importancia?

Y sin embargo el milagro se produjo. Fernando Pessoa, muerto, impuso poco a poco su presencia. A los compañeros de su generación que habían sabido apreciarlo en su justo valer, al joven grupo de “Presença” que lo había redescubierto, vinieron a juntarse, primero en Portugal y un poco después por todo el extranjero, admiradores, propagandistas, exégetas, los cuales se habían de extrañar que algunos de ellos no se hubiesen preocupado más de él en vida. Se puede uno preguntar a este respecto si para alguno de sus compatriotas, el nacionalismo, aunque bien intemporal, del “Mensagem” no ha hecho el papel de revelador. Complace encontrar hoy en las antologías escolares fragmento escogidos —muy prudentemente escogidos— de un autor tan poco académico. Pero no importa: el propio malentendido ha contribuido poderosamente a liberar a Pessoa de la ganga en que el conformismo lo había aprisionado.

Dos acontecimientos principales dieron al movimiento un impulso decisivo. Fue en primer término, a partir de 1945 la progresiva publicación de las obras completas (no está aún terminada) por los editores Atica de Lisboa; después la monumental obra que João Gaspar Simões ha titulado “Vida y Obra

de Fernando Pessoa”. Uno y otro han dado lugar a las más apasionadas discusiones. Se ha discutido vivamente la forma adoptada para la presentación y la agrupación de las obras completas; se ha reprochado a Simões el punto de vista decididamente psicoanalítico en el que se ha colocado para dar al misterio de Pessoa una explicación coherente. Estas mismas polémicas han servido a la causa del poeta, suscitando una floración de análisis, de comentarios de testimonios, haciendo salir de las sombras una serie de correspondencia preciosa, en la cual, sin entregarse del todo, este ser inaprehensible, aceptaba al menos dar una explicación de sí, tomar figura humana. Y muy pronto, incluso antes de los dos acontecimientos de los que acabo de hablar, se despertaban curiosidades atentas fuera de los países de lengua portuguesa, de las cuales la más tenaz, la más intuitivamente justa y la más eficaz tuvo lugar sin duda alguna en Francia, la de Armand Guibert, abogado desinteresado de una causa aparentemente sin esperanza, y ahora triunfante, en gran parte gracias a él. Brevemente: de ser desconocido en vida y en su propio país, Fernando Pessoa alcanzó, veinte años después de su muerte, la condición de celebridad, casi universal, cuya gloria no ha cesado después de extenderse como mancha de aceite. Uno de los últimos y más significativos homenajes que se le han rendido es la notable antología de traducciones de Octavio Paz y su prólogo tan penetrante: el reconocimiento y celebración de un gran poeta por uno de sus pares!

¿Cuál ha sido la reacción de nosotros, los fieles de los tiempos de obscuridad, ante esta difusión tan imprevista? No, desde luego, un movimiento de humor celoso, pues nada ha estado más lejos de nuestra intención que monopolizar en provecho de una camarilla, una obra que por el contrario, nos indignaba que no hubiera tenido mas pronto una justa consagración. Por mi parte, la muerte del poeta me conmovió vivamente; y bastante absurdamente experimenté un sentimiento de culpabilidad como si le hubiera abandonado la vida porque nosotros no habíamos militado bastante valiente y eficazmente en su causa. Después de haber temido por algún tiempo que esta estuviere definitivamente comprometida, nosotros fuimos sinceramente y sin segunda intención —salvo a veces una ironía burlona ante

ciertas alianzas inesperadas— dichosos de ver nuestros temores desmentidos por los acontecimientos. Estábamos también agradecidos a esta repentina boga, por la masa de revelaciones y de textos desconocidos que hacía aparecer y que iba a permitirnos confirmar o rectificar nuestras primeras intuiciones, llega a un conocimiento más vasto y más ordenado, que no dejaba subsistir más que la parte de misterio consubstancial con la poesía. A medida que salían de las prensas los tomos sucesivos de las obras completas y las publicaciones independientes que las complementaban, el paisaje se ampliaba ante nosotros, los jirones de bruma se disipaban, fragmentos ya familiares recibían una nueva luz de los conjuntos donde se habían insertado. Falsos problemas se resolvían por sí mismos; otros nuevos se planteaban a nuestra atención mejor informada y por tanto más perspicaz.

Fue entonces cuando la sospecha de artificio desapareció o al menos se tiñó de otro significado. Alberto Caeiro y Ricardo Reis, cuyo inventor había pronto declarado definitivamente acababa la parte que les correspondía por derecho, casi no fueron modificados por las revelaciones póstumas. En revancha, ciertas dificultades de atribución hicieron aparecer más claramente las afinidades que existían —que habían existido siempre— entre Fernando Pessoa y ciertos aspectos de Alvaro de Campos, a pesar de las disimilitudes formales. Se descubrió al mismo tiempo la existencia sobre todo en su prosa, de otros “dobles” míticos más o menos esbozados: Bernardo Soares “auxiliar de contador” en Lisboa, C. Pacheco, sin contar interlocutores imaginarios que no eran asimismo mas que reflejos: un Vicente Guedes, un Barón de Teive. El juego del desdoblamiento se multiplicaba hasta el infinito y por esto mismo, cesaba de ser un juego, confesaba una necesidad irresistible, casi visceral. No obstante, lo esencial de la gran producción poética, por numerosas que fuesen las composiciones inéditas poco a poco exhumadas, permanecía bajo la advocación de los cuatro personajes esenciales y principalmente de Alvaro de Campos y de Fernando Pessoa, estando la parte de este último notablemente aumentada, hasta el punto de que el equilibrio del conjunto se encontraba roto en su favor. La nueva “rela-

ción de fuerzas” modificaba todas las perspectivas. Hasta entonces son más bien Caeiro y Campos, cuya originalidad es más evidente, los que aparecían como los principales personajes del “drama em gente”. Ahora nos dábamos cuenta de que “Fernando Pessoa”, por su complejidad, por la abundancia de la producción reivindicada para él, nunca había cesado de ser el protagonista del universo poético de Fernando Pessoa. Y el rasgo que le diferenciaba más fuertemente de los otros no era ciertamente una complacencia bizantina en los virtuosismos de una invención gratuita sino la aplicación aportada por una conciencia superaguda para sondar, estilizar y poner en rima poética el misterio de un sufrimiento muy hondo.

Confieso no haber llegado a esta conclusión más que después de varias desviaciones que sin alcanzar el corazón del problema, me acercaban a él. Había, muy primeramente, y a guisa de hipótesis de partida, aceptado al pie de la letra la explicación frecuentemente sugerida por el mismo Pessoa, para justificar sus múltiples disfraces. Puede resumirse brevemente en la forma siguiente.

Bajo influencias difíciles de discernir, se ha encontrado que, en varios momentos decisivos de su evolución poética, Fernando Pessoa se ha sentido como poseído por la necesidad de dar a su inspiración una forma que no había tenido precedente hasta entonces en su obra, y que, a pesar de su riqueza y su valor expresivo, no respondía más que a una parte de sus tendencias.

En el origen al menos de Caeiro y del primer Alvaro de Campos el de la “Oda Marítima” — hay ese limpio sentimiento de posesión de invasión por otro “en mí, más yo que yo mismo”. A este “otro yo” a este desdoblamiento efímero, Pessoa, por rigor de exactitud, se aficionó a darle un nombre, después se divirtió imaginando lo que él pudo haber sido de ser otra cosa que un accidente poético; después ha estudiado — con la agudeza irónica en la que se graduó de maestro — a qué aspecto de su humor y de su temperamento este personaje ficticio correspondía mejor en el plano poético; y, por añadidura, cada vez que se le ofreció una tentación análoga, aunque

desprovista de la misma exigencia tiránica, atribuyó al personaje los poemas que compuso en ese estado, a veces posiblemente provocado por él mismo.

Si Alvaro de Campos ha sobrevivido hasta los últimos años del poeta mientras que Caeiro y Reis desaparecían temprano, es porque los dos últimos no han respondido para él mas que a necesidades efímeras o limitadas, en tanto que el humor de Alvaro de Campos, cuyos medios de expresión han, por otra parte, evolucionado, representaba una constante de su ser poético.

Pero independientemente de los poemas vigorosamente diferenciados e incompletamente expresivos, escribía otros que le parecían, sea menos característicamente definidos, sea más totalmente satisfactorios —no digo más reveladores ni más acabados— y estos los firmaba simplemente con su nombre civil. La inteligencia crítica de Pessoa, la conciencia perspicaz que parece haber tomado de sí mismo en tanto que poeta, le ha llevado así a hacer de su obra una especie de empresa colectiva, en la que a cada miembro le era asignada la tarea que mejor le convenía en la que cada tarea, quiero decir cada momento de inspiración era tratado en el registro que le era más adecuado.

Pero para que no nos engañemos, para que evitemos sobre todo, el creer que él mismo se engañaba, para invitarnos, apreciando cada parte por sí misma, a corregir el efecto por la comparación de esas partes tan diferentes, cuyo conjunto es lo único que expresa totalmente al poeta, este ha tenido la preocupación de advertirnos que había montado este mecanismo en todas sus piezas, que solamente él estaba presente —pero no presente del todo— detrás de cada una de estas máscaras. Se puede encontrar extraño este recurso del desdoblamiento unido a esta preocupación de unidad, esta alternativa de éxtasis y lucidez, esta aptitud de abandonarse a sí mismo, dándose cuenta del abandono, pero no hay en esto, me parece, nada de inconcebible, nada en todo caso, que no nos haya sido dado a entender por el poeta mismo, en términos tales que, a pesar de la inflexión burlona del tono, estemos autorizados a poner

en duda, sus afirmaciones reiteradas. Ignoro si este dicho es sincero pero lo creo de buena fe y yo no necesito saber o suponer más para aceptar su obra tal como se presenta: como una evidencia cuya riqueza y multiplicidad se basta a sí misma.

Había por tanto, que llegar a la conclusión de la inhumanidad de esta poesía? Arriesguemos aún una expresión cómoda tomada del “patois” filosófico en boga en nuestros días: ¿hay que llegar a la conclusión de su inautenticidad? ¿Se nos invita a admirar las acrobacias puras de un gran retórico? Yo estaba muy lejos de pensarlo ya que Fernando Pessoa, con todas sus astucias y todos sus artificios y su deliberado desmembramiento en heterónimos, ofrecía a mis ojos uno de los casos más patéticos del mal de angustia, que ataca a la mayor parte de los escritores —incluso los poetas— de nuestro tiempo: el sentimiento del “yo” inaprehensible, el escepticismo radical al respecto de la unidad de la persona. ¿Quién soy? y ¿soy yo uno? ¿Qué es el existir y para qué existo yo? La exaltación dionisiaca de la “Oda Marítima” no puede ser reducida al juego de algunas influencias literarias, a la voluntad arbitraria de hacer concurrence a Whitman y Marinetti; libera un impulso singularmente vehemente, pero ¿qué relación hay entre estas crisis de entusiasmo —que por otra parte cae en cenizas como un cohete extinguido— y la objetividad aplicada del “Guardador de Rebanhos” cuyos poemas fueron dictados a Pessoa en una especie de éxtasis tan intensamente experimentado como el delirio de Alvaro de Campos? ¿Cómo es que un mismo ser puede por una parte asemejarse a Valéry y por la otra hundirse con ímpetu en los abismos del esoterismo? y ¿por qué su impotencia para hacer la síntesis de estas alternativas en una expresión única? Si en un mismo hombre todas las contradicciones son igualmente válidas, ¿en qué puede consistir su esencia? y lejos de poder afirmar la autonomía de su conciencia ¿no debe confesar que es juguete de fuerzas que lo sobrepasan, de una comedia misteriosa de personajes múltiples a la que asiste espectador pasivo y desarmado? He aquí el “drama em gente” que tanto ha intrigado a la crítica. ¿Qué otro recurso hay para un espíritu orgulloso y lúcido, que aceptar esta servidumbre de nuestra condición, “hacer el juego” o

mejor, ponerse él mismo en escena? El poeta le hace al destino, de quién es la víctima, la trampa de robarle sus propias armas y de convertir en realidades arbitrarias pero fecundas, los signos manifiestos de su dependencia y de su deformidad.

Parodiemos aquí la famosa fórmula de Rimbaud: “yo” es varios otros, entonces “yo” no existe, pero en lugar de agotarme reconstruyendo una unidad ficticia, cuyo secreto es por otra parte inalcanzable ¿por qué no he de aceptar cada uno de esos “otros”?, ¿por qué no he de intentar sucesivamente las aventuras que me proponen, hasta el punto de conferirles para los otros, a través de las obras que me inspiran, una realidad más auténtica que este “yo” inconsistente?

Esto no se hace, bien entendido, sin desgarramiento: una inteligencia tan poseída de rigor lógico, no se resuelve cómodamente a no ser la dueña soberana de sí misma, a convertirse en la sierva de un humor inaprehensible que no sabe a dónde va ni porqué va. La renunciación a la unidad, el miedo de perderse no es una blanda almohada, desde el punto en que se ha resuelto aceptarlas y asumir todas las consecuencias, y no se puede jugar una partida así con el despego de un jugador profesional. Tanto la poesía de Alvaro de Campos como la de Ricardo Reis, la de Caeiro como la de Pessoa, es a pesar de la diferencia que separa estos avatares unos de los otros, casi continuamente amarga, desencantada, pesimista y muy a menudo desesperada. La ironía que alumbra en relámpagos, no es, frecuentemente, más que la revancha de él sobre sí mismo, una forma de hacer “pagar” a los heterónimos el sacrificio doloroso que cada uno de ellos impone al “yo” que desmembra.

En cuanto a las exaltaciones proféticas del poeta de “Mensaje” y por lo que respecta a las iluminaciones esotéricas de “O ultimo encantamiento”, se me aparecen como otros tantos esfuerzos para anestesiar este dolor y salvar esta existencia irrisoria, haciéndola participar en una realidad trascendente en la que ella se cumpliría aboliéndose.

Pero Pessoa no tiene fe: no tiene ninguna fe; el iluminismo

no es más que otra tentación de su genio malo, otra fantasía “heterónima” y tan pronto se ha proyectado fuera de sí como vuelve a caer en su atonía. Para el que no cree ni en sí mismo ni en la Historia ni en Dios no hay ningún recurso.

Yo había llegado a este punto de mi esfuerzo por ensayar una comunicación con el poeta, a quien me negaba a admirar en su exterior como a un fenómeno, cuando la publicación en 1955 y 1956 de los dos volúmenes de obras inéditas vino a aclarar como una iluminación mis intuiciones aún confusas. ¿Era por puro azar, cuando Pessoa se había mostrado hasta su muerte tan avaro, relativamente de los textos que firmaba con su propio nombre, que ahora, algunas veces inacabados, pero a menudo también ya llegados a un punto de perfección, empezaran repentinamente a abundar?

No hacía mucho que yo había estado obsesionado por un pequeño poemita, muy sencillo, pero de una desgarradora sencillez, uno de los raros donde se deja entrever como a través de un relámpago, una forma de confesión personal y del cual me repetía sin cesar la última estrofa:

*Senhor, já que a dor é nossa
E a fraqueza que ela tem
Dá nos ao menos a força
de a não mostrar a ninguém.*

¿Estoicismo banal a la Vigny? ¿Simple accidente de azar? ¿Cómo creerlo ahora, que dejaban oír el mismo acento tantas piezas de una producción regular y continuadamente seguida durante veinte años de existencia? Especialmente cuando, a pesar de algunos matices y la inevitable acción del tiempo, esta producción se mantenía en un mismo registro, conservaba la misma tonalidad, confesaba las mismas obsesiones, clamaba y murmuraba una misma queja:

*Dá nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém*

Es ahora cuando comprendemos la significación dramática

de esta plegaria elevada por Pessoa a sí mismo, más bien que a Dios cuya existencia es para él una pura ilusión. Para un ser que no cree en la comunicación entre los seres, y a quien el genio poético obliga sin embargo a expresarse, confiar a los otros la confesión de un abandono total, de una desesperanza casi absoluta y sin salida, de una inimaginable desnudez espiritual, eso hubiera sido consentir gratuitamente en el más superfluo de los exhibicionismos, hubiera sido desposeerse del único bien que le quedaba suyo: el secreto de su dolor.

Era preciso a toda costa, para sobrevivir en este infierno interior mantener a los demás alejados. Era preciso desviar su curiosidad sobre enigmas que los sujetarían tanto más cuanto más excitantes fueran para el espíritu y más halagadora para su vanidad la ilusión de haberlos desbrozados.

Esto es lo que se llama en la lengua de la montería “dar el cambio”. Y todos o casi todos hemos tomado el cambio y nos hemos perdido siguiendo pistas falsas, o más bien pistas verdaderas, pero que nos arrastraban lo más lejos posible del verdadero fin. Y el cazador hostigado, al mismo tiempo caza y jefe de monteros, nos miraba perdidos con mirada irónica donde brillaba a veces un relámpago de angustia y de pesar; así, muy humana y casi tímidamente, trataba de asirse a las amistades más humildes, como para suplicarles que encontraran por sí mismas lo que él no podía ni quería revelarles.

Durante años los proyectos de edición se sucedieron sin jamás llegar a buen término; no era solamente la insuficiencia de medios materiales lo que hacían que uno tras otro se perdieran en el polvo: era, y de ello estoy absolutamente convencido, en el momento de llegar a la acción, un rechazo más o menos consciente del hombre que los había alentado, que había trazado el plan y el programa. En la masa de manuscritos celosamente conservados, aquellos que Fernando Pessoa admitía como suyos, al firmarlos con su verdadero nombre, eran con mucho los más importantes. El día que cayeran en el dominio público, la ficción de los heterónimos se encontraría brutalmente aclarada con una nueva luz; la imagen del fle-

mático prestidigitador tan perfectamente dueño de sus medios y de sus astucias, se borraría para ceder lugar a un poeta más grande todavía, pero cruelmente indiscreto, a un verdugo de sí mismo sin piedad y sin esperanza. Otros menos susceptibles o con menos dignidad, no habrían resistido la tentación de ofrecer en espectáculo un destino a tal punto fuera de lo común; para Fernando Pessoa le iba todo en ello, le iba sin duda su propia vida.

Y las obras inéditas se amontonaban en la sombra, y se invocaba para no sacarlas a la luz, la negligencia o la inercia de los editores eventuales.

Pero Fernando Pessoa se guardaba muy bien de destruirlos. Ya que debían ser su justificación póstuma, dirían después de él lo que él se había prohibido revelar, hablarían por él.

Y cuando se está inclinado sobre estas páginas aterradoras —las que han sido reservadas para el primer volumen de las obras completas y, sobre todo, las de los volúmenes de páginas inéditas— no se sabe, dándole la razón, lo que hay que admirar más: la lucidez con la que descende al fondo de sí mismo, el valor que le permite dar forma —y a menudo una forma digna de sus grandes obras maestras— a las angustias más áridas o más exasperadas, o bien la fuerza de alma que le hace imponerse silencio a la vista del mundo, y encerrarse en su secreto.

El secreto de Pessoa, en la medida en que nos está permitido acercárnosle con prudencia — es, me parece, —llevado a su máximo punto de agudeza, vivido, reconocido, traducido por él en palabras inolvidables, mucho antes de haber caído en el dominio público y vulgarizado por tantos pseudo-profetas que de ello han hecho oficio y mercancía— el de la conciencia desdichada, del ser desligado de todo valor trascendental, que mata la vida mirándose vivir y que se disocia bajo su propia mirada. Ni siquiera es la desesperación existencial que resucita efímeramente el hombre en cada una de sus elecciones: es la desesperanza total. La existencia, decidida de antemano, está regida por una fatalidad desnuda de toda significación y cuya arbitraria omnipotencia no ofrece ninguna falla por la que se

podiera insinuar la libertad humana. “enquanto pesa, e pesará sempre sobre o homem a serva condição, De subdito do Fado”. En esta condición servil todo es irisión, hasta el esfuerzo mismo para remontarla. Aún peor lo contrario, la maldición del que tiene consciencia, porque ella envenena en sus fuentes, todos los poderes para aturdirse —el deseo, la ternura, los goces elementales de los sentidos y del corazón— que le procurarían, aunque fuese el tiempo que dura un relámpago, el olvido de su condición. “O que em mim sente está pensando” desemboca en “a consciencia de nada qu’ser nem ser”, o aún más rigurosamente:

*Quem amo não existe
Quem quiz ser já me esquece
Quem sou sou não me conhece*

Habría que analizar esta virtud disolvente del espíritu que destruye ella misma su propia continuidad, que anonada su propia razón de ser, borrando las etapas de su progreso a medida que las sobrepasa y que desemboca infaliblemente en la nada.

Tardo me porque penso e tudo rui

Pero el retorno a la nada es la muerte y ante esta última negación la carne se crispa. Pessoa, el desesperado rehúsa ferozmente esta posible evasión. “Não quero ir onde não ha luz”; ha tratado este tema dos veces, partiendo del mismo primer verso, con la misma evocación de los Campos Eliseos de la antigüedad pagana, una en 1924 y la otra en 1932. Demasiado humana contradicción: la vida es un infierno y el vivo ni siquiera puede desear evadirse de él. Muerto en vida desde su venida al mundo:

*Sinto morto
O ser vivo que tenho
Nasci como um aborto
Salvo a hora e o tamanho*

Ni siquiera muriendo tiene la esperanza de nacer a una nueva vida.

El círculo se cierra alrededor del hombre acorralado, del hombre que no puede compartir su miseria con sus semejantes —cada uno amurallado en su incommunicable desolación— ni replegarse sobre sí mismo, que no cesa de escapar a su propio abrazo. Así es casi sin descanso a lo largo de más de 300 páginas, tan obsesionantes en su desolación total que no dejan lugar a la monotonía.

He aquí lo que apenas podríamos adivinar, lo que las páginas inéditas nos obligan a reconocer y que invierte radicalmente el Pessoa al que nos habíamos acostumbrado: el descubrimiento de un hombre absolutamente desdichado, quiero decir desdichado en lo absoluto. No porque no haya encontrado en su Patria y en su tiempo el clima en el cual se hubiera podido expandir; no porque su cuerpo lo traicionó o porque se extenuó por sobrevivir a las más tristes necesidades alimenticias, o porque el amor o la amistad le hayan sido negados. No por frustración de ternuras maternas o porque no haya conocido las alegrías del hogar. No porque está solo y es desconocido. Sino porque es incapaz de dicha, de la idea misma de felicidad, y porque aunque la vida lo hubiese colmado de todos sus dones, no habría podido jamás rescatarlo de esa primera maldición con la que lo gravó: no ser engañado por nada, no tener por donde coger nada y llevar sin embargo en sí la vocación de la poesía.

Pero si la existencia propia es una ilusión, una pura “*semelhança*” como dice en alguna parte, ¿por qué resignarse a una “*semelhança*” mejor que a otra? ¿Por qué identificarse con la máscara convencional puesta sobre esta nada por las necesidades sociales? Mentira por Mentira ¿no queda al menos la facultad de escoger, de divertirse en el más amplio sentido de la palabra, fingiendo desdoblarse?

*Se a gente se cansa
Do mesmo lugar
Do mesmo ser
Porque não se cansa?
Ser um é cadeia*

*Ser um é não ser
Viverei fugindo
Mas vivo a valer*

He aquí lo que me lleva a pesar mío al ineluctable problema de los heterónimos. Artificios sí, pero para desviarse de la consideración de su propio absurdo; artificios que tienden a hacerle olvidar, en el acto mismo de suscitar criaturas artificialmente, el artificio primero que es a sus ojos su propia identidad; trampa de la desesperación, venganza sacada de sí mismo por la ironía. Y muy pronto —no para él mismo sino para el prójimo— ¿quién será en este juego el más “real”? ¿Fernando Pessoa o Alvaro de Campos, Caeiro o Ricardo Reis? ¿Tiene sentido la pregunta? ¿No es una ingenuidad hacerla? Pero era necesario hacerla y era preciso que al hacerla dejáramos lo concreto por lo abstracto.

Hémos aquí llegados al término —provisional ya que el descubrimiento de un poeta es una empresa inagotable— de nuestro viaje a través de Fernando Pessoa, descendiendo en el curso del tiempo.

Algunos experimentaron quizá una decepción de aquello que parece tan totalmente ajeno a las angustias y a las esperanzas del mundo presente: paz o guerra; servidumbre o libertad; fraternidad o pugna mortal entre las razas y los continentes; miseria en la injusticia o abundancia en la justicia, tecnocracia opresiva o integrada en un nuevo tipo de civilización. Un poeta que no habla más que de sí mismo les parece que no tiene nada que decirles y su obra, que ellos juzgarán anacrónica, corre el riesgo de dejarlos reticentes por no decir indiferentes.

Yo admito sin dificultar que Fernando Pessoa no es el intérprete de las grandes pasiones colectivas. Su genio es *precisamente* conocer y expresar hasta qué punto el drama metafísico del que es presa, lo aísla de sus semejantes y lo enclaustra en una soledad sin salida.

Esta soledad sin embargo, es ejemplar en alto grado, pues

como he tratado de demostrarlo, es una de las formas más expresivas de la conciencia infeliz, que opone su rebeldía o se queja del destino absurdo que la aplasta, cuyo tormento sufren tantos contemporáneos nuestros, desposeídos de toda esperanza y rechazando todo consuelo.

Sería excesivo representarse a Fernando Pessoa como un precursor del existencialismo. Su temperamento muy particular, marcado con un indeleble sello racional, la estructura tan compleja de su espíritu, la intensidad de su vocación poética, las formas insólitas que ella ha revestido, todo lo que le caracteriza, sale del marco de tal afiliación doctrinal.

Pero el existencialismo no es más que uno de los nombres de la angustia de hoy, una de las definiciones que ella se ha dado y por las cuales trata de justificarse. Pessoa no tenía necesidad de ningún modelo ni de ninguna referencia filosófica, para sondear hasta sus máximas profundidades el abismo de un infierno personal de donde ha sacado tantos tesoros sombríos o luminosos. Queda una analogía y como un aire de familia con algunos de los grandes testigos espirituales de nuestro tiempo. *Inactual* en la escala cotidiana, Fernando Pessoa no es menos humano, con una humanidad que sólo en apariencia se substrahe a los accidentes de la Historia.

Él está a la vez en el tiempo, en su tiempo y fuera del tiempo.

Fig. 2.20. *Armas y Letras*, p. 56.

2. Descubrimiento de Fernando Pessoa¹⁶

¿Desde qué ángulo se intentaría abordar a un hombre – y por añadidura poeta – cuya naturaleza, así como su voluntad era substraerse a toda clase de captura? Desconocido, después ignorado y después, a título póstumo, demasiado conocido – entiendo por esto, demasiado abundantemente glosado, a veces hasta el abuso –. Fernando Pessoa permanece desde muchos puntos de vista como un enigma, y el análisis de su obra no puede menos que, para el lector poco avisado, venir a aumentar la obscuridad de lo poco que se conoce de su existencia vivida. El paso más ingenuo, en forma de evocación de una experiencia personal, la historia de un descubrimiento progresivo, con sus revelaciones pero también con sus incertidumbres, ¿no sería la forma menos mala de ayudar a descubrirlo a aquellos que no lo conocen todavía o solamente lo conocen de nombre? ¿No sería así mismo el homenaje más justo, en su buena fe desprovista de pretensiones, que se pueda rendir a este genio secreto?

Se me perdonará en estas condiciones, que me ponga como tercero entre el lector y el poeta, para contar esta gran aventura de mi vida que es el encuentro con Fernando Pessoa, primeramente tal como yo lo conocí y después, y sobre todo, “tel qu’en lui-même enfin l’éternité, le change”¹⁷ que le restituye a su verdadera personalidad. Pero ¿cuál?

La persona del testigo no importa casi; solamente cuenta que tenga algún título para testimoniar, para jalonar un primer itinerario de acceso para penetrar en un mundo singularmente cerrado, en el corazón del cual le espera una de las más altas revelaciones poéticas del nuestro tiempo.

La historia comienza para mí un día de febrero de 1930, bajo las arcadas de ese Terreiro do Paço, en Lisboa a orillas del Tajo, que Valery Larbaud ha celebrado como un “espace solaire [...] la plus belle place d’Europe”¹⁸. En un pequeño café secular, hundido bajo la bóveda de uno de los edificios ministeriales que encuadran esta plaza, tengo una cita con un poeta de quien la “élite” de la joven generación portuguesa murmura el nombre con un fervor entusiasta, aunque lo esencial de su obra sea inaccesible o todavía inédito. ¿Qué es lo que vale a un joven estudiante extranjero, apenas iniciado en los rudimentos de la cultura portuguesa la suerte inesperada de ser admitido al encuentro de un hombre tanto más difícilmente accesible que ni siquiera trata de ocultarse, que se borra

¹⁶ Artigo publicado, sem nome do tradutor, na revista *Armas y Letras*, n.º 2, ano VI, 2.ª época, Universidad de Nuevo Leon, junho de 1963, pp. 37-56. Além de uma breve antologia de poemas de Pessoa e seus heterónimos, traduzidos por Angél Crespo, o número inclui ainda artigos de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Fernando Guimarães, Armand Guibert, Hugo Padilla e Álvaro Canto.

¹⁷ Primeiro verso do soneto de Stéphane Mallarmé, “Le Tombeau d’Edgar Poe”.

¹⁸ Passagem da “Lettre de Lisbonne à un Groupe d’Amis”, *Jaune Bleu Blanc* (Gallimard, 1927).

deliberadamente, salvo para algunos de sus escasos íntimos, en un incoloro anonimato? La confianza, la camaradería de algunos jóvenes poetas y críticos, alentadores a doscientos kilómetros de distancia, en la vieja ciudad universitaria de Coimbra, de la revista *Presença*, fermento de renovación en un medio bastante átono. Fernando Pessoa es uno de los mayores contra el que reclaman con mayor insistencia, y del cual denuncian como un escándalo, la oscuridad en que permanece sumergido. João Gaspar Simões me recomendó al poeta Carlos Queiroz, primo de Pessoa¹⁹, quien como él vivía en Lisboa, sosteniendo con él bastante frecuentes relaciones. Así la amistad hizo la cadena que me acercó poco a poco hasta esta misteriosa presencia.

¿Qué sabía de él antes de conocerlo? Que la literatura oficial lo ignoraba o fingía tratarlo como a un extravagante sin consecuencias. Que después de algunos episodios resonantes, en los que ha desafiado el conformismo burgués de la opinión y del gusto, no retiene la atención más que algunos escasos iniciados. Que malvive un poco con trabajos de librería y, sobre todo, con el ejercicio del modesto oficio de traductor-corresponsal para firmas comerciales. Que no ha publicado todavía ningún libro, sino solamente poemas aislados en revistas efímeras o extintas. Que firma sus poemas con cuatro nombres: el que el estado civil le reconocía y otros tres, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro y Ricardo Reis, con los cuales disfraza seres ficticios que él llama sus “heterónimos”. Que ha dotado a cada uno de ellos de una biografía y de una personalidad precisa, estableciendo entre los miembros de esta familia inventada, relaciones de dependencia o de oposición tan sutiles como rigurosas, sin disimular jamás que se trata de figuras imaginarias, que es él mismo el que está caracterizado. Esto es lo que llama “drama em gente”. Pero en fin, y hay que decirlo en seguida, la muy pequeña parte de esta obra que yo pude conocer, hizo nacer en mi un apetito devorador de descubrir más y de enlazar entre ellos aquellos fragmentos dispersos, según expresión de Valéry, “d’on ne sait quel grand jeu”.²⁰

El hombre era tal como debía esperarse: es decir que ningún transeúnte que lo cruzara en la calle, pensaría volverse a mirarlo dos veces. La impersonalidad de su físico y de su continente, constituía el disfraz más seguro, si no fuese por la vibración – retenida sin embargo – de la voz, o el brillo febril de su mirada – sin embargo disimulada tras triviales anteojos. Siendo en primer lugar cortés y afable, con un punto de malicia benévola, dejaba translucir un yo no sé qué de aristocrático bajo el hábito del empleado de oficina.

La conversación que se entabla no aporta – y esto es una regla en casi todas nuestras pláticas – ninguna revelación; se desarrolla acerca de nuestros amigos

¹⁹ Léase primo de Ofélia Queiroz.

²⁰ Frase retirada da *Introduction à la méthode de Leonardo da Vinci*: “Il abandonne les débris d’on ne sait quel grand jeu”.

comunes, de los que me pide noticias, sea acerca de los bosquejos de traducciones que yo le presento y cuyas equivocaciones y contrasentidos se toma el trabajo de corregir con una paciencia y escrúpulo atentos, muy lejos de todo aire de superioridad condescendiente.

Pero al mismo tiempo que se intercambian conceptos desprovistos de misterio, he aquí que, poco a poco, la atmosfera, sutilmente, cambia alrededor de nosotros, como si cargara de electricidad o se enriqueciera con un suplemento de oxígeno. Todo se hacía a la vez más tenso y excitante. Entonces es cuando comprendí la tremenda carga de energía que esa envoltura trivial y ese comportamiento anodino, contiene a duras penas, lo aíslan del mundo exterior, sin lograr del todo impedirle difundirse de manera contagiosa. Me ha sido dado frecuentar algunos auténticos poetas de este tiempo, un Supervielle, un Ungaretti, un Ribeiro Couto: nada – salvo quizá Henri Michaux – irradiaba un alma tan sutil, tan curiosamente hechizante! No fue una vana curiosidad de *dilettante* lo que atrajo tan fuertemente hacia las ciencias ocultas y el ocultismo de los rosacruces: él tenía en sí mismo, cuidadosamente enmascarado, algo de médium, de mago, casi iba a decir de brujo.

Esta es una primera imagen del hombre; los encuentros ulteriores, escalonados a lo largo de cinco años, con grandes intervalos de separación, no añadieron ningún rasgo importante.

Llegué a hacer entre él y sus amigos de Coimbra el oficio de mensajero – digamos de agente de enlace –. Le enseñé otras traducciones y me arriesgué a hacerle algunas preguntas sobre la revolución poética a la que él había dado impulso y que, abortada en apariencia, se abría paso lentamente, por vías subterráneas. Siempre lo encontraba igualmente acogedor, pero también igualmente evasivo en cuanto se trataba de otra cosa que el pretexto muy preciso de nuestra cita: servicial pero inalcanzable.

A veces, a la salida del mismo café donde invariablemente nos encontrábamos, me sucedió acompañarlo algunos pasos; pero tan pronto como se había despedido y doblado la esquina de cierta calle, desaparecía sin dejar rastro: se hubiera dicho que no había encarnado más que para esta ocasión. Ha sido precisa la publicación de los poemas inéditos para que se tenga una idea de a qué soledad desesperada, a qué inimaginable aridez regresaba. Pero de que él no se complazca, masoquistamente, en este abandono, que aspiraba con una ternura no empleada en el alivio de las más sencillas relaciones humanas, no quiero más pruebas que la correspondencia con João Gaspar Simões, publicada después de su muerte, y en la que tuve la sorpresa de descubrir el alto valor que atribuía a nuestras cortas y banales entrevistas, que no le aportaban más que la ilusión

precaria de una amistad, de una posibilidad de comunicación con otro ser por medio de la poesía.²¹

Sin embargo, mi iniciación en la obra de Fernando Pessoa continuaba a medida que descubrimientos casuales y algunas nuevas publicaciones – siempre fragmentarias – me revelaban otros aspectos de él. A los breves poemas líricos aparecidos en *At[h]ena* y *Presença* y que firmaba con su nombre; a las densas composiciones horacianas que atribuía a Ricardo Reis yo había podido añadir pronto lo esencial del “Guardador de Rebanhos”, de su “maestro” Alberto Caeiro, la célebre “Oda Marítima” en la que truenan toda la vehemencia histórica de Álvaro de Campos, y algunos textos de forma muy libre, que atribuía también a este último. Esta exploración desordenada hacia crecer en mí a la vez mi entusiasmo y mi perplejidad.

¿Qué relación había entre la virulencia, a veces frenética, a veces desencantada, de Álvaro de Campos: los “pastiches” de lírica griega y latina que revestía de una apariencia arcaizante; la inspiración compleja, casi “mallarmeana”, de las odas de Ricardo Reis; el antiintelectualismo, muy sistemáticamente razonado, que se escapa a la sequedad por la limpidez cursiva de la expresión y la fantasía a veces escandalosa de hallazgos que hacen el encanto ambiguo del “Guardador de Rebanhos”? Eso sin hablar de los curiosos poemas eróticos ingleses.

Y de lo poco que se conocía entonces de “Fernando Pessoa” ¿que común denominador discernir entre una mayoría de poemas tan musicalmente perfectos de forma como fácilmente inteligibles, y las profesiones de fe esotéricas del “Último sortilegio” o de la “Tumba de Rosencreutz²²”? He protestado a menudo contra la excesiva importancia que se da al problema de los “heterónimos” en los comentarios de ciertos exegetas, quienes parecen olvidar que se trata de un misterio de poesía y no de un acertijo que hay que descifrar. Hay, a pesar de todo, que reconocer que su misma existencia, y la importancia que Pessoa pretende atribuirles, tenían que desconcertar a un lector de los 30, acostumbrado a Valéry, Supervielle, a las exploraciones surrealistas del inconsciente. ¿Se trataba de un artificio sin otra consecuencia que repartir entre rubricas diferentes los aspectos contradictorios de un virtuosismo fecundo, es decir una comodidad puramente literaria? ¿Teníamos que habérmola con un humorista seco que se burlaba de nuestra credulidad y jugaba con su propia creación, por pura diversión, o para atraer sobre él la atención con una dosis de originalidad?

Esta segunda hipótesis no dejaba de escandalizarme, pero ¿cómo descártala del todo cuando se esclarecía – si así podemos decir – a la luz de tales manifiestos,

²¹ Pierre Hourcade refiere aquí as cartas que Fernando Pessoa enviou a João Gaspar Simões entre 1931 e finais de 1934, publicadas inicialmente em 1957.

²² “Rosencranz”, no texto original.

de tales ensayos en prosa, en los que las posiciones estéticas y políticas más increíbles eran deducidas imperturbablemente de razonamientos en cuyo rigor aparente respiraba la mixtificación? ¿Cómo conciliar estas acrobacias demasiado conscientes y demasiado concertadas, con la idea que – con la intransigencia de la juventud – me había formado de lo que “debía ser” un auténtico gran poeta de nuestro tiempo? Mi admiración tomaba a veces, a mis ojos, forma de apuesta sobre la validez de una obra ambigua, explorada en las tinieblas, a tientas.

Ciertamente no era la aparición en 1934 de *Mensagem*, la primera selección impresa de Pessoa, lo que podía contribuir a aclarar la situación. La belleza de los poemas y su resonancia, muy pessoana²³, no estaba a discusión, sino más bien que, cuando textos de capital importancia, permanecían inencontrables, porque jamás eran reeditados, ¿qué se nos ofrecía? Una serie de evocaciones simbólicas de los grandes momentos y de los grandes infortunios de la Historia portuguesa, orientados por una visión mesiánica digna de los iluminados del siglo XVII – un Padre Vieira, por ejemplo – hacia las perspectivas místicas y apocalípticas de un “Quinto Imperio” espiritual. El todo, propuesto a la apreciación de un jurado oficial para un premio literario, con un éxito, por otra parte muy relativo. ¿Era un nuevo golpe del “genio maligno” de este Proteo de las metamorfosis sabiamente maquinadas? ¿O la expresión sincera de una convicción más ingenua aún que esotérica? ¿En qué podrían tales vaticinios servir a su causa fuera del medio, muy limitado, de su país de origen? Y sobre todo, el rumor que se había elevado alrededor de la publicación de *Mensagem*. ¿Acaso no lo sacaría de su obscuridad sino para hacer de él víctima de un malentendido irreparable?

Mientras leía y traducía, presa de estas incertidumbres, me enteré bruscamente, en Brasil, de la muerte prematura del poeta, a los 47 años, el 30 de noviembre de 1935²⁴. Raros eran los escritores brasileños, aún los mejores informados, que siquiera hubiesen oído pronunciar el nombre de Fernando Pessoa. Aunque la ignorancia fuera disculpable si esa era la situación en el país “hermano”. ¿Qué probabilidad quedaba de hacer reconocer y consagrar en otras partes la significación universal de su legado? Nosotros, sus escasos fieles portugueses y extranjeros, nos convertíamos en los depositarios de un gran destino, y la responsabilidad que de esta suerte nos había tocado, sobrepasaba con mucho nuestros medios para afrontarla. ¿Íbamos, con tristeza y remordimientos, a ver sumirse en la indiferencia – o a lo mejor confinarse en una notoriedad local y discutida- una obra de la que, en aquella época, nosotros mismos no podíamos más que presentir su extensión e importancia?

²³ “Pessoaiana”, no texto original.

²⁴ A fim de lecionar literatura francesa na universidade de São Paulo, Pierre Hourcade partiu para o Brasil no início de 1935 onde permaneceu até 1939.

Y sin embargo el milagro se produjo. Fernando Pessoa, muerto, impuso poco a poco su presencia. A los compañeros de su generación que habían sabido apreciarlo en su justo valer, al joven grupo de *Presença* que lo había redescubierto, vinieron a juntarse, primero en Portugal y poco después por todo el extranjero, admiradores, propagandistas, exegetas, los cuales se habían de extrañar que algunos de ellos no se hubiesen preocupado más de él en vida. Se puede uno preguntar a este respecto si para alguno de sus compatriotas, el nacionalismo, aunque bien intemporal, del *Mensagem* no ha hecho el papel de revelador. Complace encontrar hoy en las antologías escolares fragmentos escogidos – muy prudentemente escogidos – de un autor tan poco académico. Pero no importa: el propio malentendido ha contribuido poderosamente a liberar a Pessoa de la ganga en que el conformismo lo había aprisionado.

Dos acontecimientos principales dieron al movimiento un impulso decisivo. Fue en primer término, a partir de 1945 la progresiva publicación de las obras completas (no está aún terminada) por los editores [de] Ática de Lisboa; después la monumental obra que João Gaspar Simões ha titulado “Vida y Obra de Fernando Pessoa”. Uno y otro han dado lugar a las más apasionadas discusiones. Se ha discutido vivamente la forma adoptada para la presentación y la agrupación de las obras completas; se ha reprochado a Simões el punto de vista decididamente psicoanalítico en el que se ha colocado para dar al misterio de Pessoa una explicación coherente. Estas mismas polémicas han servido a la causa del poeta, suscitando una floración de análisis, de comentarios de testimonios, haciendo salir de las sombras una serie de correspondencia preciosa, en la cual, sin entregarse del todo, este ser inaprehensible, aceptaba al menos dar una explicación de sí, tomar figura humana. Y muy pronto, incluso ante de los acontecimientos de los que acabo de hablar, se despertaban curiosidades atentas fuera de los países de lengua portuguesa, de las cuales la más tenaz, la más intuitivamente justa y la más eficaz tuvo lugar sin duda alguna en Francia, la de Armand Guibert²⁵, abogado desinteresado de una causa aparentemente sin esperanza, y ahora triunfante, en gran parte gracias a él. Brevemente: de ser desconocido en vida y en su propio país, Fernando Pessoa alcanzó, veinte años después de su muerte, la condición de su celebridad, casi universal, cuya gloria no ha cesado después de extenderse como mancha de aceite. Uno de los últimos y más significativos homenajes que le han rendido es la notable antología de traducciones de Octavio Paz y su prólogo tan penetrante: [...]el reconocimiento y celebración de un gran poeta por uno de sus pares!²⁶

²⁵ Armand Guibert (1906-1990), poeta e tradutor francês. Iniciado na obra de Fernando Pessoa por Pierre Hourcade em Lisboa, no início dos anos quarenta, Armand Guibert foi, depois de Hourcade, o principal tradutor de Pessoa, e um dos grandes divulgadores da sua poesia em França.

²⁶ Hourcade refere-se à obra: Fernando Pessoa. *Antología*. Selección, traducción y prólogo de Octavio Paz. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1962.

¿Cuál ha sido la reacción de nosotros, los fieles de los tiempos de obscuridad, ante esta difusión tan imprevista? No, desde luego, un movimiento de humor celoso, pues nada ha estado más lejos de nuestra intención que monopolizar en provecho de una camarilla, una obra que por el contrario, nos indignaba que no hubiera tenido más pronto una justa consagración. Por mi parte, la muerte del poeta me conmovió vivamente; y bastante absurdamente experimenté un sentimiento de culpabilidad como si le hubiera abandonado la vida porque nosotros no habíamos militado bastante valiente y eficazmente en su causa. Después de haber temido por algún tiempo que esta estuviere definitivamente comprometida, nosotros fuimos sinceramente y sin segunda intención – salvo a veces una ironía burlona ante ciertas alianzas inesperadas – dichosos de ver nuestros temores desmentidos por los acontecimientos. Estábamos también agradecidos a esta repentina boga, por la masa de revelaciones y de textos desconocidos que hacía aparecer y que iba permitirnos confirmar o rectificar nuestras primeras intuiciones, llega[r] a un conocimiento más vasto y más ordenado, que no dejaba subsistir más que la parte de misterio consubstancial con la poesía. A medida que salían de las prensas los tomos sucesivos de las obras completas y las publicaciones independientes que complementaban, el paisaje se ampliaba ante nosotros, los jirones de bruma se disipaban, fragmentos ya familiares recibían una nueva luz de los conjuntos donde se habían insertado. Falsos problemas se resolvían por sí mismos; otros nuevos se planteaban a nuestra atención mejor informada y por tanto más perspicaz.

Fue entonces cuando la sospecha de artificio desapareció o al menos se tiñó de otro significado. Alberto Caeiro y Ricardo Reis, cuyo inventor había pronto declarado definitivamente acabada la parte que les correspondía por derecho, casi no fueron modificados por las revelaciones póstumas. En revancha, ciertas dificultades de atribución hicieron aparecer más claramente las afinidades que existían – que habían existido siempre – entre Fernando Pessoa y ciertos aspectos de Álvaro de Campos, a pesar de las disimilitudes formales. Se descubrió al mismo tiempo la existencia[,] sobre todo en su prosa, de otros “dobles” míticos más o menos esbozados: Bernardo Soares, “auxiliar de contador” en Lisboa, C. Pacheco²⁷, sin contar interlocutores imaginarios que no eran así mismo más que reflejos: un Vicente Guedes, un Barón de Teive. El juego de desdoblamiento se multiplicaba hasta el infinito y por esto mismo cesaba de ser un juego, confesaba una necesidad irresistible, casi visceral. No obstante, lo esencial de la gran producción poética, por numerosas que fuesen las composiciones inéditas poco a poco exhumadas,

²⁷ Em consequência da informação que então dispunha, Hourcade considerava Coelho Pacheco como um heterónimo de Pessoa. Sobre esta questão ver o artigo de Maria Aliete Galhoz “O equívoco de Coelho Pacheco” (2007), disponível em linha: <http://purl.pt/13858/1/volta-textos/equivoco-coelho-pacheco.html>

permanecía bajo la advocación de los cuatro personajes esenciales y principalmente de Álvaro de Campos y de Fernando Pessoa, estando la parte de este último notablemente aumentada, hasta el punto de que el equilibrio del conjunto se encontraba roto en su favor. La nueva “relación de fuerzas” modificaba todas las perspectivas. Hasta entonces son más bien Caeiro y Campos, cuya originalidad es más evidente, los que aparecían como los principales personajes del “drama em gente”. Ahora nos dábamos cuenta de que “Fernando Pessoa”, por su complejidad, por la abundancia de la producción reivindicada para él, nunca había cesado de ser el protagonista del universo poético de Fernando Pessoa. Y el rasgo que le diferenciaba más fuertemente de los otros no era ciertamente una complacencia bizantina en los virtuosismos de una invención gratuita sino la aplicación aportada por una conciencia superaguda para sondear, estilizar y poner en rima poética el misterio de un sufrimiento muy hondo.

Confieso no haber llegado a esta conclusión más que después de varias desviaciones que sin alcanzar el corazón del problema, me acercaban a él. Había muy primeramente, y a guisa de hipótesis de partida, aceptado al pie de la letra la explicación frecuentemente sugerida por el mismo Pessoa, para justificar sus múltiples disfraces. Puede resumirse brevemente en la forma siguiente.

Bajo influencias difíciles de discernir, se ha encontrado que, en varios momentos decisivos de su evolución poética, Fernando Pessoa ha sentido como poseído por la necesidad de dar a su inspiración una forma que no había tenido precedente hasta entonces en su obra, y que, a pesar de su riqueza y su valor expresivo, no respondía más que a una parte de sus tendencias.

En el origen al menos de Caeiro y del primer Álvaro de Campos, el de la “Oda Marítima”, hay ese limpio sentimiento de posesión[,] de invasión por otro “en mí, más yo que yo mismo”. A este “otro yo”[,] a este desdoblamiento efímero, Pessoa, por rigor de exactitud, se aficionó a darle un nombre, después se divirtió imaginando lo que él pudo haber sido de ser otra cosa que un accidente poético; después ha estudiado – con la agudeza irónica en la que se graduó de maestro – a qué aspecto de su humor y de su temperamento este personaje ficticio correspondía mejor en el plano poético; y, por añadidura, cada vez que se le ofreció una tentación análoga, aunque desprovista de la misma exigencia tiránica, atribuyó al personaje los poemas que compuso en ese estado, a veces posiblemente provocado por él mismo.

Si Álvaro de Campos ha sobrevivido hasta los últimos años del poeta mientras que Caeiro y Reis desaparecían temprano, es porque los dos últimos no han respondido para él más que necesidades efímeras o limitadas, en tanto que el humor de Álvaro de Campos, cuyos medios de expresión han, por otra parte, evolucionado, representaba una constante de su ser poético.

Pero independientemente de los poemas vigorosamente diferenciados e incompletamente expresivos, escribía otros que le parecían, sea menos

característicamente definidos, sea más totalmente satisfactorios – no digo más reveladores ni más acabados – y estos los firmaba simplemente con su nombre civil. La inteligencia crítica de Pessoa, la consciencia perspicaz que parece haber tomado de sí mismo en tanto que poeta, le ha llevado así a hacer de su obra una especie de empresa colectiva, en la que a cada miembro le era asignada la tarea que mejor le convenía en la que cada tarea, quiero decir cada momento de inspiración era tratado en el registro que le era más adecuado.

Pero para que no nos engañemos, para que evitemos sobre todo, el creer que él mismo se engañaba, para invitarnos, apreciando cada parte por sí misma, a corregir el efecto por la comparación de esas partes tan diferentes, cuyo conjunto es lo único que expresa totalmente al poeta, este ha tenido la preocupación de advertirnos que había montado este mecanismo en todas sus piezas, que solamente él estaba presente – pero no presente del todo – detrás de cada una de estas máscaras. Se puede encontrar extraño este recurso del desdoblamiento unido a esta preocupación de unidad, esta alternativa de éxtasis y lucidez, esta aptitud de abandonarse a sí mismo, dándose cuenta del abandono, pero no hay en esto, me parece, nada de inconcebible, nada en todo caso, que no nos haya sido dado a entender por el poeta mismo, en términos tales que, a pesar de la inflexión burlona del tono, estemos autorizados a poner en duda sus afirmaciones reiteradas. Ignoro si este dicho es sincero pero lo creo de buena fe y yo no necesito saber o suponer más para aceptar su obra tal como se presenta: como una evidencia cuya riqueza y multiplicidad se basta a sí misma.

[¿]Había, por tanto, que llegar a la conclusión de la inhumanidad de esta poesía? Arriesguemos aún una expresión cómoda tomada del “patois” filosófico en boga en nuestros días: ¿hay que llegar a la conclusión de su inautenticidad? ¿Se nos invita a admirar las acrobacias puras de un gran retórico? Yo estaba lejos de pensarlo ya que Fernando Pessoa, con todas sus astucias y sus artificios y su deliberado desmembramiento en heterónimos, ofrecía a mis ojos uno de los casos más patéticos del mal de angustia, que ataca a la mayor parte de los escritores – incluso los poetas – de nuestro tiempo: el sentimiento del “yo” inaprehensible, el escepticismo radical al respecto a la unidad de la persona. ¿Quién soy? y ¿soy yo uno? ¿Qué es el existir y para qué existo yo? La exaltación dionisiaca de la “Oda Marítima” no puede ser reducida al juego de algunas influencias literarias, a la voluntad arbitraria de hacer concurrence a Whitman y Marinetti; libera un impulso singularmente vehemente, pero ¿qué relación hay entre estas crisis de entusiasmo – que por otra parte cae en cenizas como un cohete extinguido – y la objetividad aplicada del “Guardador de Rebanhos” cuyos poemas fueron dictados a Pessoa en una especie de éxtasis tan intensamente experimentado como el delirio de Álvaro de Campos? ¿Cómo es que un mismo ser puede por una parte asemejarse a Valéry y por otra hundirse con ímpetu en los abismos del esoterismo? y ¿por qué su impotencia para hacer la síntesis de estas alternativas en una

expresión única? Si en un mismo hombre todas las contradicciones son igualmente válidas, ¿en qué puede consistir su esencia? y lejos de poder afirmar la autonomía de su conciencia ¿no debe confesar que es juguete de fuerzas que lo sobrepasan, de una comedia misteriosa de personajes múltiples a la que asiste espectador pasivo y desarmado? He aquí el “drama em gente” que tanto ha intrigado a la crítica. ¿Qué otro recurso hay para un espíritu orgulloso y lúcido, que aceptar esta servidumbre de nuestra condición, “hacer el juego”, o mejor, ponerse él mismo en escena? El poeta le hace al destino, de quién es la víctima, la trampa de robarle sus propias armas y de convertir en realidades arbitrarias pero fecundas, los signos manifiestos de su dependencia y de su deformidad.

Parodiemos aquí la famosa fórmula de Rimbaud: “yo” es varios otros²⁸, entonces “yo” no existe, pero en lugar de agotarme reconstruyendo una unidad ficticia, cuyo secreto es por otra parte inalcanzable ¿por qué no he de aceptar cada uno de esos “otros”? ¿por qué no intentar sucesivamente las aventuras que me proponen, hasta el punto de conferirles para los otros, a través de las obras que me inspiran, una realidad más auténtica que este “yo” inconsistente?

Esto no se hace, bien entendido, sin desgarramiento: una inteligencia tan poseída de rigor lógico, no se resuelve cómodamente a no ser la dueña soberana de sí misma, a convertirse en la sierva de un humor inaprehensible que no sabe a dónde va ni por qué va. La renunciación a la unidad, el miedo de perderse no es una blanda almohada, desde el punto en que se ha resuelto aceptarlas y asumir todas las consecuencias, y no se puede jugar una partida así con el despego de un jugador profesional. Tanto la poesía de Álvaro de Campos como la de Ricardo Reis, la de Caeiro como la de Pessoa, es a pesar de la diferencia que separa estos avatares uno de los otros, casi continuamente amarga, desencantada, pesimista y muy a menudo desesperada. La ironía que alumbra en relámpagos, no es, frecuentemente, más que la revancha de él sobre sí mismo, una forma de hacer “pagar” a los heterónimos el sacrificio doloroso que cada uno de ellos impone al “yo” que desmiembra.

En cuanto a las exaltaciones proféticas del poeta de *Mensagem* y por lo que respecta a las iluminaciones esotéricas de “O Último encantamiento”²⁹, se me aparecen como otros tantos esfuerzos para anestesiar este dolor y salvar esta existencia irrisoria, haciéndola participar en una realidad trascendente en la que ella su cumpliría aboliéndose.

Pero Pessoa no tiene fe: no tiene ninguna fe; el iluminismo no es más que otra tentación de su genio malo, otra fantasía “heterónima” y tan pronto se ha

²⁸ “Je est un autre”. Encontra-se na carta de Arthur Rimbaud a Georges Izanbard, de 13 de maio de 1871.

²⁹ Refere-se a “O último sortilégio”, publicado na revista *Presença* em 1930.

proyectado fuera de sí como vuelve a caer en su atonía. Para el que no cree ni en sí mismo ni en la Historia ni en Dios no hay ningún recurso.

Yo había llegado a este punto de mi esfuerzo por ensayar una comunicación con el poeta, a quien me negaba a admirar en su exterior como un fenómeno, cuando la publicación en 1955 y 1956 de los dos volúmenes de obras inéditas vino a aclarar como una iluminación mis intuiciones aún confusas. ¿Era por puro azar, cuando Pessoa se había mostrado hasta su muerte tan avaro, relativamente de los textos que firmaba en su propio nombre, que ahora, algunas veces inacabados, pero a menudo también ya llegados a un punto de perfección, empezaran repentinamente a abundar?

No hacía mucho que yo había estado obsesionado por un pequeño poemita³⁰, muy sencillo, pero de una desgarradora sencillez, uno de los raros donde se deja entrever como a través de un relámpago, una forma de confesión personal y del cual me repetía sin cesar la última estrofa:

*Senhor, já que a dor é nossa
E a fraqueza que ela tem,
Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém[!]*

¿Estoicismo banal a la Vigny? ¿Simple accidente de azar?

¿Cómo creerlo, que dejaban oír el mismo acento tantas piezas de una producción regular y continuadamente proseguida durante veinte años de existencia? Especialmente cuando, a pesar de algunos matices y la inevitable acción del tiempo, esta producción se mantenía en un mismo registro, conservaba la misma tonalidad, confesaba las mismas obsesiones, clamaba y murmuraba la misma queja:

*Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém[!]*

Es ahora cuando comprendemos la significación dramática de esta plegaria elevada por Pessoa a sí mismo, más bien que a Dios cuya existencia es para él una pura ilusión. Para un ser que no cree en la comunicación entre los seres, y a quien el genio poético obliga sin embargo a expresarse, confiar a los otros la confusión de un abandono total, de una desesperanza casi absoluta y sin salida, de una inimaginable desnudez espiritual, eso hubiera sido consentir gratuitamente en el

³⁰ Trata-se do poema que começa “Sol nulo dos dias vãos” (15-1-1920), publicado na revista *Athena* em 1924.

más superfluo de los exhibicionismos, hubiera sido desposarse del único bien que quedaba suyo: el secreto de su dolor.

Era preciso a todo costa, para sobrevivir en este infierno interior mantener a los demás alejados. Era preciso desviar su curiosidad sobre enigmas que los sujetarían tanto más cuanto más excitantes fueran para el espíritu y más halagadora para su vanidad la ilusión de haberlos desbrozados.

Esto es lo que se llama en la lengua de la montería “dar el cambio”. Y todos o casi todos hemos tomado el cambio y nos hemos perdido siguiendo pistas falsas, o más bien pistas verdaderas, pero nos arrastraban lo más lejos posible del verdadero fin. Y el cazador hostigado, al mismo tiempo caza y jefe de monteros, nos miraba perdidos con mirada irónica donde brillaba a veces un relámpago de angustia y de pesar; así, muy humana y casi tímidamente, trataba de asirse a las amistades más humildes, como para suplicarles que encontraran por sí mismas lo que él no podía ni quería revelarles.

Durante años los proyectos de edición se sucedieron sin jamás llegar a buen término; no era solamente la insuficiencia de medios materiales lo que hacían que uno tras otro se perdieran en el polvo: era, y de ello estoy absolutamente convencido, en el momento de llegar a la acción, un rechazo más o menos consciente del hombre que los había alentado, que había trazado el plan y el programa. En la masa de manuscritos celosamente conservados, aquellos que Fernando Pessoa admitiría como suyos, al firmarlos con su verdadero nombre, eran con mucho los más importantes. El día que cayeran en el dominio público, la ficción de los heterónimos se encontraría brutalmente aclarada con una nueva luz; la imagen del flemático prestidigitador tan perfectamente dueño de sus medios y de sus astucias, se borraría para ceder lugar a un poeta más grande todavía, pero cruelmente indiscreto, a un verdugo de sí mismo sin piedad y sin esperanza. Otros menos susceptibles o con menos dignidad, no habrían resistido la tentación de ofrecer en espectáculo un destino a tal punto fuera de lo común; para Fernando Pessoa le iba todo en ello, le iba sin duda su propia vida.

Y las obras inéditas se amontonaban en la sombra, y se invocaba para no sacarlas a la luz, la negligencia o la inercia de los editores eventuales.

Pero Fernando Pessoa se guardaba muy bien de destruirlos. Ya que debían ser su justificación póstuma, dirían después de él lo que él se había prohibido revelar, hablarían por él.

Y cuando se está inclinado sobre estas páginas aterradoras – las que han sido reservadas para el primer volumen de las obras completas y, sobre todo, las de los volúmenes de páginas inéditas – no se sabe, dándole razón, lo que hay que admirar más: la lucidez con la que desciende al fondo de sí mismo, el valor que le permite dar forma – y a menudo una forma digna de sus grandes formas maestras – a las angustias más áridas o más exasperadas, o bien la fuerza de alma que le hace imponerse silencio a la vista del mundo, y encerrarse en su secreto.

El secreto de Pessoa, en la medida en que nos está permitido acercarnosle con prudencia – es, me parece – llevado a su máximo punto de agudeza, vivido, reconocido, traducido por él en palabras inolvidables, mucho antes de haber caído en el dominio público y vulgarizado por tantos pseudo-profetas que de ello han hecho oficio y mercancía – el de la conciencia desdichada, del ser desligado de todo valor trascendental, que mata la vida mirándose vivir y que disocia bajo su propia mirada. Ni siquiera es la desesperación existencial que resucita efímeramente el hombre en cada una de sus elecciones: es la desesperanza total. La existencia, decidida de antemano, está regida por una fatalidad desnuda de toda significación y cuya arbitraria omnipotencia no ofrece ninguna falla por la que se pudiera insinuar la libertad humana. “Enquanto pese, e sempre pesará, | Sobre o homem a serva condição | De súbdito do Fado”³¹. En esta condición servil todo es irrisión, hasta el esfuerzo mismo para remontarla. Aún peor lo contrario, la maldición del que tiene consciencia, porque ella envenena en sus fuentes, todos los poderes para aturdirse – el deseo, la ternura, los goces elementales de los sentidos y del corazón – que le procurarían, aunque fuese el tiempo que dura un relámpago, el olvido de su condición. “O que em mim sente está pensando”³² desemboca en “a consciência de nada querer nem ser”³³, o aún más rigurosamente:

*Quem amo não existe.
[...]
Quem quis ser já me esquece
Quem sou não me conhece.*³⁴

Habría que analizar esta virtud disolvente del espíritu que destruye ella misma su propia continuidad, que anonada su propia razón de ser, borrando las etapas de su progreso a medida que las sobrepasa y que desemboca infaliblemente en la nada.

*Tardo me porque penso e tudo rui.*³⁵

³¹ De um poema de 27-5-1922, “Os deuses, não os reis, são os tiranos”, publicado em *Poesia Inéditas* (1919-1930) (1956). Emenda-se a citação.

³² Verso do poema “Ela canta, pobre ceifeira”, publicado na revista *Athena* em 1924, mas datável de finais de 1914 (ver a carta de 19 de Janeiro de 1915 de Pessoa para Côrtes-Rodrigues).

³³ Verso de “A parte do indolente é a abstracta vida” (30-9-1921), publicado em *Poesia Inéditas* (1919-1930) (1956).

³⁴ Três versos do poema que começa “É uma brisa leve” (18-5-1922), também publicado em 1956.

³⁵ Segundo verso da segunda parte do “Poema dos dois exílios” (24-9-1923), que começa “Dói viver, nada sou que valha ser”. Publicado sob o título “Loucura 3” na edição crítica.

Pero el retorno a la nada es la muerte y ante esta última negación la carne se crispa. Pessoa el desesperado rehúsa ferozmente esta posible evasión. “Não quero ir onde não há luz”³⁶; ha tratado esta tema dos veces, partiendo del mismo primer verso, con la misma evocación de los Campos Elíseos de la antigüedad pagana, una en 1924 y la otra en 1932. Demasiad[a] humana contradicción: la vida es un infierno y el vivo ni siquiera puede evadirse de él. Muerto en vida desde su venida al mundo:

*[Não sei, mas] sinto morto
O ser vivo que tenho
Nasci como um aborto,
Salvo a hora e o tamanho,*³⁷

Ni siquiera muriendo tiene la esperanza de nacer a una nueva vida.

El círculo se cierra alrededor del hombre acorralado, del hombre que no puede compartir su miseria con sus semejantes – cada uno amurallado en su incommunicable desolación – ni replegarse sobre sí mismo, que no cesa de escapar a su propio abrazo. Así es casi sin descanso a lo largo de más 300 páginas, tan obsesionantes en su desolación total que no dejan lugar a la monotonía.

He aquí lo que apenas podríamos adivinar, lo que las páginas inéditas nos obligan a reconocer y que invierte radicalmente el Pessoa al que nos habíamos acostumbrados: el descubrimiento de un hombre absolutamente desdichado, quiero decir desdichado en el absoluto. No porque no haya encontrado en su Patria y en su tiempo el clima el cual se hubiera podido expandir; no porque su cuerpo lo traicionó o porque se extenua para sobrevivir a las más tristes necesidades alimenticias, o porque el amor o la amistad le hayan sido negados. No por frustración de ternuras maternas o porque no haya conocidos las alegrías del hogar. No porque está solo y es desconocido. Sino porque es incapaz de dicha, de la idea misma de felicidad, y porque aunque la vida lo hubiese colmado de todos sus dones, no habría podido jamás rescatarlo de esa primera maldición con la que lo gravó: no ser engañado por nada, no tener por dónde coger nada y llevar sin embargo en si la vocación de la poesía.

Pero si la existencia propia es una ilusión, una pura “semelhança” como dice en alguna parte, ¿por qué resignarse a una “semelhança” mejor que a otra? ¿Por qué identificarse con la máscara convencional puesta sobre esta nada por las necesidades sociales? Mentira por Mentira, ¿no queda al menos la facultad de escoger, de divertirse en el más amplio sentido de la palabra, fingiendo desdoblarse?

³⁶ Incipit de um poema de 16-11-1932, intitulado “Ligeia”.

³⁷ Estrofe final de “Fito-me frente a frente” (30-3-1931).

*Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Porque não se cansa[r]?*

*Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.³⁸*

He aquí lo que me lleva a pesar mío al ineluctable problema de los heterónimos. Artificios sí, pero para desviarse de la consideración de su propio absurdo; artificios que tienden a hacerle olvidar, en el acto mismo de suscitar criaturas artificialmente, el artificio primero que es a sus ojos su propia identidad; trampa de la desesperación, venganza sacada de sí mismo por la ironía. Y muy pronto – no para él mismo sino para el prójimo- ¿quién será en este juego el más “real”? ¿Fernando Pessoa o Álvaro de Campos, Caeiro o Ricardo Reis? ¿Tiene sentido la pregunta? ¿No es una ingenuidad hacerla? Pero era necesario hacerla y era preciso que al hacerla dejáramos lo concreto por lo abstracto.

Henos aquí llegados al término – provisional ya que el descubrimiento de un poeta es una empresa inagotable – de nuestro viaje a través de Fernando Pessoa, descendiendo el curso del tiempo.

Algunos experimentaran quizá una decepción de aquello que parece tan totalmente ajeno a las angustias y a las esperanzas del mundo presente: paz o guerra; servidumbre o libertad; fraternidad o pugna mortal entre las razas y los continentes; miseria en la injusticia o abundancia en la justicia, tecnocracia opresiva o integrada en un nuevo tipo de civilización. Un poeta que no habla más que de sí mismo les parece que no tiene nada que decirles y su obra, que ellos juzgarán anacrónica, corre el riesgo de dejarlos reticentes por no decir indiferentes.

Yo admito sin dificultar que Fernando Pessoa no es el intérprete de las grandes pasiones colectivas. Su genio es *precisamente* conocer y expresar hasta qué punto el drama metafísico del que es presa, lo aísla de sus semejantes y lo enclaustra en una soledad sin salida.

Esta soledad sin embargo, es ejemplar en alto grado, pues he tratado de demostrarlo, es una de las formas más expresivas de la consciencia infeliz, que opone su rebeldía o se queja del destino absurdo que la aplasta, cuyo tormento

³⁸ Do poema “Sou um evadido” (5-4-1931), também incluído, como os dois anteriores, em *Poesias Inéditas* (1930-1935), em 1955.

sufren tantos contemporáneos nuestros, desposeídos de toda esperanza y rechazando todo consuelo.

Sería excesivo representarse a Fernando Pessoa como un precursor del existencialismo. Su temperamento muy particular, marcado con un indeleble sello racional, la estructura tan compleja de su espíritu, la intensidad de su vocación poética, las formas insólitas que ella ha revestido, todo lo que le caracteriza, sale del marco de tal afiliación doctrinal.

Pero lo existencialismo no es más que uno de los nombres de la angustia de hoy, una de las definiciones que ella se ha dado y por las cuales trata de justificarse. Pessoa no tenía necesidad de ningún modelo ni de ninguna referencia filosófica, para sondear hasta sus máximas profundidades el abismo de un infierno personal de donde ha sacado tantos tesoros sombríos o luminosos. Queda una antología y como un aire de familia con algunos de los grandes testigos espirituales de nuestro tiempo. *Inactual* en la escala cotidiana, Fernando Pessoa no es menos humano, con una humanidad que sólo en apariencia se substrahe a los accidentes de la Historia.

Él está a la vez en su tiempo, en su tiempo y fuera del tiempo.

[Tradução: Descoberta de Fernando Pessoa]

De que ângulo se pode apreender um homem – acima de tudo poeta – que, por natureza e vontade própria, escapa a qualquer tentativa de definição? Desconhecido, depois ignorado e depois, postumamente, demasiado conhecido, e por isso demasiado, abundantemente, comentado, por vezes de forma abusiva-Fernando Pessoa permanece em muitos aspectos um enigma que a análise da sua obra apenas contribui, pelo menos para o leitor pouco informado, para tornar mais opaco o pouco que da sua vida se conhece. Evocar, despretensiosamente, uma experiência pessoal, a história de uma descoberta progressiva, com as suas revelações, mas também as suas incertezas, não será por certo a menos apropriada das maneiras de apresentar Fernando Pessoa a quem ainda não o conhece ou dele apenas ouvir falar. Não será esta a mais justa homenagem que, de boa-fé e sem pretensões, se pode prestar a esse génio secreto?

Nestas condições, perdoem-me pois se pretendo servir de intermediário entre o leitor e o poeta para contar a grande aventura de minha vida que foi o encontro com Fernando Pessoa. Em primeiro lugar tal como o conheci e depois, e acima de tudo, “tel qu’en lui-même enfin l’éternité le change”, que lhe restitui a sua verdadeira personalidade. Mas qual?

Em si, a testemunha pouco importa; apenas o seu contributo interessa para ajudar num itinerário inicial de aceso a um mundo singularmente fechado, no interior em que se encontra uma das maiores revelações poéticas do nosso tempo.

Para mim a história começa num dia de fevereiro de 1930 debaixo das arcadas do Terreiro do Paço, em Lisboa, frente ao Tejo, essa praça que Valery Larbaud considerou como un “espace solaire [...] La plus belle place d’Europe”. Num pequeno café secular, encastrado sob a abóbada de um dos edifícios ministeriais que enquadram a praça, tenho encontro marcado com um poeta cujo nome a elite da jovem geração portuguesa murmura com entusiástico fervor, apesar de, no essencial, a sua obra estar inacessível ou ainda inédita. O que é que permite a um jovem estrangeiro, apenas iniciado nos rudimentos da cultura portuguesa, ter encontro com um homem pouco acessível, e disso consciente, que deliberadamente, salvo para alguns íntimos, se refugia num apagado anonimato? A confiança, a camaradagem de alguns jovens e críticos entusiastas, que a duzentos quilómetros de distância, na velha cidade de Coimbra, na revista *Presença*, fermento de renovação num ambiente bastante cinzento, consideram Fernando Pessoa como um dos maiores poetas, reclamando insistentemente e denunciando como um escândalo o desconhecimento em que permanece submergido. João Gaspar Simões recomendou-me ao poeta Carlos Queiroz, primo de Pessoa, que, como ele, vivia em Lisboa e com o qual mantinha relações frequentes. A amizade constitui, assim, o elo de ligação que me permitiu pouco a pouco aproximar-se da sua misteriosa presença.

Antes de o encontrar que sabia eu dele? Que a literatura oficial o ignorava ou fingia tratá-lo como um extravagante sem consequências. Que depois de alguns episódios sonantes, em que desafiara o gosto e a opinião do conformismo burguês só alguns, poucos, iniciados dele se lembravam. Que sobrevivia com pequenos trabalhos literários e sobretudo como tradutor- correspondente em algumas firmas comerciais. Que não tinha ainda livro algum editado, apenas alguns poemas publicados em revistas efémeras ou já extintas. Que assinava os seus poemas com quatro nomes: o seu, que o estado civil reconhece, e outros três, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, a quem atribuía seres fictícios que designava como heterónimos. Cada um com a sua biografia e personalidade própria, estabelecendo entre os membros desta família inventada relações de dependência ou de oposição subtis e rigorosas, sem jamais dissimular que são figuras imaginadas, que é ele mesmo o que está caracterizado. É isso que chama “drama em gente”. Finalmente, há que referi-lo, a pequena parte da obra que conhecia suscitou em mim um desejo devorador de descobrir mais e de associar entre eles os fragmentos dispersos, segundo a expressão de Valéry “d’on ne sait quel grand jeu”.

O homem era tal como esperava, isto é: nenhum transeunte que na rua com ele se cruzasse pensaria em virar-se para o rever. A impessoalidade e sobriedade da sua aparência constituíam o melhor disfarce, apesar da vibração – retida, contido – da voz, e do brilho febril do seu olhar – por detrás de uns óculos banais. Cortês e afável, por vezes com alguma malícia benévola, deixava transparecer, sob o traje de empregado de escritório, um não sei quê de aristocrático.

Da conversa – e isto era uma regra em quase todos os nossos encontros – nenhuma revelação surgia, falávamos dos amigos em comum, de quem me pedia notícias, dos esboços das traduções que lhe apresentava, cujos equívocos e contrasensos tinha o cuidado de retificar paciente e escrupulosamente, sem qualquer ar de superioridade condescendente.

Mas ao mesmo tempo que trocávamos conceitos desprovidos de qualquer mistério, pouco a pouco, o ambiente à nossa volta alterava-se subtilmente, como se ficasse carregado de eletricidade ou se enchesse de um suplemento de oxigénio. Tudo se tornava então mais denso e excitante. Foi aí que me apercebi da tremenda carga de energia que aquela silhueta comum, ao comportamento anódino, emanava, com esforço contida, o que o isolava do mundo exterior, mas sem conseguir que de maneira contagiante ela se propagasse. Conheci e frequentei alguns autênticos poetas do nosso tempo, um Supervielle, um Ungaretti, um Ribeiro Couto, mas de nenhum, salvo talvez Henri Michaud, irradiava uma alma tão subtil, tão curiosamente fascinante! Não foi uma mera curiosidade de diletante que tão fortemente o atraiu para as ciências ocultas e o ocultismo dos rosacruz: Pessoa tinha em si, cuidadosamente disfarçado, algo de médium, de mago, diria até de bruxo, ou quase.

Esta foi a primeira imagem do homem. Os encontros seguintes, escalonados durante cinco anos, com alguns largos períodos de separação, nada acrescentaram de relevante.

Entre ele e os seus amigos de Coimbra cheguei a servir de mensageiro – digamos a servir de contacto. Mostrei-lhe outras traduções e arrisquei fazer algumas perguntas sobre a revolução poética a que tinha dado impulso e que paulatinamente, por vias subterrâneas, ia fazendo o seu caminho, mesmo se na aparência tinha abortado. Sempre receptivo, mas também evasivo quando se tratava de outro assunto que o pretexto para o qual tínhamos marcado encontro: disponível mas inatingível.

Por vezes, à saída do café onde invariavelmente tínhamos encontro, cheguei a acompanhá-lo durante alguns metros, mas tão depressa como se tinha despedido e dobrado a esquina de uma certa rua, desaparecia sem deixar rastro: parecia que só se tinha incarnado para aquela ocasião. Foi preciso esperar pela publicação dos poemas inéditos para se ter uma ideia da desesperada solidão, do inimaginável deserto, para qual regressava. Abandono para o qual voltava sem prazer masoquista, desejoso de afeto que não tinha nas relações humanas é o que as cartas para João Gaspar Simões evidenciam e nas quais tive a surpresa de descobrir a importância que ele atribuía aos nossos breves e banais encontros que apenas lhe traziam a ilusão precária de uma amizade, de uma possibilidade de comunicação com outro ser através da poesia.

No entanto, a minha iniciação na obra de Fernando Pessoa prosseguia à medida que as descobertas esporádicas e algumas novas publicações – sempre fragmentárias – me revelavam outros aspectos do poeta. Aos breves poemas líricos publicados na *Athena* e na *Presença*, que de seu próprio nome assinava; às densas composições horacianas que atribuía a Ricardo Reis, eu, rapidamente, pude acrescentar o essencial de “O Guardador de Rebanhos”, de seu “mestre” Alberto Caeiro, a célebre “Ode Marítima”, na qual soa toda a veemência histórica de Álvaro de Campos, e algumas composições formalmente livres que também atribuía a este último. Esta exploração desordenada fazia ao mesmo tempo crescer em mim o entusiasmo e a perplexidade.

Que relação havia entre a virulência, por vezes, frenética, por vezes desencantada, de Álvaro de Campos, os “pastiches” de lírica grega e latina que revestia de uma aparência arcaizante, a inspiração complexa, quase “mallarmeana” das odes de Ricardo Reis; o anti-intelectualismo, muito sistematicamente racional, que escapa à aridez pela limpidez discursiva da expressão e a fantasia por vezes escandalosa que por momentos dão um encanto ambíguo a “O Guardador de Rebanhos”? E isto sem falar dos curiosos poemas eróticos ingleses.

E de o pouco que então se conhecia de “Fernando Pessoa” que comum denominador se podia encontrar entre uma maioria de poemas tão musicalmente perfeitos na forma como facilmente inteligíveis e as declarações de fé esotéricas de

“O Último Sortilégio” ou de “No Túmulo de Christian Rosencreutz”? Manifestei-me várias vezes contra a excessiva importância que se dá ao problema dos heterónimos nos comentários de alguns exegetas que parecem esquecer que se trata de um mistério em poesia e não de um enigma a decifrar. Há que reconhecer, no entanto, que a sua existência, e a importância que Pessoa pretende atribuir-lhe podiam desconcertar um leitor dos anos trinta, habituado a Valéry, Supervielle, às explorações surrealistas do inconsciente. Seria um artifício sem outra consequência que atribuir a diferentes assinaturas aspetos contraditórios de um virtuosismo fecundo, ou seja, um recurso puramente literário? Estaríamos nós perante um humorista cínico que se ria da nossa credulidade e se divertia com a sua própria criação, fosse por entretenimento fosse, com alguma originalidade, para chamar a atenção sobre si?

Embora me escandalizasse, esta segunda hipótese não podia ser de todo descartada quando interpretada - se assim se pode dizer - à luz dos manifestos e ensaios em prosa em que as posições estéticas e políticas mais incríveis eram imperturbavelmente deduzidas de raciocínios aparentemente rigorosos mas onde pairava a mistificação? Como conciliar estas acrobacias demasiado conscientes e demasiado concertadas com a ideia que - com a intransigência da juventude - me tinha feito sobre o que “devia ser” um grande e autêntico poeta do nosso tempo? A minha admiração duvidava por vezes do valor de uma obra ambígua, explorada nas trevas e passo a passo.

Decerto que não fora o aparecimento em 1934 de *Mensagem*, a primeira seleção de poemas publicada de Pessoa, que pôde contribuir para esclarecer a situação. Não era a beleza dos poemas e a sua repercussão, muito pessoana, que estava em questão, mas sim o que nos oferecia, quando outros textos de extrema importância, nunca editados, continuavam inacessíveis. Uma série de evocações simbólicas dos grandes momentos da história nacional, onde paira uma visão messiânica digna dos iluminados do século XVII - um Padre Vieira, por exemplo - que nos conduz às perspectivas místicas e apocalípticas de um “Quinto Império” espiritual. Uma seleção proposta à apreciação de um júri oficial de um prémio literário, e com um êxito muito relativo. Seria mais uma surpresa do “génio maligno”, deste Proteu das metamorfoses sabiamente engendradas? Ou a expressão sincera de uma convicção mais ingénua que esotérica? Em que poderiam os seus vaticínios servir a sua causa fora do meio, muito limitado, seu país de origem? E, acima de tudo, a reação que a publicação de *Mensagem* provocou ao tirá-lo do anonimato não fez dele a vítima de um irreparável mal-entendido?

Enquanto lia e traduzia, vítima destas incertezas, fui bruscamente informado no Brasil da morte prematura do poeta, aos 47 anos, no dia 20 de novembro de 1935. Raros eram os escritores brasileiros, mesmo os mais informados, que tinham ouvido falar de Fernando Pessoa. Apesar do desconhecimento ser compreensível e se era esta a situação no país “irmão”, que

possibilidade haveria de tornar conhecido e consagrado noutros países o significado universal do seu legado? Nós, os raros fiéis portugueses e estrangeiros, estávamos convertidos em depositários de um grande destino, e a responsabilidade da sorte que nos havia tocado ultrapassava em muito os meios que dispúnhamos para a enfrentar. Iríamos nós, com tristeza e remorso, ver apagar-se na indiferença – ou, no melhor dos casos, confinar-se a uma notoriedade local e discutida – uma obra que naquela época nenhum de nós podia pressentir a sua dimensão e a importância?

E contudo o milagre aconteceu. Fernando Pessoa, morto, impôs pouco a pouco a sua presença. Aos companheiros da sua geração que souberam apreciar o seu justo valor, ao jovem grupo de *Presença* que o tinha redescoberto, juntaram-se, primeiro em Portugal e pouco depois por toda a parte, admiradores, propagandistas, exegetas, de quem se estranha que alguns deles não se tenham preocupado mais com o poeta durante a sua existência. Pode perguntar-se, a este propósito, se para alguns dos seus compatriotas o nacionalismo, apesar de bem intemporal, de *Mensagem* não terá servido de revelador. É surpreendente ver hoje nos manuais escolares fragmentos escolhidos – muito prudentemente escolhidos – de um autor bem pouco académico. Não tem importância: o próprio mal-entendido contribuiu em muito para libertar Pessoa da ganga em que o conformismo o tinha encarcerado.

Dois acontecimentos importantes deram ao movimento o impulso decisivo. O primeiro foi a publicação, a partir de 1945, das obras completas (ainda não concluída) pelas edições Ática, em Lisboa, e depois a obra monumental que João Gaspar Simões intitulou *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Uma e outra iniciativa deram lugar às mais controversas discussões. Muito se comentou a forma adotada pelos editores para a apresentação do conjunto das obras completas e Simões apontou-se-lhe a perspetiva psicanalítica que seguiu para dar ao mistério de Pessoa uma explicação coerente. polémica que acabaria por servir a causa do poeta, pela quantidade de análises, comentários e testemunhos que trouxeram à luz do dia uma correspondência preciosa, em que esse ser inapreensível aceita, sem nunca se entregar, dar, pelo menos, uma explicação sobre si, mostrando-se na sua forma humana. E na mesma altura, inclusive antes dos acontecimentos que acabo de referir, despertavam outras iniciativas fora dos países de língua portuguesa, nomeadamente em França graças à tenacidade, intuitivamente justa e eficaz de Armand Guibert, defensor desinteressado de uma causa aparentemente sem esperança e agora triunfante. Em resumo: de desconhecido em vida no seu próprio país, Fernando Pessoa, alcançou vinte anos depois da sua morte uma celebridade quase universal, glória que desde então não pára de se estender como uma nódoa de azeite. Uma das mais recentes e mais significativas homenagens que se lhe prestou foi a notável antologia traduzida por Octavio Paz e o seu prólogo tão

elucidativo: o reconhecimento e a celebração de um grande poeta por um dos seus pares!

Qual foi a nossa reação, os fiéis dos tempos do anonimato, perante esta voga tão imprevista? Não foi de forma alguma uma reação de possessão, pois nunca estivera nas nossas intenções querer guardar para benefício de alguns uma obra, que, pelo contrário, nos indignava até que a sua consagração tivesse tardado tanto. Pela minha parte, a morte do poeta comoveu-me imenso, de forma absurda senti mesmo um sentimento de culpabilidade, como se em vida o tivesse abandonado e não tivesse defendido eficazmente a sua causa. Depois de termos passado algum tempo receosos que esta estivesse definitivamente comprometida, ficámos sinceramente- e sem segunda intenção – salvo por vezes uma ironia zombeteira perante certas e inesperadas alianças – felizes por ver os nossos receios desmentidos pelos acontecimentos. Ficámos também agradecidos a esta voga repentina pelo volume de revelações e textos inéditos que vieram confirmar ou retificar as nossas primeiras intuições proporcionando um conhecimento mais alargado e sistemático em que apenas subsistia a parte de mistério consubstancial à poesia. À medida que os sucessivos volumes das obras completas ia saindo e as publicações independentes que as completavam, a paisagem à nossa frente alargava-se, os restos de nevoeiro dissipavam-se, os fragmentos já conhecidos recebiam uma nova luz vinda dos conjuntos onde se inseriam. Os falsos problemas resolviam-se por eles próprios; outros se colocavam à nossa atenção agora mais informada e por isso mais perspicaz.

Foi então quando a suspeita de artifício desapareceu, ou pelo menos, se tingiu de outro significado. Alberto Caeiro e Ricardo Reis, cujo inventor cedo havia declarado definitivamente acabada a parte que por direito lhes correspondia, quase não foram modificados pelas revelações póstumas. Em contrapartida, certas dificuldades de atribuição mostraram mais claramente as afinidades que existiam – que sempre tinham existido – entre Fernando Pessoa e certos aspectos de Álvaro de Campos, malgrado, as aparências formais. Descobriram-se ao mesmo tempo, sobretudo na sua prosa, outros “duplos” míticos, mais ou menos esboçados: Bernardo Soares, auxiliar de guarda-livros, em Lisboa, C. Pacheco, sem contar com interlocutores imaginários que em si mais não eram que reflexos: um Vicente Guedes, um Barão de Teive. A tendência para o desdobramento multiplicava-se até ao infinito e por isso mesmo cessava, confessando uma necessidade irresistível, quase visceral. Todavia, o essencial da grande produção poética, por numerosas que fossem as composições inéditas pouco a pouco reveladas, continuava sob a alçada dos quatro personagens essenciais e principalmente de Álvaro de Campos e Fernando Pessoa, sendo a parte deste último consideravelmente aumentada, ao ponto de desfazer o equilíbrio do conjunto que estava agora em seu favor. A nova “relação de forças” alterava todas as perspetivas. Até aí Caeiro e Campos, cuja originalidade era mais evidente, apareciam como os principais personagens do

“drama em gente”, agora verificava-se que “Fernando Pessoa” pela sua complexidade, pela abundância da produção por ele reivindicada, nunca deixara de ser o protagonista do universo poético de Fernando Pessoa. E o traço que mais o diferenciava dos outros não era certamente uma complacência bizantina nos virtuosismos de uma invenção gratuita mas um contributo que demonstrava uma consciência superaguda para sondar, dar forma e transpor em rima poética o mistério de um profundo sofrimento.

Confesso ter chegado a esta conclusão após várias tentativas que, sem atingir o cerne do problema, me aproximavam todavia dele. De início, há muito que tinha aceitado sem reservas, e como hipótese de partida, a explicação frequentemente sugerida pelo próprio Pessoa para justificar os seus múltiplos disfarces e que se pode resumir em poucas palavras da seguinte maneira:

Sob influências difíceis de discernir, verifica-se que em vários momentos decisivos da sua evolução poética, Fernando Pessoa se sentiu como que dominado pela necessidade de dar à sua inspiração uma forma diferente da que até então tinha dado à sua obra, e que apesar da sua importância e valor expressivo apenas correspondia a uma parte das suas tendências. Na origem, pelo menos para Caeiro e para o primeiro Álvaro de Campos, o da “Ode Marítima”, há essa clara sensação de ter sido possuído e invadido por outro “em mim mais que eu mesmo”. A este outro “eu”, a este desdobramento efémero, Pessoa, por rigor e exactidão, procurou dar-lhe um nome, e divertiu-se ao imaginar o que pode ter sido mais do que um acidente poético; analisando depois - com a agudeza irónica em que era mestre - a que aspecto do seu humor e temperamento no plano poético este personagem fictício melhor correspondia; e por acréscimo cada vez que sentia uma tentação análoga, apesar de desprovida da mesma exigência tirânica, atribuía à personagem os poemas que compunha nesse estado, por vezes, possivelmente, provocado por ele próprio.

Se Álvaro de Campos sobreviveu até aos últimos anos do poeta, enquanto Caeiro e Reis cedo desapareceram, é porque os dois últimos correspondiam apenas a necessidades esporádicas ou limitadas, ao contrário do humor de Álvaro de Campos, cujos meios de expressão tinham evoluído, que representava uma constante do seu ser poético. Porém, ao mesmo tempo que escrevia poemas destacadamente diferenciados e menos expressivos compunha outros que lhe pareciam estar menos caracteristicamente definidos ou mais satisfatórios – não digo mais reveladores nem mais acabados – e que assinava simplesmente com o seu nome civil.

A inteligência crítica de Pessoa, a consciência perspicaz que como poeta de si mesmo parece ter tido levou-o a fazer da sua obra uma espécie de empresa coletiva onde a cada membro era atribuída a tarefa que melhor lhe convinha, isto é, cada momento de inspiração era tratado no registo que lhe parecia mais adequado. Mas para não haver enganos, para que se evite, sobretudo, de pensar que ele a si

mesmo se enganava, ao convidar-nos a apreciar cada parte por si mesma, a corrigir o efeito pela comparação dessas partes tão diferentes, pois só o conjunto reflete totalmente o poeta, este teve a preocupação de nos advertir que tinha montado este mecanismo de todas as suas peças, que somente ele estava presente – mas não presente no todo – por detrás de cada uma destas máscaras. Pode parecer estranho esta preocupação de unidade, esta alternativa de êxtase e lucidez, esta aptidão para a si-mesmo se abandonar consciente deste abandono, mas não me parece haver nisto nada de inconcebível, nada que não nos tenha sido dado a entender, em termos claros, pelo próprio poeta, que, apesar da ligeireza do tom, nos autorize a duvidar das suas reiteradas afirmações. Ignoro se as suas palavras são sinceras mas julgando-o de boa-fé não preciso saber ou supor mais para aceitar a sua obra tal como se apresenta: como uma evidência cuja riqueza e multiplicidade a ela-própria se basta.

Seria o suficiente para considerar inumana esta poesia? Arrisquemos ainda uma expressão cómoda retirada do jargão filosófico em voga nos nossos dias: pode-se chegar à conclusão da sua inautenticidade? Convida-nos ele a admirar as acrobacias puras de um grande retórico? Pela minha parte estava longe de o pensar já que Fernando Pessoa, com todas as suas astúcias e artifícios e o seu deliberado desdobramento em heterónimos, constituía para mim um dos casos mais patéticos da angústia que sofre a maior parte dos escritores, incluindo poetas, do nosso tempo: o sentimento de um “eu” inapreensível, o ceticismo radical em relação à unidade do ser. Quem sou? e sou eu uno? O que é existir e para que existo eu? A exaltação dionisíaca da “Ode Marítima” não pode ser reduzida ao papel das influências literárias, a vontade arbitrária de competir com Whitman e Marinetti: liberta um impulso singularmente veemente, mas que relação existe entre estas crises de entusiasmo – que por outra parte se desfaz em cinzas como um foguete apagado – e a objetividade aplicada de “O Guardador de Rebanhos”, poemas que foram escritos numa espécie de êxtase intensamente vivido, tal como o delírio de Álvaro de Campos? Como pode o mesmo ser assemelhar-se, por um lado, a Valéry e por outro perder-se impetuosamente nos abismos do esoterismo? E porquê a sua incapacidade em fazer a síntese destas alternativas numa única voz? Se num só homem todas as contradições são válidas em que consiste a sua essência? e longe de poder afirmar a autonomia da sua consciência não consegue confessar que é o brinquedo de forças que o ultrapassam, de uma misteriosa comédia de personagens múltiplos de que é espectador passivo e impotente? Eis aqui o “drama em gente” que tanto intrigou a crítica. Que outro recurso dispõe um espírito orgulhoso e lúcido senão aceitar a servidão da nossa condição, entrar no jogo, melhor ainda, encenar-se? O poeta estende uma cilada ao destino, de quem é vítima, roubando-lhe as armas para as converter em realidades arbitrárias mas fecundas, sinais manifestos da sua dependência e deformidade. Parodiemos aqui a famosa fórmula de Rimbaud, “Je est un autre”, se o “eu” é outro então não existe,

porém, em vez de me esforçar a tentar reconstruir uma unidade fictícia, cujo segredo é, por outro lado, inatingível, por que não aceitar cada um destes “outros”? por que não aceitar sucessivamente os desafios que me propõem, ao ponto de conferir a estes “outros”, através das obras que me inspiram, uma realidade mais autêntica que a de este “eu” inconsistente? Tudo isto, é óbvio, não se faz impunemente: uma inteligência dominada pelo rigor lógico, não abdica sem dificuldade de ser dona de si, ficando à disposição de um humor imprevisível que ignora onde vai e porquê. Renunciar à unidade, correr o risco de se perder, não se faz de ânimo leve, a partir do momento em que se decidiu aceitá-la assumindo todas as consequências, não é partida que se jogue com o despreendimento de um jogador profissional. A poesia de Álvaro de Campos como a de Ricardo Reis, de Caeiro, tal como a de Pessoa, apesar das diferenças que separam todos estes avatares, é quase sempre amarga, desencantada, pessimista e não raro desesperada. A ironia que por momentos a ilumina é frequentemente, e apenas, uma reação do “eu” contra ele mesmo, uma maneira de mostrar aos heterónimos o sacrifício penoso que cada um impõe ao “eu” que decompõe. No que diz respeito às exaltações proféticas do poeta da *Mensagem*, e às iluminações esotéricas de “O Último Sortilégio”, direi que se me afiguram como uma outra maneira de atenuar esse sofrimento e salvar uma existência irrisória proporcionando-lhe uma realidade transcendente que através dela se esquece.

Mas Pessoa não tem fé: não tem fé nenhuma; o iluminismo mais não é que uma tentação do seu génio sombrio, outra fantasia heterónima que tão depressa se exprime como volta a cair na atonia. Para ele, que não acredita em si, na História ou em Deus, não há mais recurso algum.

Era este o ponto a que eu tinha chegado na minha tentativa para comunicar com o poeta, negando-me a encará-lo como um fenómeno, quando a publicação, em 1955 e 1956, dos dois volumes de obras inéditas veio confirmar como uma iluminação as minhas ainda confusas intuições. Seria mero acaso se os textos que em seu nome assinava comesçassem agora, incompletos, por vezes, outras, não raras, já perfeitamente acabados, repentinamente a abundar, ele que até à sua morte se mostrara tão avaro. Desde há algum tempo que eu andava obcecado por um pequeno poema, muito simples, mas de uma pungente simplicidade, um dos raros em que se pode pressentir, muito atenuadamente, uma espécie de desabafo pessoal, cuja última estrofe eu incessantemente repetia:

Senhor, já que a dor é nossa
E a fraqueza que ela tem,
Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém.

Estoicismo banal, “à la Vigny”? Mero acidente de percurso? Como foi possível julgá-lo assim se em tantos poemas escritos com regularidade durante vinte anos de existência se constata o mesmo desabafo? Especialmente quando, apesar de algumas nuances, e da inevitável marca do tempo, se mantém o mesmo registo, a mesma tonalidade, se confessam as mesmas obsessões clamando e murmurando a mesma súplica:

Dá-nos ao menos a força
De a não mostrar a ninguém.

Foi aí que se tornou evidente o significado dramático desta súplica de Pessoa a ele próprio, mais do que a Deus cuja existência para ele era uma pura ilusão. Era preciso, para sobreviver a este inferno, manter, a qualquer custo, os outros afastados. Era preciso desviar a sua curiosidade para enigmas que os distraíssem e quanto mais excitantes fossem para o seu espírito mais satisfatória seria para a vaidade de cada um o facto de os ter desvendado.

Isto é o que se chama na linguagem venatória “donner le change”, isto é, “confundir o caçador”. E todos, ou quase, fomos confundidos e nos perdemos seguindo falsas pistas, melhor ainda, pistas verdadeiras mas que nos afastavam cada vez mais do verdadeiro fim. E o caçador perseguido, ao mesmo tempo presa e monteiro-mor, com um olhar irónico, por onde passava por vezes um relâmpago de angústia e pesar, via-nos perdidos. Assim, humano e timidamente afeiçoava-se às amizades mais humildes, como que pedindo se apercebessem, por elas próprias, do que ele não podia nem lhes queria revelar.

Durante anos os projetos de edição sucediam-se sem nunca chegar ao fim; não era somente a insuficiência de meios materiais que fazia que os projetos, um após outro, ficassem pelo caminho; era, e disso estou absolutamente convencido, no momento de agir, a recusa mais ou menos consciente do homem que os tinha concebido, definido o plano e o programa. Na quantidade de manuscritos, cuidadosamente conservados, os que Fernando Pessoa admitia como seus, assinando-os com o seu verdadeiro nome, eram de longe os mais importantes. No dia em que caíssem no domínio público, uma nova luz aclararia sensivelmente a ficção dos heterónimos: a imagem do fleumático prestidigitador, perfeitamente senhor dos seus meios e das suas astúcias, apagar-se-ia para ceder o lugar a um poeta ainda maior, embora cruelmente indiscreto, um verdugo de si-mesmo, sem piedade nem esperança. Outros menos susceptíveis, ou com menos dignidade, não teriam resistido à tentação de oferecer o espectáculo de um destino em tudo fora do comum. Para Fernando Pessoa o risco era demasiado grande, nele estava a sua própria vida.

E as obras inéditas amontoavam-se na sombra e evocava-se para não as trazer à luz a negligência ou a inércia dos eventuais editores.

Porém, Fernando Pessoa tivera o cuidado de não as destruir, talvez para constituir em uma justificação póstuma, dizendo sobre ele o que ele se tinha proibido revelar: falariam por ele. E quando se está perante estas páginas aterradoras – as que foram incluídas no primeiro volume das obras completas e, sobretudo, as que integram os volumes de páginas inéditas – ficamos sem saber, dando-lhe razão, o que mais admirar se a lucidez com que desce ao fundo dele mesmo, a densidade que atribui - em muitos casos digna do melhor das suas obras primas – às angústias mais áridas ou mais exasperadas ou a força de carácter que lhe permitiu impor silêncio aos olhos do mundo e enclausurar-se no seu segredo.

O segredo de Pessoa, na medida em que, com prudência, dele nos é permitido aproximar – é, parece-me –, levado ao extremo, vivido, reconhecido, por ele traduzido em palavras inesquecíveis, muito antes de ter sido do conhecimento público e vulgarizado por tantos pseudoprofetas que dele fazem profissão e mercadoria – o da consciência desditosa de um ser desligado de qualquer valor transcendental que destrói a vida, vendo-se vivê-la e dela se distanciar. Não se trata do desespero existencial que a cada uma das suas opções ressuscita o homem mesmo se por instantes: é o desespero total. A existência, de antemão decidida, é dirigida por uma fatalidade desprovida de qualquer significado e cuja onipotência arbitrária se apresenta sem falhas lá onde a liberdade humana se possa insinuar, “Enquanto pese, e sempre pesará, | Sobre o homem a serva condição | De súbdito do Fado”. Nesta servil condição tudo é irrisório, incluindo o próprio esforço para a superar. E tanto pior será a maldição daquele que dela está consciente, na medida em que ela lhe nega, na origem, todas as possibilidades de se aturdir – o desejo, a ternura, os prazeres elementares dos sentidos e da alma – que encontraria, mesmo por breves instantes, no esquecimento da sua condição. “O que em mim sente está pensando” termina em “A consciência de nada querer nem ser”, ou ainda mais rigorosamente:

*Quem amo não existe.
[...]
Quem quis ser já me esquece
Quem sou não me conhece.*

Seria necessário analisar esta capacidade de diluição do espírito que destrói a sua própria continuidade, aniquila a sua própria razão de ser, eliminando as etapas do seu percurso à medida que as ultrapassa e infalivelmente a conduz ao nada:

Tardo me porque penso e tudo rui.

Todavia o retorno ao nada é a morte e perante esta última negação o corpo reage. Pessoa, o desesperado, recusa ferozmente esta possível evasão. “Não quero ir onde não há luz”, tema que por duas vezes tratou, partindo do mesmo primeiro verso, com a mesma evocação dos Campos Elísios da antiguidade pagã, uma em 1924 e outra em 1932. Demasiado humana contradição: a vida é um inferno e quem vive nem sequer pode desejar deste inferno se evadir. Morto em vida, desde que veio ao mundo:

*[Não sei, mas] sinto morto
O ser vivo que tenho
Nasci como um aborto,
Salvo a hora e o tamanho,*

Ao morrer, nem sequer tem esperança de nascer para uma nova vida.

O círculo fecha-se em volta do homem acurralado, do homem que nem pode partilhar a sua desgraça com os seus semelhantes – cada um enclausurado na sua incomunicável desolação – nem em si se retirar, que não cessa de escapar a ele próprio. É este o tom que de forma quase constante predomina as cerca de 300 páginas, tão obsessivas na sua total desolação que não deixam espaço para a monotonia.

Eis aqui o que apenas se podia adivinhar, as páginas inéditas obrigam-nos a reconhecer e rever totalmente o Pessoa a que nos tínhamos habituado: a revelação de um homem profundamente infeliz, isto é, infeliz no absoluto. Não por não ter encontrado no seu país e no seu tempo um ambiente que lhe permitisse evoluir, não por o corpo o ter traído, ou por se ter extenuado fazendo frente às necessidades mais básicas para sobreviver, ou que o amor e a amizade lhe tenham sido negados. Não pela ausência frustrante de ternura materna ou por não ter conhecido as alegrias do lar. Não por estar só e desconhecido. Mas porque era incapaz de ser feliz, da própria ideia da felicidade, porque mesmo que a vida o tivesse contemplado com todos os dons, jamais o poderia salvar dessa maldição inicial com a qual o marcou: não se deixar iludir por nada, não ter nada a que se prender e ter no entanto nascido com a vocação poética.

Mas se a própria existência é uma ilusão, uma pura semelhança, como diz algures, por que resignar-se a uma semelhança e não a outra? Por que se identificar com a máscara convencional colocada sobre este nada pelas necessidades sociais? Mentira por mentira, talvez seja melhor preferir divertir-se, no sentido lato da palavra, fingindo desdobrar-se:

*Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser*

Porque não se cansar?

*Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.*

Eis aqui o que me traz, contra a minha vontade, ao inevitável problema dos heterónimos. Artifício, com certeza, mas para evitar de considerar o seu próprio absurdo, artifício que lhe permite esquecer o próprio acto de imaginar criaturas artificiais, o que, para ele até a sua própria identidade constitui; engano do desespero, vingança vinda dele mesmo pela ironia. Surge então a questão – não para ele-mesmo mas para o outro – quem será neste jogo o mais “real”? Fernando Pessoa ou Álvaro de Campos, Caeiro ou Reis? Faz sentido a pergunta? Não será ingenuidade colocá-la? Contudo, a pergunta era necessária, era preciso que ao colocá-la passássemos do concreto ao abstrato.

Graças a Fernando Pessoa, chegamos assim ao termo – provisório pois que a descoberta de um poeta é uma tarefa inesgotável – da nossa viagem no tempo.

Haverá quem se sinta talvez dececionado por algo que lhe parece tão radicalmente alheio às angústias e às expectativas do nosso tempo: paz ou guerra; escravidão ou liberdade; fraternidade ou luta feroz entre povos e continentes; miséria na injustiça ou abundância na justiça; tecnocracia opressiva ou integrada num novo modelo de civilização. Um poeta que apenas fala de si pode parecer que nada tem para dizer, e a sua obra, que se julgará anacrónica, correr o risco de o deixar reticente para não dizer indiferente. Eu admito sem dificuldade que Fernando Pessoa não é o intérprete das grandes paixões coletivas. O seu génio está precisamente em saber reconhecer e exprimir até que ponto o drama metafísico que viveu o isolou dos seus semelhantes e o enclausurou numa solidão sem saída.

Mas, como tentei demonstrá-lo, trata-se de uma solidão deveras exemplar, uma das formas mais expressivas da consciência desditosa, que opõe a sua rebeldia e se queixa do destino absurdo que a esmaga, de que sofrem muitos dos nossos contemporâneos, sem hipóteses de esperança e recusando qualquer redenção.

Seria excessivo considerar Fernando Pessoa como um precursor do existencialismo. O seu temperamento, muito particular, indelevelmente marcado pelo racional, a estrutura complexa do seu espírito, a intensidade da sua vocação poética, as formas insólitas que ela assumiu, todo o que o caracteriza, não cabe em nenhum limite doutrinário. O existencialismo não é mais que uma maneira de designar a angústia de hoje, uma das definições que adotou e através da qual se justifica. Pessoa não precisava de modelo algum nem de qualquer referência filosófica para sondar até ao extremo limite o abismo de um inferno pessoal de

onde extraiu tantos tesouros sombrios ou luminosos. Há contudo uma analogia, algo de um ar de família com os grandes testemunhos espirituais do nosso tempo. Inatual numa escala quotidiana, Fernando Pessoa não deixa de ser menos humano, de uma humanidade que só na aparência parece alheia ao evoluir da História. Fernando Pessoa está ao mesmo tempo, no seu tempo, e fora do tempo.

ALÉM

À MEMÓRIA DE FERNANDO PESSOA

*Sôbre Athena imortal o Corvo impera
Fitando negro a Dor que se traduz.
Hoje Eleonora virtual conduz
As cinzas do que ardeu à sua espera.*

*Irmão do Génio americano ele era,
Na Lusitânia teve a sua cruz.
E sob o frio da satúrnica luz
Lhe foi perdida a própria primavera.*

*Triste Poeta do que não existe
Senão em amargura sublimada,
Dormes qual o Menino que sentiste.*

*Dos laranjeas a brisa perfumada
Vai modulando num afago triste
A tristeza que foi abandonada.*

GIL VAZ.

UMA CARTA DE
PIERRE HOURCADE

Hourcade, 21, Route d'Harcourt, Caen, Calvados — Le 10 Janvier 1936

Mon bien cher Carlos,

Non, je ne savais pas que Pessoa était mort, et cette nouvelle m'a laissé une bizarre torpeur. A vrai dire, je n'y crois pas : je croyais à peine à son existence. De temps en temps je le voyais surgir, d'un étrange arrière-pays fait de néant et que je supposais peuplé de magiciens et de navigateurs — et pourtant je savais qu'il était peuplé de machines à écrire et de comptes-courants. Il était là sans crier gare, en retard, ou en avance, jamais à l'heure, toujours imprévu, même quand j'avais moi-même longuement combiné le rendez-vous. Et dans ces courts instants de présence, il me semblait qu'il vivait double, triple, comme pour se rattraper des heures et des heures d'inexistence qui avaient précédé. L'ironie, la ferveur, la subtilité lui ruisselaient des yeux, des mains, faisaient danser ses minces épaules, allumaient de diaboliques reflets de narquoiserie dans son ceil, dégageaient autour de son corps comme un halo de fièvre légère qui se communiquait à l'interlocuteur, ou plutôt au spectateur, tel le frisson sec et plaisant des matins de gelée. Huit ou dix fois il me l'a communiqué, en cinq ans, ce sentiment de discrète frénésie poétique, mais toujours orientée par la plus exigeante clairvoyance. Clairvoyant, qui vraiment, comme on le dit des médiums ; jamais dupe, et dévoré de ne pas l'être assez.

Au bout d'une heure nous nous levions, je l'accompagnais quelques pas Rua da Prata, jusqu'à un tournant, toujours le même, le tournant d'une rue qui grimpe et semble vouloir prendre d'assaut une façade d'église sur son passage. Et *jamais* je ne me suis retourné après l'avoir quitté : j'aurais eu trop peur de le voir peu à peu se décolorer, devenir translucide, se dissoudre dans l'air du soir, regagner en fumée ce pays secret d'où il s'évadait de temps en temps pour aborder jusqu'à mon rivage. Mort ? Qu'est-ce que cela veut dire, quand il s'agit d'un homme qui avait à ce point réduit le contact avec la vie ? Je ne pleurerai pas Fernando Pessoa. C'est un genre d'hommage que sa discrétion

maladive n'eût pas toléré. Mais jamais, jamais je ne pourrai l'oublier.

Quant au poète, mon cher Carlos, il était unique ; il laisse un vide, un de ces vides qu'il faut vingt, trente ans pour combler : juste le temps de mesurer l'espace qu'il occupait, juste le temps pour ton pays et le sien de se rendre compte de la perte qu'il vient de faire ; le temps d'entrer dans les histoires officielles...

Ce que tu as dit de lui à la Radio était à tous égards parfait ; je n'en attendais pas moins de toi, par qui je l'ai connu, toi, un des seuls êtres sans doute pour lesquels il ait éprouvé quelque chose qui ressemblât à nos attachements terrestres. Et je ne veux pas dire du tout qu'il m'ait paru sec, indifférent, inhumain ; non ! mais c'est que toutes les choses qui lui advenaient, tout ce qui se passait en lui et autour de lui prenait à son contact une valeur essentiellement autre que pour n'importe qui. L'amitié de Pessoa, l'enthousiasme de Pessoa, l'ironie de Pessoa ne peuvent être ainsi nommés que par approximation, et faute d'un mot moins grossier. Et dans tout cela pas le petit soupçon d'affectation, ou même de conscience de cette différence invincible ; une simple bonne foi dans l'étrangeté qui, chez un être par ailleurs aussi conscient, touchait au miracle. Étrange, étranger Fernando Pessoa, qui nous aurait, dis-tu, cette fois tout à fait quitté ? mais qui, dans nos songes, dans nos moments les meilleurs et les mieux éveillés, ne cessera de revenir nous visiter, nous bouleverser, pour disparaître à nouveau.

Je te demande pardon de répondre si peu à ton message d'amitié. Mais il y a deux jours que je sais, et personne autour de moi à qui faire comprendre les sentiments encore confus qui m'assaillent.

P. S. — Si un numéro « In Memoriam » est publié à *Presença*, je demande qu'on m'en avise à temps et qu'on m'autorise à y collaborer.

Pierre Hourcade publicou um dia, nos « *Cahiers du Sud* », algumas das notas mais lúcidas que sôbre a arte de Fernando Pessoa se tem escrito. Por impossibilidade de tempo, *presença* não espera, como fôra desejo dela e dêle, a sua colaboração para este número. Mas à amável anuência de Carlos Queiroz deve o poder publicar, no exerto de carta que aí fica, a tão viva, comovida e justa evocação que Pierre Hourcade faz de Fernando Pessoa.

Fig. 3. Carta para Carlos Queiroz.

3. Carta de 10 de janeiro de 1936 ³⁹

Hourcade, 21, Route d'Harcourt, Caen, Calvados – le 10 Janvier 1936

Mon bien cher Carlos,

Non, je ne savais pas que Pessoa était mort, et cette nouvelle m'a laissé une bizarre torpeur. À vrai dire, je n'y crois pas : je croyais à peine à son existence. De temps en temps je le voyais surgir d'un étrange arrière-pays fait de néant et que je supposais peuplé de magiciens et de navigateurs- et pourtant je savais qu'il était peuplé de machines à écrire et de comptes-courants-. Il était là sans crier gare, en retard, ou en avance, jamais à l'heure, toujours imprévu, même quand j'avais moi-même longuement combiné le rendez-vous. Et dans ces courts instants de présence, il me semblait qu'il vivait double, triple, comme pour se rattraper des heures et des heures d'inexistence qui avaient précédé. L'ironie, la ferveur, la subtilité lui ruisselaient des yeux, des mains, faisaient danser ses minces épaules, allumaient de diaboliques reflets de narquoiserie dans son œil, dégageaient autour de son corps comme un halo de fièvre légère qui se communiquaient à l'interlocuteur, ou plutôt au spectateur, tel le frisson sec et plaisant des matins de gelée. Huit ou dix fois il me l'a communiqué, en cinq ans, ce sentiment de discrète frénésie poétique, mais toujours orientée par la plus exigeante clairvoyance. Clairvoyant, oui vraiment, comme on le dit des médiums ; jamais dupe, et dévoré de ne pas l'être assez.

Au bout d'une heure nous nous levions, je l'accompagnais quelques pas Rua da Prata, jusqu'à un tournant, toujours le même, le tournant d'une rue qui grimpe et semble vouloir prendre d'assaut une façade d'église sur son passage. Et *jamais* je ne me suis retourné après l'avoir quitté : j'aurais eu trop peur de le voir peu à peu se décolorer, devenir translucide, se dissoudre dans l'air du soir, regagner en fumée ce pays secret d'où il s'évadait de temps en temps pour aborder jusqu'à mon rivage. Mort ? Qu'est-ce que cela veut dire, quand il s'agit d'un homme qui avait à ce point réduit le contact avec la vie ? Je ne pleurerai pas Fernando Pessoa. C'est un genre d'hommage que sa discrétion maladive n'eût pas toléré. Mais jamais, jamais je ne pourrai l'oublier.

Quant au poète, mon cher Carlos, il était unique; il laisse un vide, un de ces vides qu'il faut vingt, trente ans pour combler: juste le temps de mesurer l'espace qu'il occupait, juste le temps pour ton pays et le sien de se rendre compte de la perte qu'il vient de faire ; le temps d'entrer dans les histoires officielles...

Ce que tu as dit de lui à la Radio était à tous égards parfait; je n'en attendais par moins de toi, par qui je l'ai connu, toi, un des seuls êtres, sans doute, pour

³⁹ Publicada por Carlos Queiroz em *Presença*, n.º 48, Coimbra, Julho de 1936, p.12.

lesquels il ait éprouvé quelque chose qui ressemblât à nos attachements terrestres. Et je ne veux pas dire du tout qu'il m'ait paru sec, indifférent, inhumain ; non! mais c'est que toutes les choses qui lui advenaient, tout ce qui se passait en lui et autour de lui prenait à son contact une valeur essentiellement autre que pour n'importe qui. L'amitié de Pessoa, l'enthousiasme de Pessoa, l'ironie de Pessoa ne peuvent être ainsi nommés que par approximation et faute d'un mot moins grossier. Et dans tout cela pas le petit soupçon d'affectation, ou même de conscience de cette différence invincible ; une simple bonne foi dans l'étrangeté qui, chez un être par ailleurs aussi conscient, touchait au miracle. Étrange, étranger Fernando Pessoa qui nous aurait, dis-tu, cette fois tout à fait quitté ? mais qui, dans nos songes, dans nos moments les meilleurs et les mieux éveillés, ne cessera de revenir nous visiter, nous bouleverser, pour disparaître à nouveau.

Je te demande pardon de répondre si peu à ton message d'amitié. Mais il y a deux jours que je sais, et personne autour de moi à qui faire comprendre les sentiments encore confus qui m'assaillent.

P.S. – Si un numéro "In Memoriam" est publié à *Presença*, je te demande qu'on m'en avise à temps et qu'on m'autorise à y collaborer.

[Tradução carta de 10 de janeiro de 1936]

Hourcade, 21, Route d'Harcourt, Caen, Calvados – 10 de Janeiro de 1936.

Meu querido Carlos,

Não sabia que Pessoa tinha morrido, e essa notícia deixou-me num estranho torpor. Para dizer a verdade, não queria acreditar, até na sua própria existência nunca acreditei. Via-o surgir, de vez em quando, vindo de um vago e estranho lugar, repleto de magos e navegadores – embora soubesse que era com máquinas de escrever e contas-corrente que ele lidava. Sem se dar por isso, aí estava ele, ora atrasado, ora adiantado, mas nunca a horas, sempre imprevisível, mesmo quando era eu que cuidadosamente tinha marcado o encontro. E, na minha presença, parecia-me que, nesses breves instantes, ele vivia a dobrar, a triplicar até, como se pretendesse recuperar as horas precedentes de existência vazia.

A ironia, o entusiasmo, a subtileza irradiavam-lhe nos olhos, nas mãos, baloiçavam-lhe os estreitos ombros, davam ao olhar diabólicos reflexos de malícia, deixando à sua volta uma espécie de auréola de ligeiro frenesim que se transmitia ao interlocutor, ou antes, ao espectador, tal o arrepio seco e benfazejo das manhãs de geada.

Durante cinco anos, umas oito ou dez vezes transmitiu-me a sensação de um frenesim poético, discreto, mas sempre orientado por uma exigente clarividência. Um clarividente, como se diz dos médium, sem ilusões e em luta consigo próprio por as não ter.

Uma hora depois, subíamos a rua da Prata até chegarmos à esquina, sempre a mesma, de uma rua que sobe e parece, no seu caminho, querer tomar de assalto a fachada de uma igreja. Depois de me despedir dele nunca me virei para trás : tinha medo de o ver pouco a pouco esvair-se, tornar-se translúcido, e evaporado no ar da noite esfumar-se no país secreto de onde de vez em quando escapava para vir ter comigo. Morto? Que quer isso dizer? Quando se trata de um homem que reduziu até ao limite o contacto com a vida? Não chorarei por Fernando Pessoa. É o género de homenagem que a sua obstinada modéstia não poderia tolerar. Contudo nunca, nunca o poderei esquecer.

Quanto ao poeta, meu querido Carlos, ela era único; deixa um vazio, um desses vazios de que serão necessários vinte ou trinta anos para preencher - o tempo de medir o espaço que ele ocupava, o tempo para o teu país, e o seu, de se aperceber da perda que acaba de ter; o tempo de entrar na história oficial...

O que sobre ele disseste na rádio foi perfeito em tudo, de ti, um dos únicos seres por quem, certamente, mostrou algo que se parece com a nossa afeição terrestre, não esperava outra coisa. Com isto, não quero de forma alguma dizer que ele era seco, indiferente, desumano; não! Mas tudo quanto acontecia, em si ou à

sua volta, tinha ao seu contacto um significado totalmente diferente que teria para quem quer que fosse. A amizade de Pessoa, o entusiasmo de Pessoa, a ironia de Pessoa, só deste modo, e vagamente se podem assim designar por não haver termos mais precisos. E isto tudo, sem qualquer presunção, ou consciência de uma intransponível diferença; a simples noção da sua particularidade, o que em alguém tão consciente quase parece milagre. Estranho, estrangeiro Fernando Pessoa, que desta vez, dizes tu, nos deixou para sempre, mas que em sonhos, ou até acordados, não deixará de nos visitar, nos inquietar, para de novo desaparecer.

Quero que me desculpes por não saber responder ao teu apelo, mas há apenas dois dias que soube da sua morte e não tenho ninguém à minha volta com quem partilhar o estranho sentimento que de mim se apoderou.

P. S. Se houver um número “In Memoriam” na *Presença*, peço-te que me informes a tempo para nele poder participar.

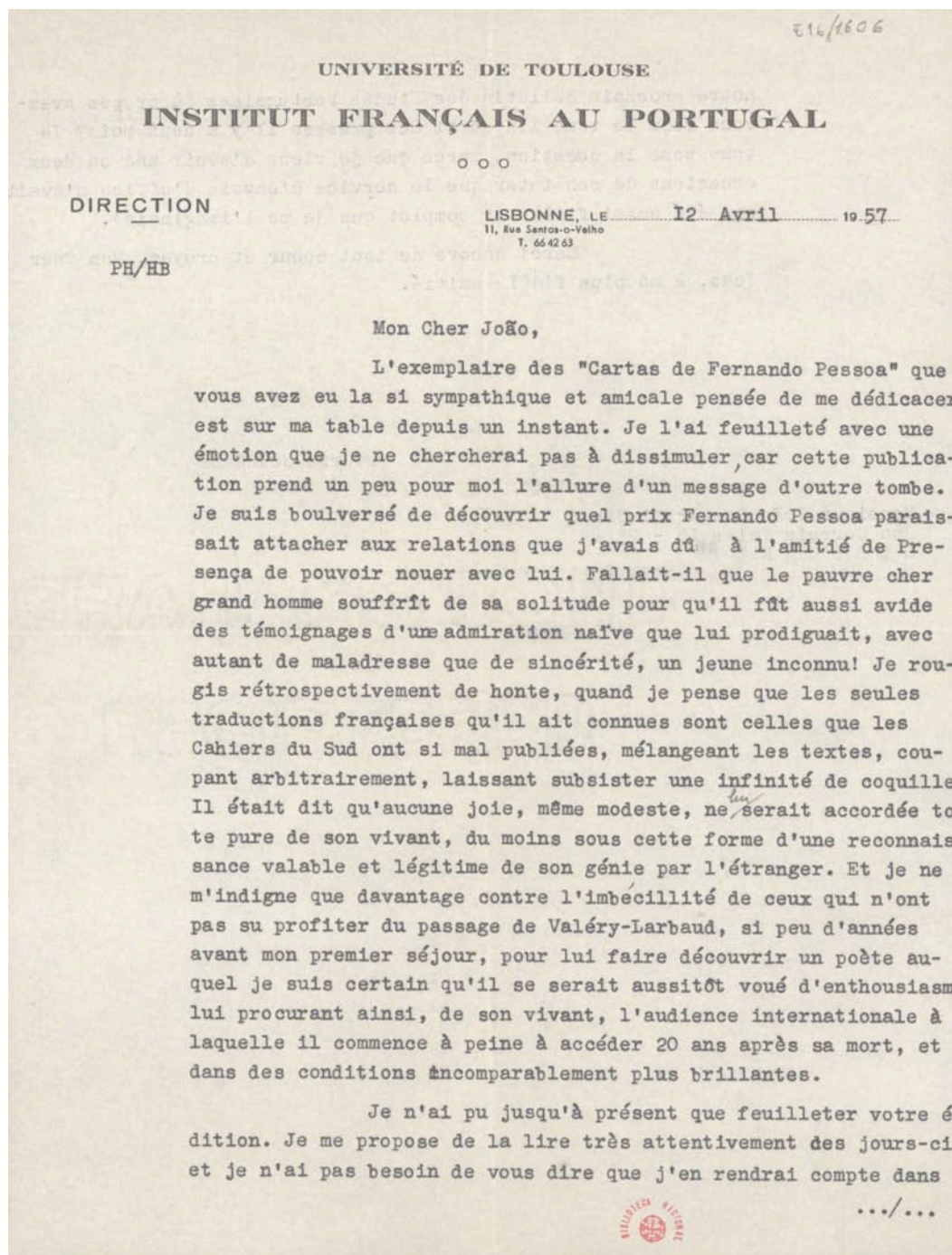


Fig. 4.1. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1606).

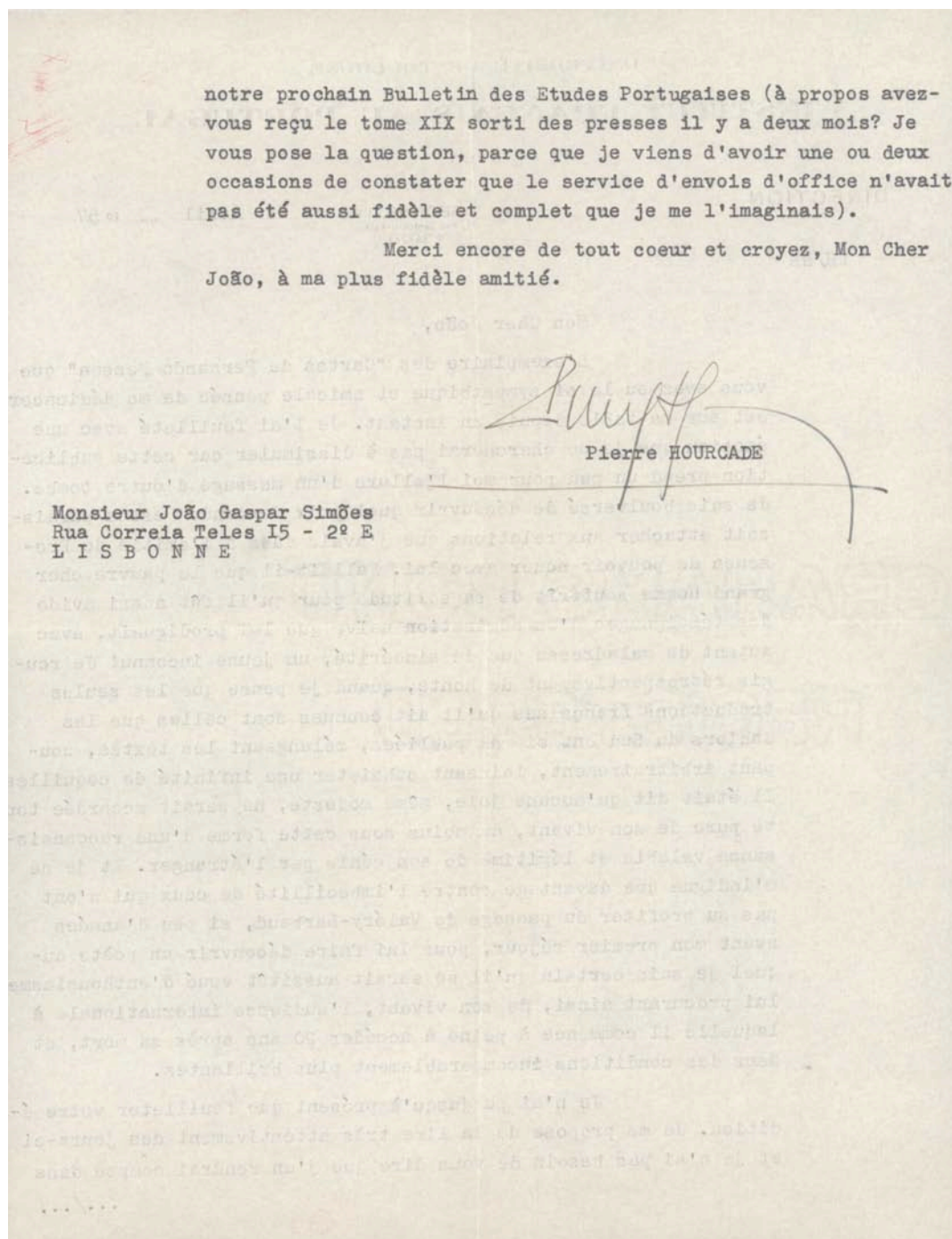


Fig. 4.2. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1606).

4. Carta de 12 de abril de 1957

Université de Toulouse
Institut Français au Portugal

PH/HB

Lisbonne, le 12 avril 1957

Mon cher João,

L'exemplaire des *Cartas de Fernando Pessoa*⁴⁰ que vous avez eu la si sympathique et amicale pensée de me dédicacer est sur ma table depuis un instant. Je l'ai feuilletée avec une émotion que je ne chercherai pas à dissimuler, car cette publication prend un peu pour moi l'allure d'un message d'Outre tombe. Je suis bouleversé de découvrir quel prix Fernando Pessoa paraissait attacher aux relations que j'avais dû à l'amitié de *Presença* de pouvoir nouer avec lui. Fallait-il que le pauvre cher grand homme souffrît de sa solitude pour qu'il fût aussi avide des témoignages d'une admiration naïve que lui prodiguait, avec autant de maladresse que de sincérité, un jeune inconnu! Je rougis rétrospectivement de honte, quand je pense que les seules traductions françaises qu'il ait connues sont celles que les *Cahiers du Sud* ont si mal publiées, mélangeant les textes, coupant arbitrairement, laissant subsister une infinité de coquilles⁴¹. Il était dit qu'aucune joie, même modeste, ne lui serait accordée toute pure de son vivant, du moins sous cette forme d'une reconnaissance valable et légitime de son génie à l'étranger. Et je ne m'indigne que d'avantage contre l'imbécillité de ceux qui n'ont pas su profiter du passage de Valéry Larbaud, si peu d'années avant mon premier séjour⁴², pour lui faire découvrir un poète auquel je suis certain qu'il serait aussitôt voué d'enthousiasme, lui procurant ainsi, de son vivant, l'audience internationale à

⁴⁰ *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Introdução, apêndice e notas do destinatário. Lisboa: Europa-América, 1957.

⁴¹ Hourcade refere-se ao artigo "Brève Introduction à Fernando Pessoa", escrito em 1932 e publicado no ano seguinte em *Cahiers du Sud*. Aí os editores, erradamente, inserem, sem qualquer observação, as duas últimas estrofes de "O último sortilégio", de Pessoa ortónimo, entre os poemas, XIII, XLIII e XLIX, de "O Guardador de Rebanhos". O artigo foi mais tarde traduzido por Álvaro Salema e inserido em *Temas de Literatura Portuguesa* (1978).

⁴² Hourcade lembra aqui a visita que o escritor francês Valéry Larbaud (1881-1957) fez a Lisboa e ao Buçaco em 1926, impressões que depois reuniu em *Jaune Bleu Blanc* (Gallimard, 1927), e indigna-se que ninguém tivesse falado de Fernando Pessoa ao curioso pelas literaturas estrangeiras que era então o autor de *Firmina Marquéz* (Fasquelle, 1911) e *Allen* (Gallimard, 1929). No entanto, entre os escritores portugueses contemporâneos de Pessoa referidos por Larbaud, encontram-se Almada Negreiros, António Ferro, João de Castro Osório, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Carlos Selvagem, Manuel de Sousa Pinto, José Bruges de Oliveira e António Sérgio.

laquelle il commence à peine à accéder, vint ans après sa mort, et dans des conditions incomparablement plus brillantes.

Je n'ai pu jusqu'à présent que feuilleter votre édition. Je me propose de la lire très attentivement ces jours-ci et je n'ai pas besoin de vous dire que j'en rendrai compte dans notre prochain *Bulletin des Études Portugaises* (à propos avez vous reçu le tome XIX sortit des presses il y a deux mois? Je vous pose la question, parce je viens d'avoir une ou deux occasions de constater que le service d'envois d'office n'avait pas été aussi fidèle et complet que je me l'imaginais).⁴³

Merci encore de tout cœur et croyez, mon Cher João, à ma plus fidèle amitié.

Pierre Hourcade

Monsieur João Gaspar Simões
Rua Correia Teles, 15 – 2º E
L I S B O N N E

⁴³ O *Bulletin des études portugaises* e de l'Institut Français au Portugal, foi publicado entre 1931 e 1961. Reapareceu depois com o título *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, entre 1972 e 1987. Sobre a história desta revista, veja-se o artigo de Albert Alain Bourdon, "Aux Origines de l'Institut français au Portugal" (2005).

[Tradução: carta de 12 de abril de 1957]

Université de Toulouse
Institut Français au Portugal

PH/HB

Lisboa, 12 de abril de 1959

Meu caro João,

O exemplar das *Cartas de Fernando Pessoa* que você, simpática e amigavelmente, me dedica está desde este instante em cima da minha mesa. Folhei-o com uma emoção que não vou esconder, esta publicação parece-me uma mensagem de além-túmulo. Ao constatar a importância que Fernando Pessoa atribuía aos laços que, graças à amizade da *Presença*, com ele pude estreitar fico profundamente alterado. Dolorosa deve ter sido a solidão desse pobre grande homem para atribuir tanta importância à admiração ingénua, tão desajeitada quanto sincera, de um jovem desconhecido! Coro, retrospectivamente de vergonha, quando penso que as únicas traduções francesas que em vida conheceu são as do *Cahiers du Sud*, tão mal editadas, misturando os textos, cortando arbitrariamente, além de um número interminável de gralhas. Estava escrito que em vida alegria alguma, mesmo modesta, lhe seria permitida, pelo menos na forma de reconhecimento verdadeiro e legítimo do seu génio no estrangeiro. E mais me indigno ainda contra a imbecilidade daqueles que não souberam aproveitar a passagem de Valéry Larbaud, poucos anos antes da sua primeira estadia, para lhe darem a conhecer um poeta pelo qual, estou certo disso, ele se teria imediatamente entusiasmado e assim lhe proporcionar em vida o reconhecimento internacional que 20 anos depois da sua morte começa a ter, e em condições muito mais honrosas.

Até agora mais não fiz que folhear a sua edição. Vou lê-la muito atentamente nos próximos dias e não preciso de lhe dizer que farei a recensão no próximo número do *Bulletin des Études Portugaises* (a propósito recebeu o número XIX que saiu da tipografia há dois meses? Pergunto porque constatei, uma ou duas vezes, que o serviço no expediente não é tão fiável e completo como eu imaginava).

Uma vez mais o meu sincero agradecimento e creia meu Caro João na minha profunda amizade.

Pierre Hourcade

Senhor João Gaspar Simões
Rua Correia Teles, 15 – 2º E
L I S B O A

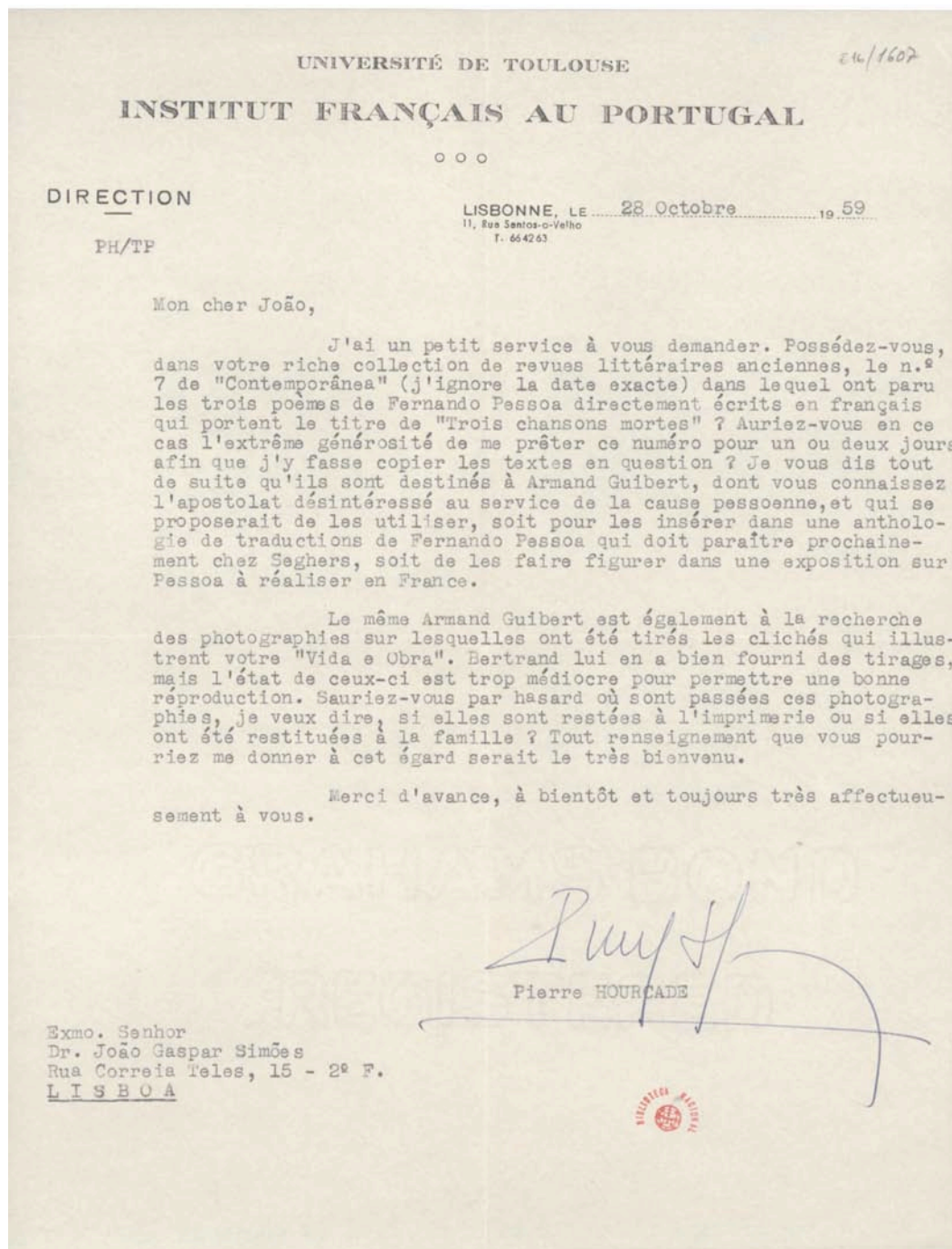


Fig. 5. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1607).

5. Carta de 28 de outubro de 1959

Université de Toulouse
Institut Français au Portugal

PH/TP

Lisbonne, le 28 octobre 1959

Mon cher João

J'ai un petit service à vous demander. Possédez-vous, dans votre riche collection de revues littéraires anciennes, le n.º 7 de *Contemporânea* (j'ignore la date exacte) dans lequel ont paru les trois poèmes de Fernando Pessoa directement écrits en français qui portent le titre de "Trois chansons mortes"? Auriez-vous en ce cas l'extrême générosité de me prêter ce numéro pour un ou deux jours afin que j'y fasse copier les textes en question? Je vous dit tout de suite qu'ils sont destinés à Armand Guibert, dont vous connaissez l'apostolat désintéressé au service de la cause pessoenne, et qui se proposerait de les utiliser, soit pour les insérer dans une anthologie de traductions de Fernando Pessoa qui doit paraître prochainement chez Seghers, soit de les faire figurer dans une exposition sur Pessoa à réaliser en France.⁴⁴

Le même Armando Guibert est également à la recherche des photographies sur lesquelles ont été tirés les clichés qui illustrent votre *Vida e Obra*. Bertrand lui en a bien fourni des tirages, mais l'état de ceux-ci est trop médiocre pour permettre une bonne reproduction. Sauriez-vous par hasard où sont passées ces photographies, je veux dire, si elles sont restées à l'imprimerie ou si elles ont été restituées à la famille? Tout renseignement que vous pourriez me donner à cet égard serait le très bienvenu.

Merci d'avance, à bientôt et toujours très affectueusement à vous.

Pierre Hourcade

Ex.º Senhor

Dr. João Gaspar Simões

Rua Correia Teles, 15 – 2º E

Lisboa

⁴⁴ A obra, então em preparação, aqui referida (*Fernando Pessoa*. Paris. Pierre Seghers, 1960. Poètes d'aujourd'hui), que sucedeu à publicação da "Ode marítima" pelo mesmo editor (na coleção *Autour du Monde*, em 1955), reunia pela primeira vez, em edição francesa, poesia ortónima e dos três principais heterónimos. Sobre o contributo de Armand Guibert para a divulgação da obra de Pessoa em França, "Armand Guibert et Fernando Pessoa" (BRÉCHON, 2005).

[Tradução: carta de 28 de outubro de 1959]

Université de Toulouse
Institut Français au Portugal

PH/TP

Lisboa, 28 de outubro 1959

Meu querido João

Venho pedir-lhe um favor. Na sua vasta coleção de revistas literárias antigas tem você por acaso o nº 7 da Contemporânea (ignoro a data exata) onde estão publicados os três poemas de Fernando Pessoa escritos diretamente em francês com o título “Trois chansons mortes”? E podia você ter a extrema gentileza de me a emprestar durante um ou dois dias para que eu possa mandar copiar os textos em questão? Informo-o desde já que eles serão entregues ao Armand Guibert cujo insuspeito apostolado ao serviço da causa pessoana você já conhece que pretende incluí-los na antologia de Fernando Pessoa que a Seghers em breve vai publicar, ou mostrá-los numa exposição sobre Pessoa a realizar em França.

O mesmo, Armand Guibert, precisa também das fotografias de que foram tirados os clichés que ilustram a sua *Vida e Obra*. É certo que a Bertrand disponibilizou os negativos mas a sua medíocre qualidade não permite uma boa reprodução. Sabe você por acaso onde param essas fotografias, isto é, se ficaram na tipografia ou se foram devolvidas à família? Qualquer informação sua a este respeito será bem-vinda.

Desde já lhe agradeço, até breve e sempre afetuosamente muito seu.

Pierre Hourcade

Ex.º Senhor
Dr. João Gaspar Simões
Rua Correia Teles, 15 – 2º E
Lisboa

E16/1608

Pierre Hourcade
 Résidence 'La Clavière' (3)
 Chemin des Tamaris
 13100 Aix en Provence
 FRANCE

Aix 24 de Março de 1978

Meu caro João Simões,

Todos os anos, desde
 que regressei definitivamente do estrangeiro e
 raíguei a minha nova existência transformado em
 Aie (chegado acima), tive ocasião de passar uma
 temporada em Portugal. De cada vez, e especialmente
 quando passado, chamei o número de telefone que
 me tinham dado, como sendo o seu, e nunca conse-
 gui resposta. É preciso dizer que era em Agosto ou
 primeira quinzena de Setembro, e que, certamente,
 o J. G. Simões encontrava-se de férias, fora de Lisboa.

Este sentimento vontade de estabelecer
 o contacto com vocês, interrompido por várias
 viagens por terras de México e de Argentina (sem pos-
 sas pela fantasia da administração) deu-me a
 ideia de acompanhá-lo de seu endereço actual, que
 acaba de obter. É, vale, tenho mais um motivo, con-
 creto, descrevendo. É que o Heraldo, por sugestão de
 vários amigos, tem vindo a publicar as versões por-
 tuguês, como título de "Temas de literatura portuguesa"
 ("de Salas" um itinerário português) uma selecção
 dos meus estudos ou artigos sobre a literatura por-
 tuguêsa.

Fig. 6.1. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1608).

quinta dos séculos XIX e XX, com um "livro" ~~em~~
 em que, contando a história da minha vida
 lusa, confesso a minha dívida de gratidão para
 com a Besunje e só a isto, para com V. E. Deutch,
 naturalmente, em notas críticas para Colégio / Li-
 bra, tire várias oportunidades de pacificar. O que fez, há,
 trazendo assim, a minha modesta contribuição para
 a obra de reabilitação e de revalorização em curso, depois
 de tantos anos de absoluta negligência por parte da
 obra, aonde quer que um dos textos escolhidos
 para figurar na "Sal antologia" e uma confe-
 rência velha de vinte anos intitulada "Influências
 francesas na literatura portuguesa do século XIX" que
 o Simões, naqueles longínquos tempos, tinha traduzido
 a meu pedido (a tradução nunca foi publicada). Esta
 tradução, que naturalmente levava o nome ~~de~~ ^{de} ~~Simões~~
 pode naturalmente sair sem o seu consentimento
 e este consentimento que vou lhe solicitar. O livro
 não sair ainda este ano. Onde a necessidade de uma
 resposta urgente que, para ganhar tempo, seria talvez
 melhor que ~~comunicasse~~ ^{comunicasse} diretamente, seje qual for,
 ao Nelson de Matos, director da Moraes (Povo do
 século 34/2). Pode fazer-me este favor?
 De quem há parte de meu tempo desde
 1974, data da minha aposentação, a minha curso na
 Universidade de Bragança sobre autores modernos e contem-
 porâneos brasileiros e portugueses para os candidatos
 aos cursos de professorado do ensino liceal. O programa
 deste ano levava os Maíias (lembra-se que ~~três~~
 o seu Ego de Queiroz foi uma das bases essenciais do
 meu trabalho) e... A Liberdade das Flores, do Augusto

Fig. 6.2. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1608).

E16/1608

Abelaria, que me revelou, durante uma conversa que
 tive com ele, que o êxito do livro foi consequência do
 seu artigo de 22 de Outubro de 1959, republicado em
 Crítica III. Assim, a cada parte da minha carreira re-
 vade de "luisitannant", estarei, por assim dizer, com o
 Simões!

É provável que este ano ainda vá a Portu-
 gal. Espero sinceramente que, de lá, terei mais
 suíte que das anteriores, e que terei enfim a oportu-
 nidade de "la harpe le temps perdu" de uma amizade
 que, de um lado, nunca estive, e por clar apen-
 tas. Dou-me três filhos, um, uma rapariga, três pe-
 ças. Dou-me uma carreira de tradutora em português e espanhol. Ap-
 res a saída de 1930, nos tempos heroicos do Breugel,
 continuei a dar os meus frutos - e quem o sempre foi
 em grande parte o João Gaspar Simões.

Tive, inclusive, pena de não poder ir a Paris
 na ocasião da ^{João} conferência há poucas semanas no In-
 stituto da Gulbenkian. Quer falar da obra em
 Paris, o orador sendo o João, seria sido uma ocasião
 única de recordar um panadeiro de São Vito na nossa sai-
 dadade.

Vou fazer este ano 70 anos. O que me leva a
 abandonar definitivamente toda actividade univer-
 sitária, para dedicar "les restes d'une vie" qui tou-
 se et d'une ardeur qui se s'élève à réaliser enfim um
 velho projecto de estudo "Sobre Deus" cujo prepara-
 ção pelo menos durou três anos. Vou assim
 bruci-la bruci, il y terminera par où j'ai com-
 çado avare, et la Carlos Huenos.

Fig. 6.3. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1608).

Espero, quando poder. Não sei nada de João de-
pois da malfadada aventura do "Jaculé".
Um grande abraço de todo seu amigo
Pierre

Fig. 6.4. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1608).

6. Carta de 24 de março de 1978

Pierre Hourcade
Residence "La Clarière" (3)
Chemin des Tamaris
13100 Aix en Provence
França

Aix, 24 de março de 1978

Meu caro João Simões,

Todos os anos, desde que regressei definitivamente do estrangeiro e radiquei a minha existência de reformado em Aix (direção acima) tive ocasião de passar uma temporada em Portugal. De cada vez, e especialmente o verão passado, chamei o número de telefone que me tinha dado como sendo o seu e nunca consegui resposta. É preciso dizer que era em Agosto ou primeira quinzena de Setembro, e que, com certeza, o J. G. Simões encontra-se de férias, fora de Lisboa.

Esta persistente vontade de restabelecer o contacto entre nós, interrompido por minhas andanças por terras de México e da Turquia (impostas pela fantasia da administração) levou-me a pedir a confirmação do seu endereço atual, que acabo de obter. E, vá lá, tenho mais um motivo, concreto, de escrever-lhe. É que a Moraes, por sugestões de vários amigos, lembrou-se de publicar em versão portuguesa, com o título de "Temas de Literatura Portuguesa" (ou talvez "Um itinerário português") uma seleção dos meus estudos críticos sobre a literatura portuguesa dos séculos XIX e XX⁴⁵, com um "limiar" em que, contando a história da minha iniciação lusa, confesso a minha dívida de gratidão para com a *Presença* e sobretudo para com você (De resto, ultimamente, em notas críticas para *Colóquio/Letras*,⁴⁶ tive várias oportunidades de prestar-lhe justiça, trazendo assim a minha modesta contribuição para a obra de reabilitação e de revalorização em curso, depois de tantos anos de alguma injustiça partidária).

Ora, acontece que um dos textos escolhidos para figurar na antologia, é uma conferência velha de vinte anos intitulada "Influências francesas na literatura portuguesa do século XIX" que o Simões, naqueles longínquos tempos, tinha traduzido a meu pedido (a tradução nunca foi publicada). Esta tradução, que naturalmente levará o nome do seu autor, não pode naturalmente sair sem o seu consentimento, e é este consentimento que venho solicitar. O livro deve sair ainda este ano, donde a necessidade de uma resposta urgente que, para ganhar tempo,

⁴⁵ *Temas de Literatura Portuguesa* (1978).

⁴⁶ Entre 1975 e 1980, Pierre Hourcade publicou várias recensões críticas e um ensaio na revista *Colóquio Letras*.

seria talvez melhor que comunicasse diretamente, seja qual for, ao Nelson de Matos, diretor da Moraes (Rua do Século 34 / 2º). Pode fazer-me este favor?

Dediquei boa parte do meu tempo desde 1974, data da minha aposentação, a um curso na Université de Provence sobre autores modernos e contemporâneos brasileiros e portugueses para os candidatos aos concursos de professores do ensino liceal. O programa deste ano levava *Os Maias* (escusado dizer que o seu Eça de Queiroz foi uma das bases essenciais do meu trabalho⁴⁷) e... a *Cidade das Flores*, do Augusto Abelaira, que me revelou, durante uma conversa que tive com ele, que o êxito do livro foi consequência do seu artigo de 22 de Outubro de 1959, republicado em *Crítica III*⁴⁸. Assim, a cada passo da minha carreira renovada de “lusitanisante”, esbarro, por assim dizer, com o Simões!

É provável que este ano ainda irei a Portugal. Espero sinceramente que, desta vez, terei mais sorte que das anteriores, e que teremos enfim a oportunidade de “rattraper le temps perdu” de uma amizade que, do meu lado, nunca esmoreceu, apesar das aparências. Dos meus três filhos, um, uma rapariga, prepara-se para uma carreira de tradutora em português e espanhol. Assim a sêmola de 1930, nos tempos heroicos da *Presença*, continua a dar os seus frutos – e quem a semeou foi em grande parte o João Gaspar Simões.

Tive imensa pena de não poder ir a Paris na ocasião da sua conferência há poucas semanas no Instituto da Gulbenkian⁴⁹. Ouvir falar da *Presença* em Paris, o orador sendo o João. Teria sido uma ocasião única de recordar um passado ainda tão vivo na minha saudade.

Vou fazer este ano 70 anos, o que me leva a abandonar definitivamente toda atividade universitária, para dedicar “les restes d’une voix qui tombe et d’une ardeur qui s’éteint”⁵⁰ a realizar enfim um velho projeto de estudo “Sobre Pessoa” cuja preparação levar[á] pelo menos dois ou três anos. J’aurai ainsi bouclé la boucle, et je terminerai par où j’ai commencé – grâce à vous et à Carlos Queiroz”.

Escreva, quando puder. Não sei nada do João depois da malfadada aventura do “Século”.⁵¹

Um grande abraço deste seu amigo

Pierre Hourcade

⁴⁷ Hourcade refere-se a João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça Queiroz* (1973).

⁴⁸ Artigo publicado no *Diário de Notícias*, de 22 de outubro, 1959, pp. 7-8, e em *Crítica III*.

⁴⁹ Trata-se do Centre Culturel Portugais, Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris.

⁵⁰ Hourcade cita aqui as últimas palavras de *Oraison funèbre de Très Haut et Très Puissant Prince Louis de Bourbon, Prince de Conde* (1687), de Jacques Benigne Bossuet, frase que começa por: “Je réserve au troupeau que je dois nourrir de la parole de vie les restes d’une voix qui tombe et d’une ardeur qui s’éteint”, disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86069631>.

⁵¹ Hourcade faz referência à suspensão em 12 de fevereiro de 1977, por inviabilidade económica, do jornal *O Século* então dirigido por João Gaspar Simões que foi o seu último diretor.

E16/1609

Pierre Hourcade
 Residence "La Clairière" (S)
 Chemin des Tamaris
 3300 Arcs, Bordeaux

Arcs 31/16 A L n° 16 1978

Meu caro João,

Muito obrigado pela sua tão pre-
 sa e simpática resposta, que comunicarei a minha esposa e
 ao Nelson do Natal, interessado sobre o trabalho de não
 esquecer no ecclésiástico o nome do tradutor.

O cargo tem um a particularidade
 Algarve: é em, o primeiro de em Lisboa, quando, no dia
 seguinte, passa... para o Algarve, onde, de lá, três ou
 quatro anos para cá, passo algumas semanas de letu-
 ra no andar que uma prima do vizinho Alentejo, vi-
 dente no Sul de de a sua infância, tem em o litoral de
 Agua, o litoral de Alentejo, perto do Hotel Balaia, umas
 setecentas têm polido, em férias e para de solho,
 e um ambiente onde bastante pouco e muito! Con-
 clusão: o João tem de me dar a sua morada algarvia,
 os cargos, para ver, de em lá, em lá, e este ano. Gostaria
 mesmo de lhe dar o endereço de "em casa" há
 tantos anos, e de visitar comigo.

De muitas coisas, e essencialmente de Fernando
 Devo. Imagine que me foi apresentar um defeito re-

Fig. 7.1. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1609).

ment este ano, dando por assumido a um só co-
loração ocasional em a Universidade de Bona, e obedi-
as fuzas e o capitão de La Salle que com o seu ha a
um estudo sobre Bona, cujo trabalho não tem como
brevemente, e cujo título sua, mas os meus: "Oitenta e
poésias de F. P." Claro que a V. e D. é a minha referência
bairrada: há o manuseio, e mais enfino que ninguém,
a pesar de todas as críticas que se fizeram (incluindo as
muitas fúrias de ultrapassado. Estamos agora
na era das exigências ininteligíveis, por isso é que
que nem sempre poeira su livro os textos, por lo menos
com o devido atenção e modestia. Os poetas raras
e, lá nos de hoje só poeira ainda que o seu nome tempo.
Isto" Não me uma saudade de "sua" Bona

O livro não parece que vai andando. Claro que
a ideia em si ~~é~~ é supérflua, mas tem a insistente
muita hora de alguns amigos portugueses, nunca seria pen-
sando neste "exumação" de estudos já ultrapassados,
que se tem agora o movimento da data em que foram
redigidos.

Aliás de Bona, e era a minha
velho e fiel amigo de

P. H.

Fig. 7.2. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1609).

7. Carta de 30 de abril de 1978

Pierre Hourcade
 Résidence “La Clairière” (3)
 Chemins des Tamaris
 13100 Aix en Provence

Aix, 30 de Abril de 1978

Meu caro João,

Muito obrigado pela sua tão pronta e simpática resposta, que comuniquei imediatamente ao Nelson de Matos, insistindo sobre a necessidade de não esquecer na edição o nome do tradutor.

O amigo tem um apartamento no Algarve? E eu, a procurá-lo em Lisboa, quando, no dia seguinte, partia... para o Algarve, onde, de há três ou quatro anos para cá, passo algumas semanas de Setembro no andar que uma prima da minha mulher, residente no Porto desde a sua infância, tem em Olhos de Água, a leste de Albufeira, perto do hotel Balaia, num sítio ainda não poluído com falésias e praias de sonho, e um ambiente ainda bastante pacato e rústico! Conclusão: o João tem de me dar a sua morada algarvia, no caso, provável, de eu lá ir outra vez este ano. Gostaria imenso de lhe dar o abraço que tenho “em reserva” há tantos anos, e de conversar consigo.

De muitas coisas, e essencialmente de Fernando Pessoa. Imagine que resolvi aposentar-me definitivamente este ano, dando por terminada a minha colaboração ocasional com a Universidade de Provença, e dedicar as forças e a capacidade de trabalhar que ainda tenho a um estudo sobre Pessoa, cuja preparação deve levar dois ou três anos, e cujo título ser[á], mais ou menos: “O itinerário poético de F[ernando] P[essoa]”. Claro que a *V[ida]* e *O[bra]* é a minha referência basilar. Mais a manuseio, e mais verifico que ninguém, apesar de todas as críticas que se fizeram (inclusive as minhas!) foi capaz de ultrapassá-lo. Estamos agora na era das exegeses ininteligíveis, por parte de gente que nem sempre parece ter lido os textos, pelo menos com a devida atenção e modéstia. Os pedantes universitários de hoje são piores ainda que os do nosso tempo. “Isto” dá-me uma saudade da “sua” *Presença*...

O livreco parece que vai andando.⁵² Claro que a ideia em si é simpática, mas sem a insistente iniciativa de alguns amigos portugueses, nunca teria pensado nesta “exumação” de escritos já ultrapassados, que só têm agora o merecimento da *data* em que foram redigidos.

Até breve se Deus quiser, e creia na minha velha e fiel amizade.

Pierre Hourcade

⁵² Refere-se ao livro *Temas de Literatura Portuguesa* (1978).

BNP/E16

Pierre Hourcade
 Résidence "La Clamère" (3)
 Chemin des Tamaris
 13100 Aix-en-Provence
 FRANCE

Aix, 28 de Janeiro de
 1999

Meu velho e talentado amigo,
 Meus amigos ora sabem
 de quando em vez o seu artigo no Diário de Notícias
 de 18 deste mês sobre os meus "Temas". Fiquei
 extremamente sensibilizado pelas suas tão generosas
 afirmações. Se eu não lembrasse tudo quanto
 devia à Sr. e Sr. Desunço, ficaria normal com a minha
 consciência. Mas é no alho que ando muito
 atarefado no preparo das minhas obras sobre o
 "Itinerário político de Fernando Pessoa" que tenho com-
 preendido um acto de ingratidão ao seu respeito.

A sua observação sobre o João Diniz
 é perfeitamente justificada. A minha única desculpa
 é que desconhecia o livro de 1945, e que não
 tinha, de qualquer maneira, a possibilidade de encontrar um
 texto já antigo, e que não sei qual estore no original.
 Além disso, segue-se as provas, o que explica-se não
 justifica as qualidades colossais que tornam pelo menos
 dois textos (p. 28 - pp. 116 e 118) perfeitamente inus-

Fig. 8.1. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1610).

beliguar - Poema!...

O que eu devia ter feito é mandar o teu exemplar dedicado, com correções manuscritas dos erros. Se não o fiz foi para ganhar tempo, e para que recordasse o longo andar da tua aparição nas rubricas das Arrianas.

O mais pueril é ter saído a segunda parte do teu artigo com o título "Uma cultura ameaçada" que corresponde ao teu artigo saído no mesmo número. Vê sem razão: a obra dos revisores conscienciosos acaba. Prolação, ou não?

A única "emenda" que me permitiria fazer de respeito à minha actividade poética. Tenho começado antes de eu descolir as margens do Mondego, e em vez de acabar de o cutão, com a excepção de alguns períodos de estancamento mais ou menos prolongados o que he si que, o parte algumas aparições isoladas e compensantes, de 1938, nunca publiquei nada. Não tenho o tempo para idêntico "à comp. d'ansur", e aliás, quem se sentava na minha por uma produção que não é nem "solquibet", nem futurista, nem abstrata nem de filsofante. Os meus tentáculos, se é que lhes dá no gosto, ficam encarregados de reter a portabilidade e de ser os seus emendados. Com o que Corbin: "Il faut être un homme vivant et un artiste posthume".

O Simões nunca me deu o seu endereço no Algarve. Se ainda te voltas ali, gostaria mesmo de encontrar-te ali.

Muito e muito obrigado, e creio-me
Seu fiel e grato amigo e velho

João St

Fig. 8.2. Carta para João Gaspar Simões (BNP/E16, 1610).

8. Carta de 26 de janeiro de 1979

Pierre Hourcade

Résidence “La Clairière” (3)

Chemin des Tamaris

13100 Aix en Provence

FRANÇA

Aix, 26 de janeiro, 1979

Meu velho e excelente Amigo,

Mãos amigas acabam de mandar-me o seu artigo no *Diário de Notícias* de 18 deste mês sobre os meus *Temas*⁵³. Fiquei extremamente sensibilizado pelas suas tão generosas afirmações. Se eu não lembrasse tudo quanto devia a si, e à *Presença*, ficaria de mal com a minha consciência – e não é na altura em que ando metido até ao pescoço na preparação dum estudo sobre o “Itinerário poético de Fernando Pessoa” que podia cometer um acto de ingratidão ao seu respeito.

A sua observação sobre o João Penha é perfeitamente justificada⁵⁴. A minha única desculpa é que desconhecia de todo o seu estudo de 1945 e que não tinha, de qualquer maneira, a possibilidade de encontrar um texto já antigo, e que saiu tal qual estava no original.

Aliás, nem sequer revi as provas, o que explica – se não justifica – as gralhas colossais que tornam, pelo menos dois trechos (p. 26, pp. 116 a 118) perfeitamente ininteligíveis. Paciência!..

O que eu devia ter feito é mandar-lhe um exemplar dedicado, com correção manuscrita dos erros. Se não o fiz foi para ganhar tempo, e para que recebesse o livro antes da sua aparição nas montras das livrarias.

⁵³ Hourcade refere-se ao livro *Temas de Literatura Portuguesa* e à crítica de João Gaspar Simões publicada no segundo caderno do *Diário de Notícias*, de 18 de janeiro de 1979. Crítica na qual Simões relembra, com alguma emoção, os tempos vividos pelos dois em Coimbra nos anos da *Presença* e salienta o contributo importante de Pierre Hourcade para o desenvolvimento da crítica literária em Portugal. Simões escreve que: “foi graças a Pierre Hourcade que em mim despertou uma certa vocação de estudioso das fontes literárias da geração de 70” e mais adiante (referindo-se às críticas de todos os que se tinham “conjurado – família, parentes, amigos, camaradas, émulo na apreciação do mesmo poeta – para deitarem por terra a nossa biografia crítica [*Vida e Obra de Fernando Pessoa*]”), acrescenta que Hourcade, embora discordando do livro em muitos pontos, “surge como o primeiro a declarar que daí para o futuro, não mais se poderá falar de Pessoa sem ter em conta o nosso livro” (Gaspar Simões, 1979: 18).

⁵⁴ João Penha (1838-1919). Poeta, jornalista e crítico literário, português, um dos introdutores do parnasianismo em Portugal.

O mais patusco é ter saído a segunda parte do seu artigo com o título “Uma cultura ameaçada” que corresponde a outro artigo saído no mesmo número⁵⁵. Você tem razão: a raça dos revisores conscienciosos acabou. Paciência, outra vez!

A única “emenda” que me permitirei fazer diz respeito à minha atividade poética. Tinha começado antes de eu descobrir as margens do Mondego, e nunca *acabou desde então*, com a exceção de alguns períodos de estancamento mais ou menos prolongados. O que há é que, à parte algumas aparições isoladas compostas antes de 1938⁵⁶, nunca publiquei nada. Não tinha dinheiro para edição “à compte d’auteur”, e aliás quem se interessaria hoje por uma produção que não é nem “telquelista”, nem estruturalista, nem abstratamente filosofante. Os meus herdeiros, se é que lhes dá no goto, ficarão encarregados de revelar à posteridade estes tesouros escondidos, como dizia Cocteau: “Il faut être un homme vivant et un artiste posthume”.⁵⁷

O Simões nunca me deu o seu endereço no Algarve. Se ainda lá voltar este ano, gostaria imenso de encontrá-lo ali.

Muito e muito obrigado, e creia-me

Seu fiel e grato amigo velho

Pierre Hourcade

⁵⁵ De facto a continuação do artigo sobre *Temas de Literatura Portuguesa* aparece erradamente sob a designação “Uma cultura ameaçada”, título de um artigo sobre o preço dos livros científicos estrangeiros em Portugal, de Norberto Lopes, publicado no mesmo dia e na mesma página.

⁵⁶ Hourcade chegou a publicar alguns poemas seus na revista *Cahiers du Sud* (n.º 120, abril de 1930, pp.186-189) e na *Presença* (n.º 27, junho-julho de 1930, p. 3), na qual um dos poemas é dedicado à memória de Mário de Sá-Carneiro.

⁵⁷ Citação extraída de *Le rappel à l'ordre* (Librairie Stock, 1926).

Bibliografia

- BOURDON, Albert Alain (2005). "Aux Origines de l'Institut français au Portugal. Les relations culturelles entre la France et le Portugal au début du XX^{ème} siècle", in *Lisbonne Atelier du Lusitanisme Français*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, pp. 43-53.
- BRECHON, Robert (2005). "Armand Guibert et Fernando Pessoa", in *Lisbonne Atelier du Lusitanisme Français*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, pp. 89-93.
- GALHOZ, Maria Aliete (2007). "O equívoco de Coelho Pacheco" (2007), disponível em linha: <http://purl.pt/13858/1/volta-textos/equivoco-coelho-pacheco.html>
- HOURCADE, Pierre (2016). *A Mais Incerta das Certezas: itinerário poético de Fernando Pessoa*. Edição e tradução de Fernando Carmino Marques. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (1978). "À descoberta de Fernando Pessoa" [1959], in *Temas de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Moraes editores, pp. 155-169. Este artigo é a transcrição adaptada da palestra proferida no Teatro da Trindade, em Lisboa, durante uma sessão comemorativa do 24.º aniversário da morte de Fernando Pessoa. cf. "Ainda a propósito de Fernando Pessoa".
- ____ (1978). "Ainda a propósito de Fernando Pessoa" [1951], in *Temas de Literatura Portuguesa*, pp. 136-155. O artigo é a tradução portuguesa de um artigo publicado no *Bulletin des études portugaises*, vol. XV, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1951, pp. 151-181.
- ____ (1978). "O Ensaio e a Crítica na Presença" (tradução de Luiza Neto Jorge), in *Temas de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Moraes Editores, pp. 197-224.
- ____ (1963). "Descubrimiento de Fernando Pessoa" in *Artes y Letras*, n.º 2 (número dedicado a Fernando Pessoa), Universidad de Nuevo Leon, Junho, pp. 37-56.
- ____ (1936). "Uma Carta de Pierre Hourcade", in *Presença*, n.º 27, Coimbra, junho-julho, p. 12.
- ____ (1933). "Brève Introduction à Fernando Pessoa", in *Cahiers du Sud*, n.º 147, Marseille, janeiro, pp. 66-73.
- ____ (1931). "Panorama du Modernisme Littéraire en Portugal", in *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. I, pp. 69-78.
- ____ (1930). "Rencontre avec Fernando Pessoa", in *Contacts*, n.º 3, Paris, pp. 24-44.
- PESSOA, Fernando (2016). *Obra Completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1973). *Novas Poesias Inéditas*. Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno. Lisboa: Ática.
- ____ (1962). *Antología*. Selección, traducción y prólogo de Octavio Paz. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- ____ (1960). *Fernando Pessoa*. Présentation et traduction d'Armand Guibert. Paris: Pierre Seghers. "Poètes d'aujourd'hui", n.º 73.
- ____ (1957). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Introdução, apêndice e notas do destinatário. Lisboa: Europa-América.
- ____ (1956). *Poesias Inéditas (1919-1930)*. Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio. Lisboa: Ática.
- ____ (1955). *Poesias Inéditas (1930-1935)*. Nota prévia de Jorge Nemésio. Lisboa: Ática.
- ____ (1945). *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*. Introdução de Joel Serrão, Lisboa: Confluência.
- SIMÕES, João Gaspar (1979). "Temas de Literatura Portuguesa", in *Diário de Notícias*, 18 de janeiro, pp.18-19.